

REVISTA DA SEMANA

Nº 1

CR\$ 2.00 EM TODO O BRASIL

3.1.48

*Holiday Breeding
Revista da Semana
Puto Hay Luvit*



BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

PARA O HOMEM E PARA A MULHER

Divirta-se, instrua-se, aprenda e aproveite seu tempo, lendo ALMANAQUE EU SEI TUDO, para 1948, que está à venda.

Por Cr\$ 15,00, — no país inteiro, — os seus leitores conhecerão o que há de mais moderno e interessante em todo o mundo e o que guarda através dos tempos, a eterna beleza do passado. Ciência, arte, esporte, literatura, charadas, diversões, acontecimentos palpitantes, e um calendário completo para 1948.



ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL
SEM AUMENTO DE PREÇO

Pedidos à COMPANHIA EDITORA AMERICANA
Rua Visconde de Maranguape n.º 15 — Rio de Janeiro

ALMANAQUE EU SEI TUDO

O COMPLEXO DAS MISSANGAS

No apartamento do escritor, a conversa depois de aportar em Sartre, descarregar e carregar em Jean Cocteau e navegar em sobressaltos pela crise nacional, chegou ao fundo humano do brasileiro — e deitou âncora.

Genolino Amado tinha lido a sua última peça para o grupo. Estava de copo de wiskey na mão, de pé, deitando gelo:

— O brasileiro pensa por comparação — disse — e detratadamente. Por exemplo. Para exprimir um juízo sobre a obra de um escritor julga imprescindível deprimir a de outros, apresentar o criticado de pé, vitorioso, no meio de vencidos. A comparação é feita raramente em termos de análise. Quase sempre em figuração de combate, um vencendo o outro.

(Lembrei de Augusto Rodrigues — «Dizem que eu vim para o Rio e venci. Venci quem?»)

Genolino prosseguiu na observação, trazendo para a palestra aqueles achados de observações de que é mestre consumado. Então, do seu canto, saltou Ernani Fornari, com aquele seu ar misto de espadachim com oficial administrativo classe k. Trouxe para o grupo a sua contribuição:

— Nada disso é fundamental — contestou. — O que caracteriza mesmo a nossa história é o «complexo das missangas». É uma impressão da infância da nacionalidade, como se explica em psicanálise, e que determina até hoje reações importantes. O «complexo das missangas» merece um Tratado. É científico, é comprovado. Atua sobretudo em política. Vem de longe, dos nossos primeiros tempos, mas até hoje...

Guilherme Figueiredo interrompeu do fundo da poltrona onde estava roendo na unha do polegar esquerdo uns restos da impressão forte da última peça de Genolino:

— Vamos, Fornari. Não faz prefácio. Vamos ao Tratado.

A governanta do Genolino apontou na porta, de chapéu. Dia de folga, noite de cinema. «Seu doutor não precisa de nada?» — Não, seu doutor não precisava de nada. Para o cafezinho de noite a dentro a gente contava com o Fornari, que é ótimo no coador, na água fervendo, na mistura cheirosa do pó preto.

A criada saiu. Foi ver a «em série». No apartamento ficou a expectativa do «complexo das missangas». Fornari revelou:

— Nos Estados Unidos, os pioneiros conquistaram a terra palmo a palmo, de trabuco na mão. Vinham os índios a cavalo, gritando, e eles punham as carretas em círculo, tiroteavam os assaltantes.

— Sim, mas... e as missangas?

— Na América a terra foi cedida pedaço por pedaço, a poder de mortes. As cidades na época da mineração conheceram lutas de grupos. A dominação era fruto do valor, da iniciativa e muitas vezes da força.

Estava virando conferência. Parecia peça de Joracy Camargo. Houve protestos. Queríamos as missangas.

— Bem, vocês já compreenderam — admitiu Fornari. No Brasil, o país foi cedido em troca de missangas. E continua. Falavam por aí nos chavantes, na truculência dos chavantes. Era a minha esperança. Com eles, diziam, não tinha missangas, era no tacape, na borduna, na cabeça de branco esmagada. Mas qual, até eles vieram no pio, com missangas também. A raça que vai sair da ilha do Bananal, da chavantina, vai dar uma civilização também nascida sob o «complexo das missangas», acomodada, sonolenta.

A coisa estava ficando clara. Os wiskeys baixavam nos copos, aos goles.

— Até hoje, vocês estão vendo, as missangas andam por aí. Territórios morais, regiões políticas, tudo vai sendo cedido em troca de missangas. A gente às vezes se engana, pensa: «Agora eles vão se pegar. Quem for melhor, leva». Mas aparece um dos dois, de missangas na mão, e fazem o negócio. Em política, em ciência, em futebol, em pif-paf... De alto a baixo, o Brasil está infestado, minado, pelo missanguismo. O «deixa disso» é filho direto das missangas, é um estado de espírito de capitulação, de transigência sem motivo. Estas missangas da época colonial foram o diabo.

— Mas os botucudos comeram o bispo Sardinha — opus eu, orgulhoso da ferocidade dos meus conterrâneos.

— É porque o bispo, na hora da afobação, não achou o rosário — explicou Genolino Amado, sem dúvida alguma com invejável argúcia e segurança de historiador.

CLOVIS RAMALHETE (Especial para REVISTA DA SEMANA)

SUMÁRIO

BIBLIOTHECA NA
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEG.

COLABORAÇÃO:

O complexo das missangas (Clóvis Ramalhete)	3
Ou vai ou racha (Viriato Correia)	14
Um livro que abalou a Inglaterra (Jorge Mala)	19

BIOGRAFIA:

A vida de Wagner (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	26
---	----

HUMORISMO:

Bom humor	12/13
-----------	-------

REPORTAGENS:

Sabotagem ao Banco de Sangue, da Prefeitura (Ney Machado)	6/11
Janet Leigh, a "estrêla" que foi descoberta duas vezes (Luís Serrano)	24/25
Um verdadeiro tesouro artístico recuperado após meio século de extravió (James R. Davidson)	30/35

CONTOS:

Não cozinhava, não lavava, não costurava (Thereza de Almeida)	20/21
O equívoco (José Geraldq Mota Florence)	22/23
Rosa desfolhada (Alberto Leal)	28/29

SEÇÕES PERMANENTES:

A Semana em Revista	4
O Mundo Marcha	5
Gente de rádio	27
Música	36
Cancioneiro Internacional	51

SUPLEMENTO DA MULHER:

Nos bastidores femininos (Kitty)	37
O espírito feminino através dos tempos	38
A personalidade da Semana (Yvonne Jean)	39
Mães e filhos (Zóia de Laet)	40
Muro das lamentações	41
Figurinos de Ana Zagorska	40/41
"Week-end" da Cozinha (Marie Cook)	42
Caixa de ressonância (Herman Lima)	43

FOLHETIM:

"Na cova das serpentes" (Mary Jane Ward-Frank Godwin)	57/58
---	-------

ILUSTRAÇÕES:

Armando Pacheco, Armando Moura e Abelardo Zaluar.

NOSSA CAPA

A REVISTA inicia o ano novo apresentando na capa a figura perturbadora de Rita "Gilda" Hayworth. Divorciada de Orson Welles, nós os teremos novamente juntos em um mesmo filme, que será "A Dama de Shangai", e, ao que se diz, ponto de partida para a reconciliação do "gênio" com a "Gilda". Oxalá que o novo ano realize os desejos do jovem par... e também os nossos.



A SEMANA EM REVISTA

UM SOLDADO ILUSTRE A SERVIÇO DA REPÚBLICA



A morte do general João Gomes Ribeiro Filho constituiu uma grande perda para o nosso exército e causou grande consternação nos círculos militares e políticos. Na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, a personalidade do ilustre brasileiro foi exaltada em palavras repassadas de justiça por vários oradores, os quais fixaram aspectos expressivos de sua biografia. Na verdade, essas homenagens foram merecidas. Soldado da velha escola, João Gomes Ribeiro Filho foi um homem digno, um militar brioso, um expoente de sua classe, que soube honrar pela sua bravura, pela sua sobriedade e espírito cívico. Foi, antes de tudo, um soldado a serviço da legalidade. Em plena revolta da Armada, ajudava a manter Floriano Peixoto no poder e a preservar a República das investidas de Saldanha da Gama e Custódio José de Melo, no ano de 1894, como comandante de um corpo de atiradores, a bordo do cruzador "Andrada", que deu combate ao famoso "Aquidaban". Tinha, então, cinco anos de vida militar, pois assentara praça em 1889, aos dezoito anos de idade. Fazendo com brilho sua carreira militar, distinguiu-se de maneira bastante significativa quando, enfrentando a coluna revolucionária comandada pelo então capitão e hoje senador Luís Carlos Prestes, levou os rebeldes de vencida, forçando-os a se internarem na Bolívia. Em 1932, não quis assumir atitude de repressão ao movimento revolucionário de São Paulo, — o movimento constitucionalista. Nessa

ocasião, conforme lembrou um dos oradores, o ditador Getúlio Vargas, investido então no título de "chefe do governo provisório", teria feito um apelo a João Gomes, perguntando: "Mas o senhor não foi sempre um soldado da legalidade?" Ao que ele teria respondido: "E quem me garante, agora, de que lado está a legalidade?" Os acontecimentos (e talvez essa própria resposta) fizeram o sr. Getúlio Vargas convidá-lo para ministro da Guerra, ao se tornar legal o seu governo, com a eleição indireta, de 1934, pela Câmara. Em 1935, revelando bravura e sangue frio incomparáveis, o general João Gomes dominou a insurreição comunista, na Praia Vermelha e no Campo dos Afonsos. E, em 1937, recusou sua participação na articulação do golpe totalitário do sr. Getúlio Vargas, declarando: "Eu nunca fiz revolução, — nem de baixo para cima, nem de cima para baixo". Deixou o Ministério da Guerra, de cabeça erguida, — e afastou-se da caserna, reformado e hostilizado, depois de ter servido à República como poucos a terão servido. Em sua vida, ninguém aponta uma falha, um desdouro, uma exaltação pueril, um ato impensado. Nem mesmo nos momentos em que as paixões cegavam os homens ele se alterava. Foi um dos militares que conservaram a cabeça no seu lugar, no caso das famosas cartas falsas atribuídas ao sr. Arthur Bernardes. Para ele, bastava o sr. Bernardes ter negado a autoria dessas cartas, por si mesmo e por seu advogado, senador Barbosa Lima, para convencê-lo da fraude. Homem sincero, um pouco rude, embora, soube viver com dignidade e jamais maculou a sua espada. Merece, por isso, as homenagens não só dos militares, mas de todos os cidadãos brasileiros. Sua vida é um exemplo. É um belo exemplo.

BARATAS, BARATAS, BARATAS...

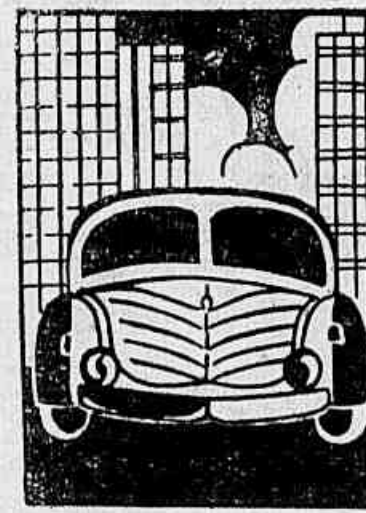


As autoridades sanitárias municipais estão fazendo uma campanha digna de todos os aplausos, campanha que precisa ser encorajada, para que a imundície não volte a ser o "prato do dia" dos nossos principais restaurantes. É a campanha contra a sujeira o cinismo dos donos dessas casas em que o carioca se envenena, pensando que está se alimentando. Sabe o leitor que o grandíssimo Albamar, onde só por empenho se obtinha uma mesa, era um primor de sujeira, cozinhando em latas velhas a comida fornecida aos seus fregueses? E que o Tourist, igualmente grandioso, que dizem ser o restaurante preferido pelo vice-presidente da República, põe as rãs mortas as rãs que servem "doréas" aos seus fregueses, dentro da própria lata do lixo? E que a Fumaça da Onça do Leme estava fazendo pratos balanos com peixe podre? E que no Restaurante Progresso, da rua Chile n. 33, o número de baratas mortas durante a desinfecção deu para encher um saco de sessenta quilos? O leitor deve ficar assombrado, não só com toda essa imundície, nem com os ovos podres com que a Confeitaria Francesa faz seus "doces finos para festas e batizados", mas, principalmente, com os sessenta quilos de baratas do Restaurante Progresso! Mas essa informação foi

MAS ONDE ESTÁ A CLAYTONAGEM?

publicada com todas as letras e todos os números, por um dos matutinos mais lidos do Rio de Janeiro. Embora todos os dias nos jornais e no rádio saiam anúncios de novos insecticidas, — se as baratas o atormentam, atormentem também as baratas com... X! — parece incrível que num só restaurante possam se acumular sessenta quilos de baratas... seis quilos, mesmo, já seriam demais... O que acontece? É que os donos desses negócios não querem perder tempo com a limpeza, nem dinheiro com a compra de insecticidas. Mas acontece que a Prefeitura tem, igualmente, culpa no cartório. Vamos explicar. Antigamente a Prefeitura fazia ou exigia que a City fizesse uma coisa chamada tecnicamente de claytonagem, ou seja a fumigação dos esgotos, com gases venenosos, pelo sistema de Clayton, para matar ratos, baratas e outros seres daninhos. Adotada essa providência por ocasião dos surtos de bubônica, foi, entretanto, inexplicavelmente suprimida. O espetáculo de claytonagem, que era frequente, desapareceu das vistas dos cariocas... e os ratos e baratas se multiplicaram! Deve a Prefeitura fechar os estabelecimentos onde haja baratas e sujeira, mas deve cooperar também para a eliminação desses daninhos ortópteros, com o restabelecimento da claytonagem. Outra coisa a comentar nessa campanha é a inanição das punições; interdição por 24 horas, para a limpeza! Nem multa, nem rigor maior no fechamento... É preciso, entretanto, que esses estabelecimentos faltosos sejam revistados e que as punições não se limitem a coisas tão inconsistentes, pois, do contrário, a campanha deixará de ser levada a sério.

AINDA A PROPÓSITO DE AUTOMÓVEIS...



O deputado Altamirando Requião, o tal que havia embarcado para a Bahia um automóvel pertencente à Câmara dos Deputados, como se fosse coisa sua, de uso privado, fez um discurso lamentável, pela sua necedade, como pela ausência de quaisquer argumentos hábeis, ou válidos, tentando justificar o feio ato que cometeu. Além de aludir a "pasquinadas" da imprensa, quando devia dizer "vigilância", quis se justificar com os abusos de outros, — inculcando o mesmo delito ao ex-líder da maioria, sr. Cirilo Junior, que logo o desmentiu, mostrando que, em vez de levar para São Paulo o carro da Câmara, de seu uso, deixara-o com o sub-líder, sr. Acúrcio Torres... Em suma: um desastre, a tal "defesa", que ainda mais comprometeu o acusado... Enquanto isso, prossegue a "orgia dos carros oficiais". A Comissão Central de Preços vai ter um novo, o Ministério da Justiça mais um... Ainda domingo, comentando a multiplicação

dos carros oficiais, — nem sempre em serviço oficial... — escrevia, num dos seus excelentes tópicos, o "Correio da Manhã": "Está aí um assunto que merece a atenção do presidente da República, já que os seus ministros não lhe dão o devido apreço. A verdade é que o país não comporta novos gastos com automóveis e outros objetos de luxo, muito embora haja, a esse respeito, uma espécie de orgia, que consideramos reprovável. O próprio Congresso Nacional deveria ser o primeiro a dar o bom exemplo, mas não é isso, absolutamente, o que ocorre. Nunca como agora o Parlamento dispôs de tantos automóveis, bastando citar que os segundos, terceiros e quartos secretários de cada mesa das duas Casas do Legislativo têm carros, chauffeurs e gasolina à sua disposição, isso afora os presidentes e os líderes, quer da maioria, quer da minoria! Outro caso a citar é o do Tribunal Superior Eleitoral, onde cada ministro tem um automóvel oficial. Alguns deles, que não conseguiram ainda carro de 1947, estão à espera destes para a desastrosa troca com os de fabricação anterior, que os servem. Parece, assim, que vemos num país de nababos; quando o fato é que a miséria está aí à vista de toda gente e só um número muito reduzido é que recebe o bafejo da fortuna."

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário: R. MAGALHAES JUNIOR

ANO XLVII — N.º 1 — 3-1-1948

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A décima das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 2,00 em todo o Brasil; atacadado, Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corr. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 142

EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1569; — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro

Tobias, 613, 2.º andar — Sala 217.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituintes, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 32 — Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



MORREU novamente o ex-rei Vitorio Emanuel III, que, com o nome de conde de Pollenzo, vivia exilado, em Alexandria. Dizemos novamente porque o ex-rei morrera a primeira vez na ocasião em que, para a desgraça da Itália e dos Italianos, se entregou à mercê do totalitarismo mussoliniano. O governo municipal vai dar subvenções às sociedades carnavalescas. O "Diário da Noite" se embandeirou em arco e disse que sairão neste carnaval todas seis. As subvenções foram de cem mil cruzeiros para os Fenianos, Tenentes e Democráticos, e de oitenta mil para os Pierrots, Cariocas e Embaixada do Sossêgo. E... já dá para comprar confete... Mais um acórdão ortográfico foi aprovado pelas Academias de Letras de Lisboa e do Brasil, para mais uma vez, não ser cumprido... Voltaram à circulação várias consoantes desnecessárias e deixaram de ter uso vários acentos necessários... Esses acadêmicos têm cada uma! Para que uma nova reforma, quando mal vai se fixando na memória do povo a última da série? O Partido Comunista Grego foi colocado fora da lei, dizem os telegramas. Ao mesmo tempo, os círculos internacionais manifestam apreensão a respeito do reconhecimento do governo revolucionário do general Markos, líder comunista do Norte da Grécia, pela Rússia e seus satélites. Na França, foi aprovado o orçamento de 900 milhões de francos proposto pelo premier Robert Schuman, votando a favor 387 deputados e contra 215. Os que votaram contra foram os da extrema-direita (de gaullistas) e os da extrema-esquerda (comuniscas). Anuncia o jornal "Figaro" que as publicações comunistas francesas, "Ce Soir", "L'Humanité", "L'Avant Garde" e "France d'abord", já não podem ser lidas nos quartéis, por decisão do governo centrista da França. A nota de maior sensação da semana, no domínio internacional, foi a atitude da Assembléia Legislativa do Panamá, recusando, por unanimidade, aprovação a um acórdão panamenho-norte-americano, que visava a concessão de bases militares, em caráter permanente, aos Estados Unidos. A reação de Washington foi de grande surpresa, o que mostra até que ponto o embaixador norte-americano, general Frank Hines, estava mal informado e mal informara ao seu governo. Fala-se que os Estados Unidos providenciarão a construção de um novo canal, através da Nicarágua, plano que já esteve em estudos anteriormente, mas que foi abandonado em favor do projeto executado no Istmo de Panamá. O jornalista inglês Stuart Gelder, correspondente do órgão londrino "News Chronicle" em Nova York, afirmou que é certo, o lançamento da candidatura do ilustre estadista Henry Wallace à presidência dos Estados Unidos por um terceiro partido. E acrescentou: "A decisão de Wallace causará desânimo no seio do Partido Democrático e contentamento no Partido Republicano. Embora não possa vencer por si só, Wallace desviará do Partido Democrático um número de votos suficientes para dar a vitória ao Partido Republicano". Está se tornando cada vez mais séria a situação dos nacionalistas chineses na Manchúria, segundo dizem os jornais de domingo. O presidente Chiang Kai Shek, por intermédio de instruções pessoais, proibiu a divulgação de informações militares por funcionários do governo. Esta decisão foi tomada num momento em que as notícias procedentes do norte indicam que a posição das tropas nacionalistas na Manchúria é cada vez mais grave. O presidente Chiang determinou severo castigo para os violadores de sua ordem de segredo. Até mesmo as fontes governistas, no entanto, admitem que os comunistas estão ganhando terreno a oeste da área de Liaoning, onde os combates têm sido mais intensos. O Teatro do Estudante transferiu sua estréia, com "Hamlet", de Shakespeare, no Fenix, para o dia 6 do corrente, em recita de gala. Depois, dará "A Castro", uma tragédia portuguesa, e "Antígona", a obra clássica de Sófocles. Grandes sucessos: o de "Divórcio", que continua de vento em popa, no Serrador, com Procópio, Bibi Ferreira e Alma Flora, e o de "Uma estranha aventura" (Avatar), de Genolino Amado, na interpretação de Dulcina e Odilon, em São Paulo, no Santana. Espetáculo melancólico, o regresso da antiga "estréia" Aracy Côrtes, ao teatro, no Carlos Gomes, numa revista que corresponde bem ao seu título. Gorda, pesada, madurona, sem graça e sem voz, por que ela não faz como Margarida Max e Otília Amorim, suas contemporâneas, que deram o fora de uma vez? O cúmulo dos absurdos: a medida injusta, inconveniente e arbitrária da Inspeção do Tráfego, proibindo que os autos-particulares façam lotação, sob a alegação falsa e insustentável de que o problema já está praticamente resolvido... Ao mesmo tempo, contradizendo-se, a polícia permite que os ônibus em vez de dez, conduzam vinte passageiros em pé... Até parece que a polícia foi eleita padroeira das empresas de ônibus e protetora das filas... enfim, isto é o Brasil e estamos na sua infelicíssima capital... O Ministério da Aeronáutica anunciou a morte de todos os tripulantes do Catalina PBY-503, caído nas selvas amazônicas. Na mesma ocasião, caiu, em Minas outro aparelho militar, do Serviço Geográfico, perecendo todos os passageiros. Em entrevistas e artigos, várias personalidades de destaque aplaudem a indicação do nome do sr. Oswaldo Aranha, ex-ministro das Relações Exteriores e por duas vezes presidente da Assembléia Geral da ONU, para o Prêmio Nobel da Paz. Foi transferido totalmente a cidadãos brasileiros o controle das ações da Panair do Brasil, que, assim, se torna independente da Pan American Airways, dos Estados Unidos, que ajudou a fundá-la. No Rio Grande do Sul, anunciou-se que o ex-ditador Getúlio Vargas estaria conspirando no sentido de voltar ao poder por meios violentos. O sr. Raul Pila endossou essas declarações, com sua autoridade de presidente do Partido Libertador e de deputado federal. No aeroporto, um corregedor colocou uma valise contendo oitocentos mil cruzeiros de joias, não no carro do seu dono, Giorgio Piccolo, mas no de outro passageiro, sr. Hilário Ribeiro. Quando já havia sido preso pela polícia, o "culpado" na pessoa do chofer João Baptista que negava a pes juntos o crime que lhe era imputado, o sr. Hilário apareceu com a bolsa de joias, para entregar ao dono e, assim, inocentou o "criminoso"... E, por hoje, chega. Até sábado vindouro!

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ansias e vontade de vomitar, biliosidade, arrótos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

...

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

...

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

- 1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço de 10, e no máximo oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramatizada, interessante, humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em conto, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades deverão ser respeitadas.

"COISAS QUE NÃO FAREI EM 1948"

Na crônica de nossa colaboradora Lúcia Benedetti, estampada em nossa edição passada, a brilhante autora de "Entrada de Serviço" escrevera, a propósito dos pintores acadêmicos: "Há qualquer coisa entre eles e eu". Mas a composição e a revisão, por uma dessas colaborações eventuais e inexplicáveis, truncou a sentença para: "Há qualquer coisa entre eles e mim". — coisa que uma escritora com o "back-ground" cultural de Lúcia Benedetti não poderia fazer, por se tratar de erro palmar de gramática. Pedindo desculpas à nossa colaboradora pelo erro que essa colaboração pouco inspirada incluiu em sua excelente crônica, aqui fica a retificação necessária...

OFICINA DE 1º GR
DEM AVIAR-SE RE
CEITAS MEDICAS
COM EXATIDAO

O PINCE-NEZ DE OURO

Joalheria

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

JOIAS, RELÓGIOS,
BRILHANTES E AR-
TIGOS PARA PRE-
SENTES.

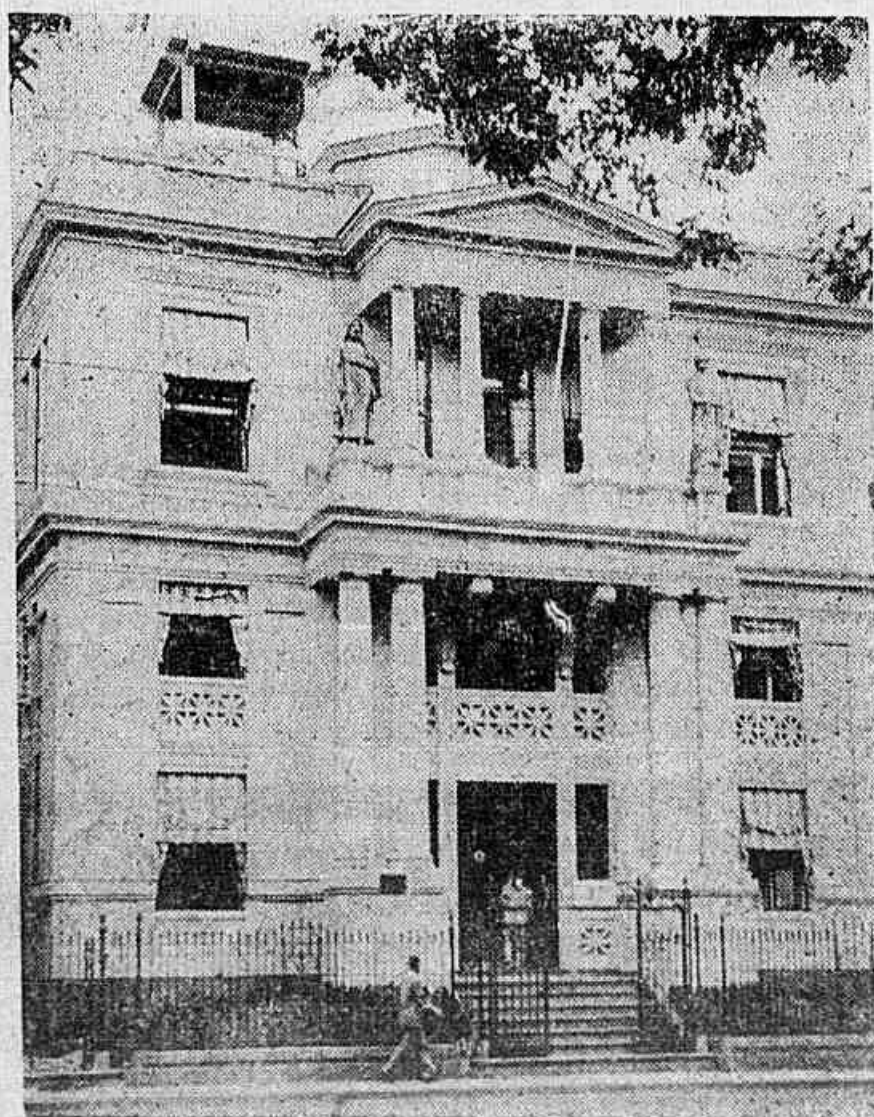
LUIS R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO



Em cima: dona Georgelina de Souza, no momento em que terminava a punção. Esta senhora vem doando sangue há mais de dois anos e nenhuma das vezes sentiu a menor indisposição física durante ou depois da punção. A direita: o doutor Manuel Dias, travestido de "Fantasma Voador", prepara o plasma sanguíneo. Esta rigorosa assepsia garante um condicionamento com por cento perfeito. Uma prova disso é a ausência absoluta de quaisquer acidentes provocados pelo sangue e pelo plasma remetidos pelo Banco de Sangue da Prefeitura. O ar deste gabinete é filtrado e condicionado, de maneira que a temperatura permaneça sempre em vinte graus centígrados.

SABOTAGEM AO BANCO DE SANGUE DA PREFEITURA

OS "CRISTÃOS" PARA USO INTERNO NEM COM AS PALAVRAS DE JESUS SE COMOVERAM — VINTE E CINCO DOADORES VOLUNTÁRIOS A MENOS TODOS OS DIAS — FAZER CARIDADE SEM SABER A QUEM — O HOMEM QUE JA' DOOU VINTE VEZES O SANGUE QUE TEM NO CORPO — O HOSPITAL DO PRONTO SOCORRO É O MAIOR CONSUMIDOR DO ESTOQUE — SE VOCÊ GOZA SAÚDE, QUATROCENTAS GRAMAS DE SANGUE NÃO LHE FARÃO FALTA — FALAM OS NOVATOS NA MESA DA COLETA, DURANTE A PUNÇÃO — CAFÉ, BISCOITOS E LARANJADA PARA REANIMAR OS DOADORES — UMA CAMPANHA A SER FEITA — APÊLO AO LEITOR



Reportagem de NEY MACHADO

Fotos de ARNALDO VIEIRA

Há um banco no Rio que não cobra nem paga juros e onde qualquer cidadão pode fazer retirada mesmo que nunca tenha feito antes qualquer depósito. Essa instituição singular é o Banco de Sangue da Prefeitura, funcionando há três anos à rua Teixeira de Freitas n° 27, próximo ao largo da Lapa. Surgiu em 1945, quando muitos dos seus congêneres que trabalham com metal sonante começaram a cerrar as portas, não aguentando as restrições e a deflação que se iniciavam. O Banco de Sangue, ao contrário, tem progredido cada vez mais e os seus depósitos aumentam cada semestre, se bem que ainda não alcancem o mínimo satisfatório para uma cidade como o Rio, de dois milhões de habitantes. Quando se compreende a utilidade desse estabelecimento que distribui vida gratuitamente aos habitantes da cidade, não se pode deixar de perguntar por que não apareceu há mais tempo, desde a época, pelo menos, em que a medicina tornou uma realidade prática o armazenamento do sangue condicionado, acabando com as transfusões de braço a braço. Antes de ele existir não havia

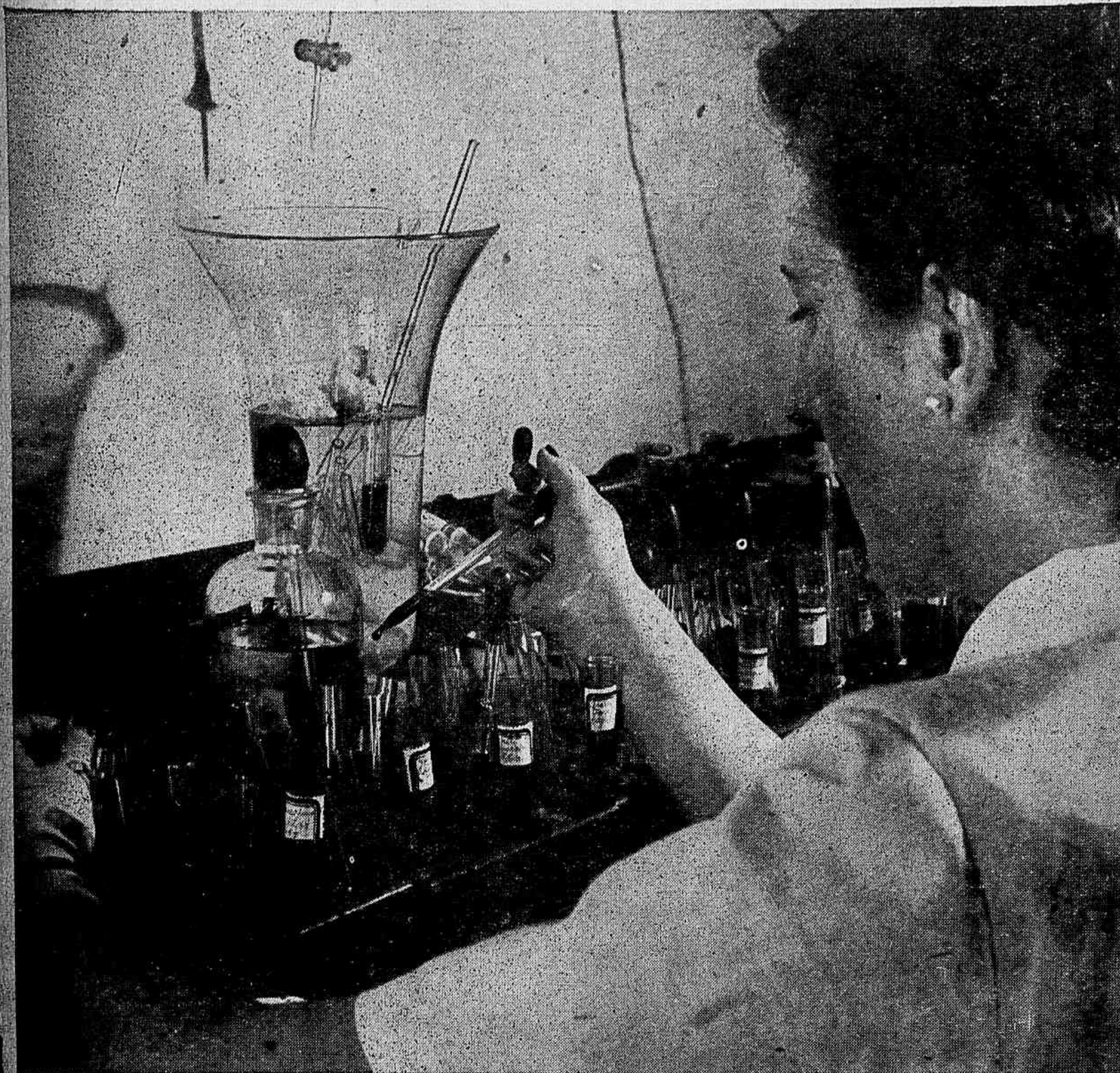
O edifício do Banco de Sangue da Prefeitura, à rua Teixeira de Freitas, 27, na Lapa. Deste Banco saem mensalmente setenta litros de sangue para os hospitais da Prefeitura.

rigor no selecionamento dos diversos tipos de sangue a empregar, nem um perfeito controle do estado físico dos doadores, quase todos profissionais e que, apesar de pagos para vender um pouco do seu sangue, vendiam uma espécie de «ersatz» sanguínea, tal o esgotamento em que se encontravam.

FABRICAS AMBULANTES DE SANGUE RALO...

Somente os hospitais municipais têm uma necessidade de, pelo menos, setenta litros mensais de sangue e plasma para atender às dezenas de acidentados e doentes diversos. Até 1945 essa necessidade era resolvida por um corpo de vinte e dois doadores profissionais e, esporadicamente, por um ou outro benemérito voluntário. Aquêles reduzido corpo de vinte e dois doadores era sangrado todos os meses, com tal regularidade que se tornavam, à força, verdadeiras fábricas ambulantes do líquido precioso. Aquela sangria mensal era um excesso, pois a técnica manda que a doação seja feita de dois em dois meses, tempo necessário para que o organismo se refaça de novos glóbulos vermelhos. Daquela má orientação resultava que, além dos «deficits» permanentes de sangue nos hospitais, o teor de hemoglobina do sangue retirado das vinte e duas fábricas humanas ficava cada vez mais





A doutora Maria Brasília Lemos Lopes, diretora do Departamento Técnico do Banco de Sangue, é um dos mais perfeitos hematólogos da América. Seus estudos sobre o fator RH, responsável, entre outras coisas, pela eritroblastose fetal, são extensos.

baixo. Alguns, nada tendo mais para vender, vendiam água salgada, de cor levemente avermelhada, que era tudo que lhes restava nas veias.

A HISTÓRIA DO ABNEGADO VAREJÃO

No tempo em que se vendia sangue ralo a oitocentos mil réis o litro, houve um abnegado enfermeiro que durante muitos anos doou voluntária e graciosamente seu sangue aos doentes do Hospital do Pronto Socorro, onde trabalhava. Este homem, Antônio Varejão, doou um total de cento e oito litros de sangue saudável, vinte vezes o volume do que possui no organismo. O humanitarismo daquele enfermeiro foi reconhecido pelo governo, que o aposentou pelos bons serviços prestados à nação e o galardoou com a medalha humanitária de primeira classe.

O Banco de Sangue tem um doador voluntário, o sr. João Batista Martins, funcionário da Cruzeiro do Sul, que vai seguindo o exemplo de Varejão. Já doou, durante os três anos de funcionamento do Banco, oito litros, quase duas vezes o total que corre dentro de suas veias.

COMO VIVE O BANCO DE SANGUE

O dr. Miguel Meira de Vasconcelos, fundador do Banco, que se instalou oficialmente em 9 de janeiro de 1945, apesar da dedicação empregada, não conseguiu levantar um grande «capital». Ainda hoje o Banco vive em parte de doadores profissionais, pagos à razão de um cruzeiro e vinte centavos por grama de sangue doado. Para existir necessita, principalmente, de doadores voluntários. Para isso conta com as pessoas que se apresentam espontaneamente em sua sede e com as que lhe enviam os hospitais da Prefeitura, estas geralmente amigas ou parentes de doentes internados naqueles nosocômios. Para que o Banco recebesse maior número de doadores, seria necessária uma campanha intensa por parte dos hospitais públicos, remetendo para lá o maior número possível de doadores. Essa campanha, entretanto, nunca se fez. O médico Raul Ribeiro Alves, do Hospital Jesus, e o enfermeiro Manuel José de Faria, do Hospital Escola São Francisco de Assis, têm feito, particularmente, o maior esforço, remetendo continuamente novos doadores para o Banco de Sangue. O dr. Cavalcanti, atual diretor do Banco, iniciou há pouco uma campanha pública para a obtenção de voluntários. Infelizmente o resultado não foi o que se esperava. O egoísmo continua... Os doadores continuam sendo, na sua maioria, enviados pelos hospitais da Prefeitura. A campanha foi bem conduzida, apelando, inclusive, para o espírito cristão do público. Mas o Banco, mesmo assim, está sendo sabotado pela indiferença e pelo comodismo dos «cristãos para uso externo»...

O PRONTO SOCORRO, ETERNO DEVEDOR

O Banco de Sangue envia todos os meses setenta litros de sangue e dez litros de plasma para os vinte e um hospitais da Prefeitura. O que mais recebe é o Hospital de Pronto Socorro. No mês de novembro fez cento e vinte e nove retiradas, num total de quarenta e sete litros de sangue e plasma, consumindo sozinho mais da metade da remessa daquele mês. Sendo o Pronto Socorro o hospital de acidentados, nos quais a transfusão de sangue é mais frequente, não seria difícil que os médicos e enfermeiros pedissem aos parentes e amigos da vítima uma compensação, ou seja, uma doação gratuita ao Banco de Sangue. É um momento psicológico, durante o qual não há quem se negue ao pedido. Isso, entretanto, não é feito e por esse motivo o Hospital de Pronto Socorro está com um «deficit» de seiscentos e vinte litros de sangue ao Banco. O Hospital Getúlio Vargas está devendo cento e vinte litros e o Hospital Carlos Chagas sessenta. Raros são os que têm saldo credor. Um médico europeu que visitou a contabilidade do Banco se alarmou com essa falta de cooperação. Na Europa, segundo informou, o médico assistente do doente que vai precisar da transfusão fica responsável pela obtenção, entre os parentes e amigos da vítima, de uma quantidade de sangue igual àquela que o paciente vai precisar. Essa cooperação, além de equilibrar a situação, traz considerável economia aos cofres públicos, dispensando-se os doadores gratificados. Porque o Hospital Jesus e o Hospital Escola São Francisco têm créditos no Banco de noventa e dois e trezentos e vinte litros, respectivamente.

O doador voluntário José Tertullano Utrini, após a sua primeira doação, mostra sorridente ao repórter as quatrocentas gramas do sangue que acaba de «depositar» no Banco. «Quem será que vai receber o meu sangue?» — pergunta-nos o comerciante.



Um detalhe do momento que a agulha entra na veia do paciente para iniciar a coleta do sangue. Todas as fases dessa operação são absolutamente indolores. É mais fácil coletar sangue do que aplicar uma injeção endovenosa, pois no primeiro caso não existe o mínimo perigo.

COMO SE FAZ A DOAÇÃO

Desde a fundação, o Banco já recebeu sete mil e quinhentas doações voluntárias, num total de quarenta mil litros de sangue. Doaram sangue homens e mulheres das mais diversas condições sociais, dos mais diversos tipos raciais e pessoas das mais diversas idades, dentro do limite previsto pelo departamento técnico, ou seja, dos dezito aos sessenta anos. Excepcionalmente, indivíduos dotados de robusta complexão, podem doar com menos ou mais idade do limite estabelecido. O Banco tem necessidade de receber cinquenta doadores voluntários por dia, número que daria para atender satisfatoriamente aos hospitais públicos e ainda sobrar uma certa parte para estoque, utilizável em momentos graves, quando um desastre de grandes proporções possa atingir a cidade. Entretanto, recebe apenas uma média de quinze voluntários por dia, tendo que se socorrer dos doadores profissionais catalogados em seu arquivo. O Banco seleciona os quatro tipos de sangue de distinção mais conhecida, os tipos A, B, AB e O (ou universal). Remete para os hospitais de acordo com as exigências recebidas e não teve até hoje o menor acidente quanto ao sangue ou plasma enviados. O seu departamento de análises é o mais perfeito do Brasil quanto a assuntos de hematologia e todas as experiências para a catalogação dos tipos de sangue são realizadas ali. Os mais recentes conhecimentos nesse campo da medicina são empregados no laboratório, inclusive quanto ao chamado fator RH, cuja presença no sangue provocava no paciente que o recebia acidentes mortais. Esta possibilidade de acidentes (até há pouco uma em cinquenta transfusões) foi definitivamente afastada pelos médicos hematologistas do Banco de Sangue.

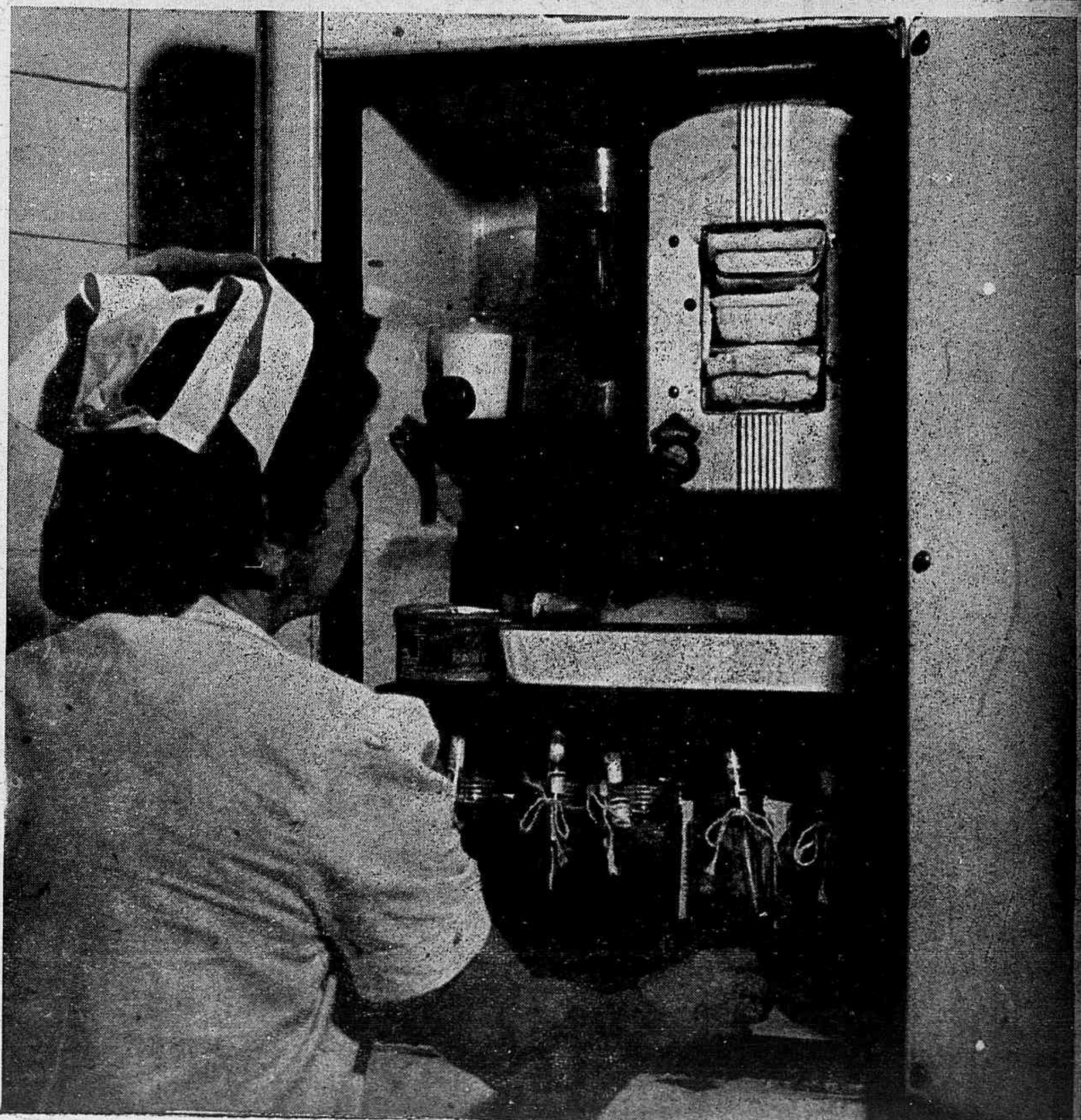
AS VANTAGENS EM DOAR O SANGUE

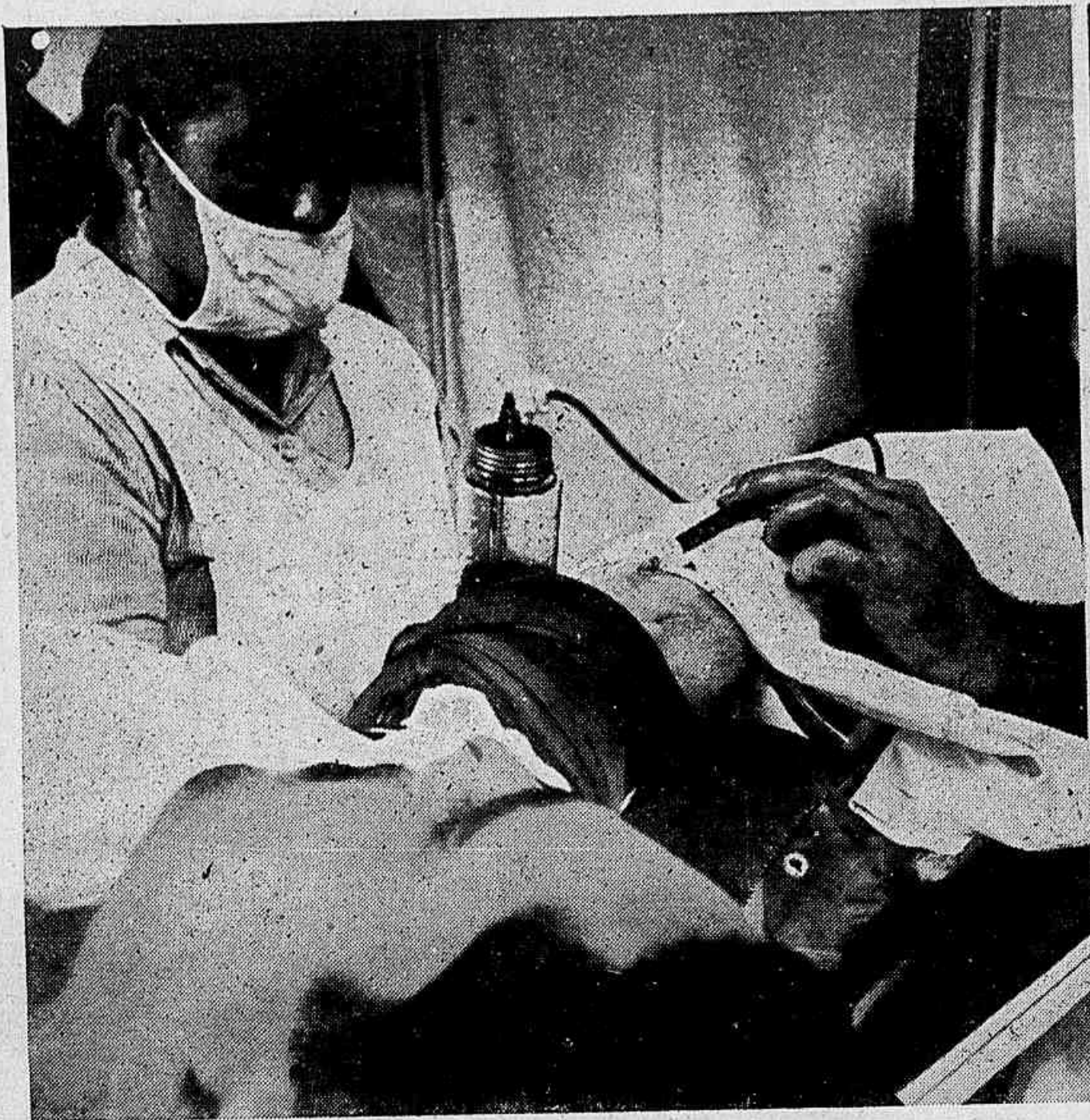
Doar sangue não faz mal a ninguém, desde que a pessoa esteja gozando saúde. Para os hipertensos, por exemplo, e até uma necessidade uma sangria de vez em quando. Quem sabe se o leitor não tem sangue de mais? Para não retirar o sangue de pessoas que não estejam em condições físicas de fazê-lo, o Banco faz a mais rigorosa seleção e toma os maiores cuidados. Ante qualquer anormalidade no organismo do candidato, suspende temporariamente a doação. O candidato se submete a vários testes, rápidos e seguros, no próprio Banco. Depois de encher uma ficha na secretaria, passa a outra sala, onde uma enfermeira com uma agulha pica levemente o seu dedo e com a gotinha de sangue faz o exame do teor de hemoglobina, ou seja, verifica a quantidade de glóbulos vermelhos existentes por centímetro cúbico. Se o doador apresentar sinais de anemia, recebe uma receita com remédios ferrosos e é convidado a tratar-se durante algum tempo. Se for aceito, passa, então, às mãos de outros médicos, que lhe fazem um exame clínico geral, levando-o até aos raios X, caso surjam dúvidas de qualquer lesão pulmonar, etc. Se o candidato fosse pagar os exames clínicos que recebe, gastaria no mínimo oitocentos cruzeiros.

PUNÇÃO RÁPIDA E SEM DOR

Para as pessoas que pretendam candidatar-se a doadores voluntários, vai aqui um aviso sincero: doar sangue não faz mal e a punção para a extração do sangue não dói nada. É mais simples que tomar uma injeção na veia. Os médicos e enfermeiros do Banco tomam os maiores cuidados para que o paciente tenha todo conforto. A assepsia é rigorosa. Depois que o candidato é aprovado em todos os exames, segue para uma sala especial. Ali é feita a punção por um médico e por enfermeiras auxiliares. A quantidade a doar já foi estabelecida pelos clínicos que o examinaram. Nunca ultrapassa de meio litro, sendo a média de quatrocentas gramas. Estivemos lá um pouco depois que o Banco iniciou uma campanha de propaganda, espalhando pela cidade cartazes convidando o carioca a se apresentar como voluntário. Por esse motivo, a média dos doadores espontâneos subiu para vinte a vinte e cinco por dia. Mesmo assim, ainda não atingira a metade do número que o Banco necessita. Quase todos os que encontramos preenchendo as fichas, iam pela primeira vez doar sangue. Passamos depois à sala onde se faz a extração do precioso líquido e conversamos

Os frascos vêm da sala onde se processa a punção e são guardados provisoriamente, questão de horas, apenas, nessa geladeira comum, e daí são trasladadas para uma enorme câmara frigorífica, onde poderão permanecer durante muitos anos.





A esquerda: um detalhe da coleta do sangue do senhor Ary Macedo Franco, doador espontâneo. Nesta página, à direita: a enfermeira Cléa com um carregamento de frascos para o laboratório, onde se fará a classificação dos tipos sanguíneos. Na página à direita: a enfermeira Stela Batista mostra ao repórter um dos cartazes que foram distribuídos pela cidade, procurando trazer novos doadores voluntários ao Banco de Sangue. Nem a invocação das palavras de Jesus: "Quem dá aos pobres empresta a Deus", fez com que os "cristãos" para uso externo renunciassem ao comodismo egoístico...

com vários deles. Habitualmente o ingresso é vedado aos estranhos. Mas o diretor permitiu que o repórter entrevistasse os doadores voluntários no momento exato em que o sangue lhes corria da veia para o vidro próprio.

AS IMPRESSÕES DE UM NOVATO

Não há tipo físico que seja mais ou seja menos vantajoso para a função de doador. Tanto a pessoa baixa e magrinha, quanto uma outra alta e gorda têm a mesma capacidade doadora. Dona Georgelina de Souza, uma senhora alta e robusta, doadora há mais de dois anos, dava a mesma quantidade que o sr. José Tertuliano Utrini, baixo e franzino. O essencial é que ambos estejam gozando perfeita saúde, como aconteceu quanto aos dois mencionados. Encontramos o sr. Utrini deitado confortavelmente na mesa especial, e enquanto seu sangue pingava dentro do vaso iniciamos a entrevista.

— Está sentindo alguma perturbação? — perguntamos-lhe.

— Absolutamente nada. Diziam-me que iria sentir uma espécie de desfalecimento, de tontura, à medida que o sangue fosse sendo retirado. Tudo isso é fantasia. Estou perfeitamente bem.

Dentro de meia hora, quando já havia terminado a punção, o comerciante Utrini mostrou-nos orgulhoso as quatrocentas gramas de sangue que havia doado. E continuou:

— Mesmo após a extração não se sente o menor sinal de desfalecimento ou tontura. Se o povo soubesse como é fácil doar sangue, creio que haveria maior número de doadores voluntários.

UM PERÍODO DE REPOUSO E UM «BIG» CAFÉ

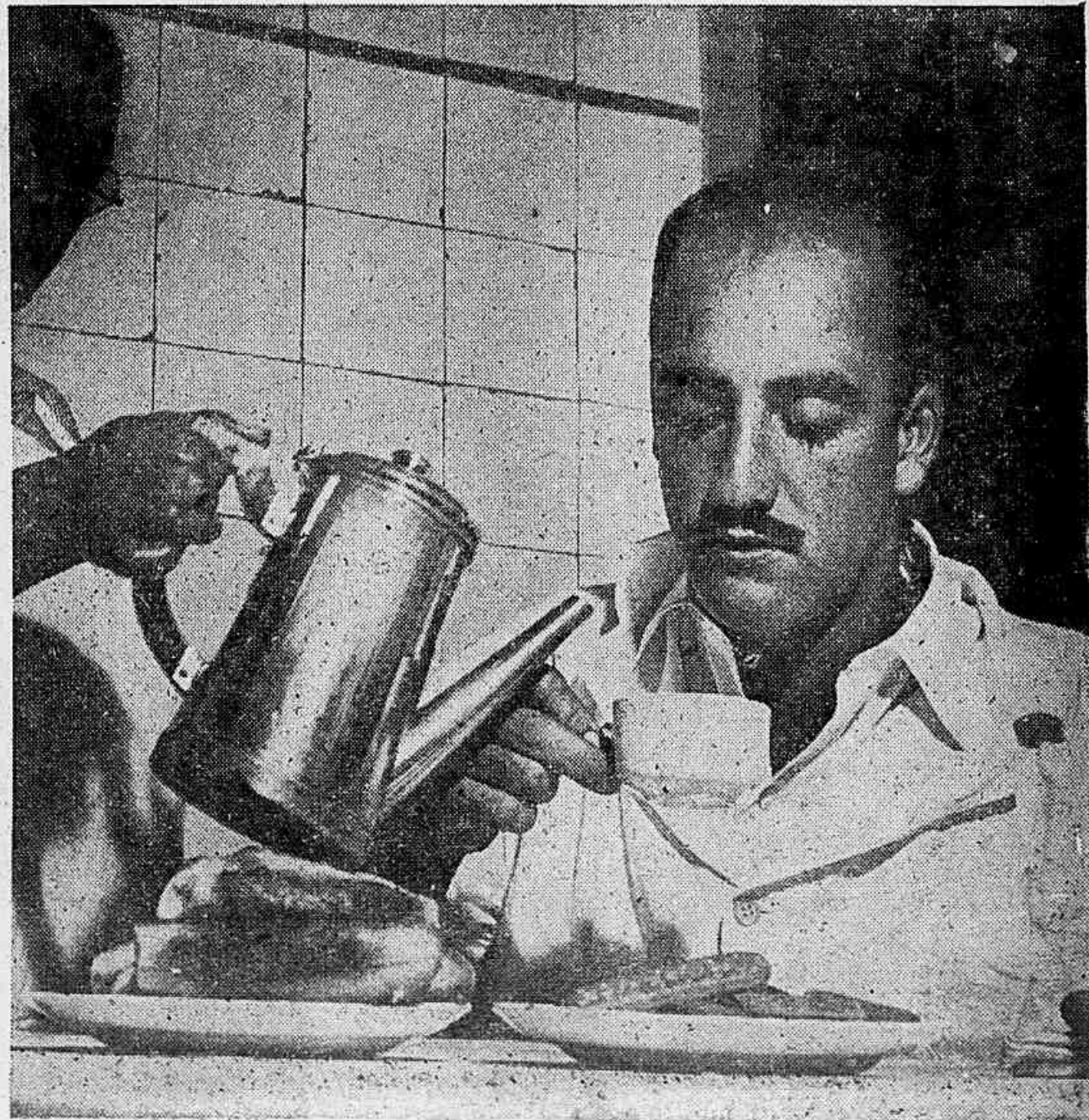
Terminada a punção, os médicos aconselham um período de quinze a trinta minutos de des-

canso. Como primeira recuperação, o Banco serve café com leite, pão, manteiga e biscoitos, à vontade do freguês. Serve também laranjada aos que desejam. O sr. Gilly Batista Leão estava tomando calmamente seu café com leite quando o abordamos. Perguntamos sua impressão. Era também a primeira vez que doava sangue:

— Não senti a menor diferença no organismo e continuo perfeitamente bem. Se não fosse a recomendação do médico já estaria vestido e a caminho do trabalho. Vou aconselhar a amigos meus que venham aqui ajudar um pouco aos que estão nos hospitais municipais. Quem sabe se amanhã nós mesmos não precisaremos do sangue que hoje estamos deixando aqui?... Ninguém está livre de acidentes, numa cidade como a nossa, tão sem polícia de tráfego...

(Cont. na pág. 56)

A esquerda: A enfermeira, depois de ter feito um pequenino corte no dedo do candidato, retira a gotinha de sangue que surge e faz ali mesmo o exame do teor da hemoglobina. Se a taxa for baixa — o que significa anemia do paciente — ali mesmo é cancelada a doação. Se o teor for satisfatório ele continuará os exames clínicos. Semente os fisicamente aptos são aceitos como doadores. A direita: o doador voluntário Gilly Batista Leão fazendo a refeição de recuperação que o Banco fornece a todos os doadores. Café, leite, manteiga, biscoitos, pão e laranjada, à vontade.





QUEM DOAR
SANGUE
AO POBRE-EMPRESTARÁ
A DEUS

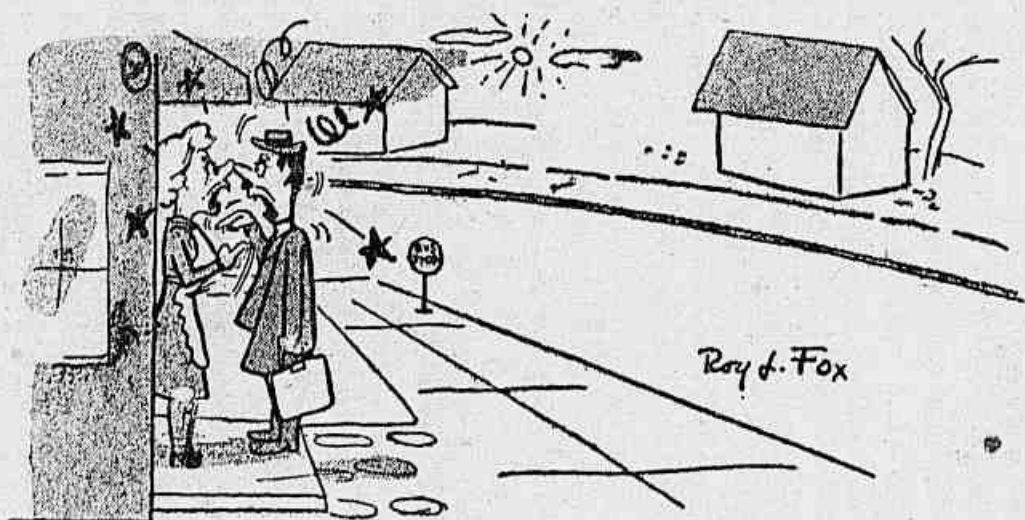
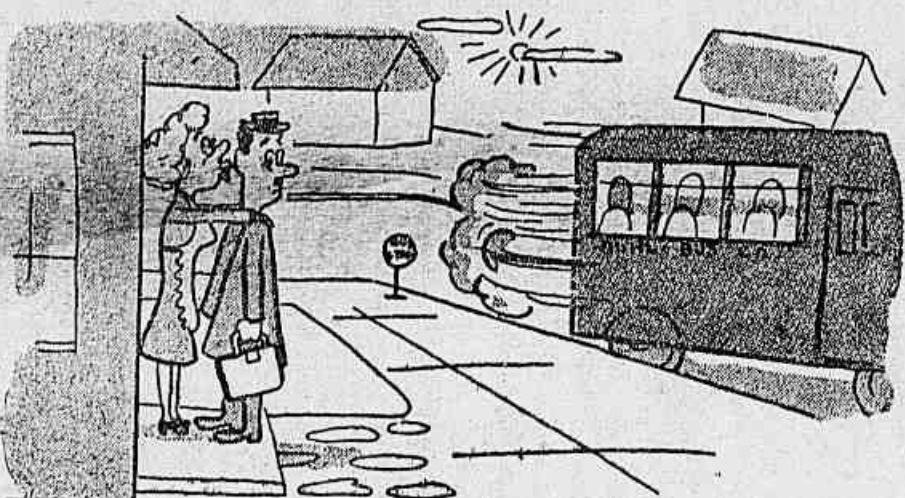
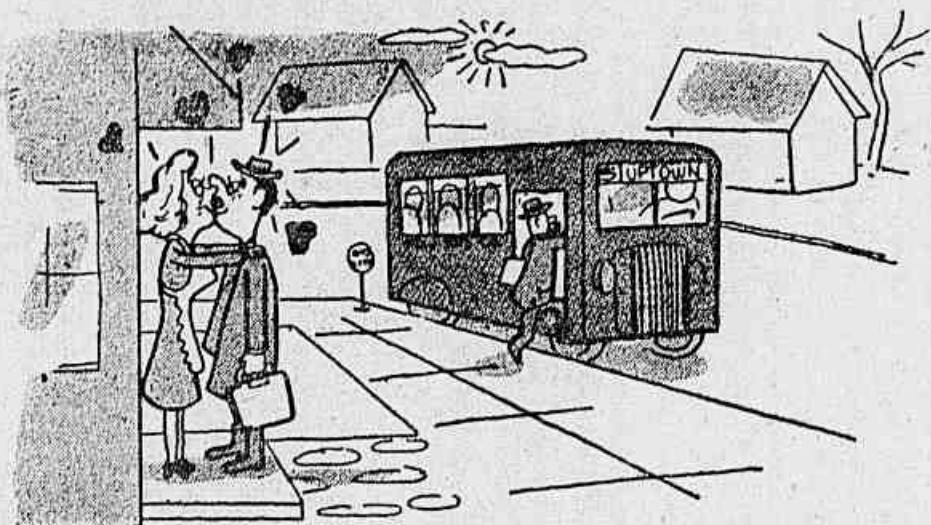


Banco de Sangue
R. DE RUA TEIXEIRA DE FREITAS-27

Luis Jardim

BOM HUMOR

ISTO TAMBÉM ACONTECE



Ray d. Fox



Eric Peters



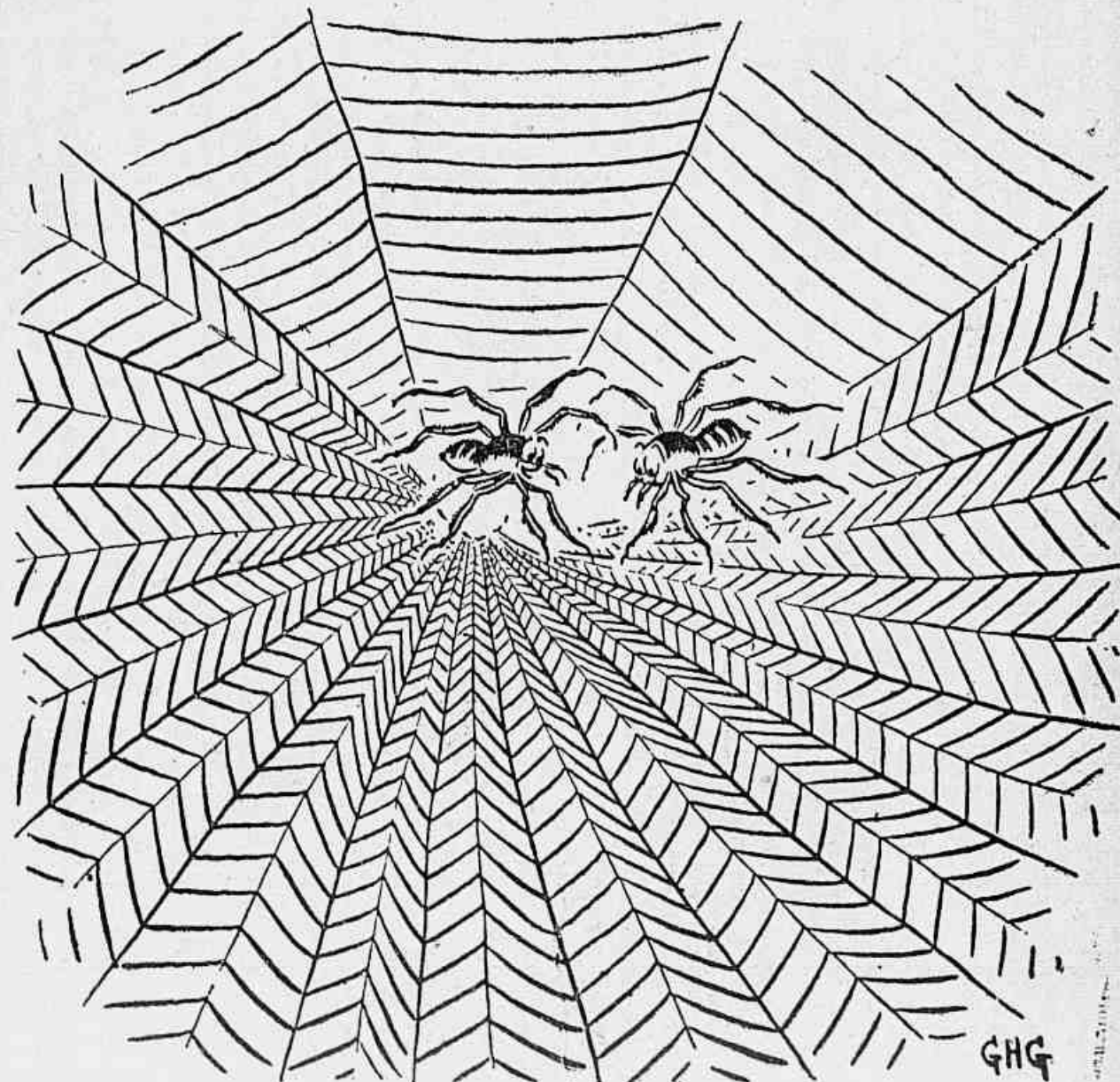
John M. Jones

— Esqueceu outra vez seu estetoscópio, dr. Altamirando?



HENRY BOLTINOR

— Meu Deus! Estou em um trem errado!

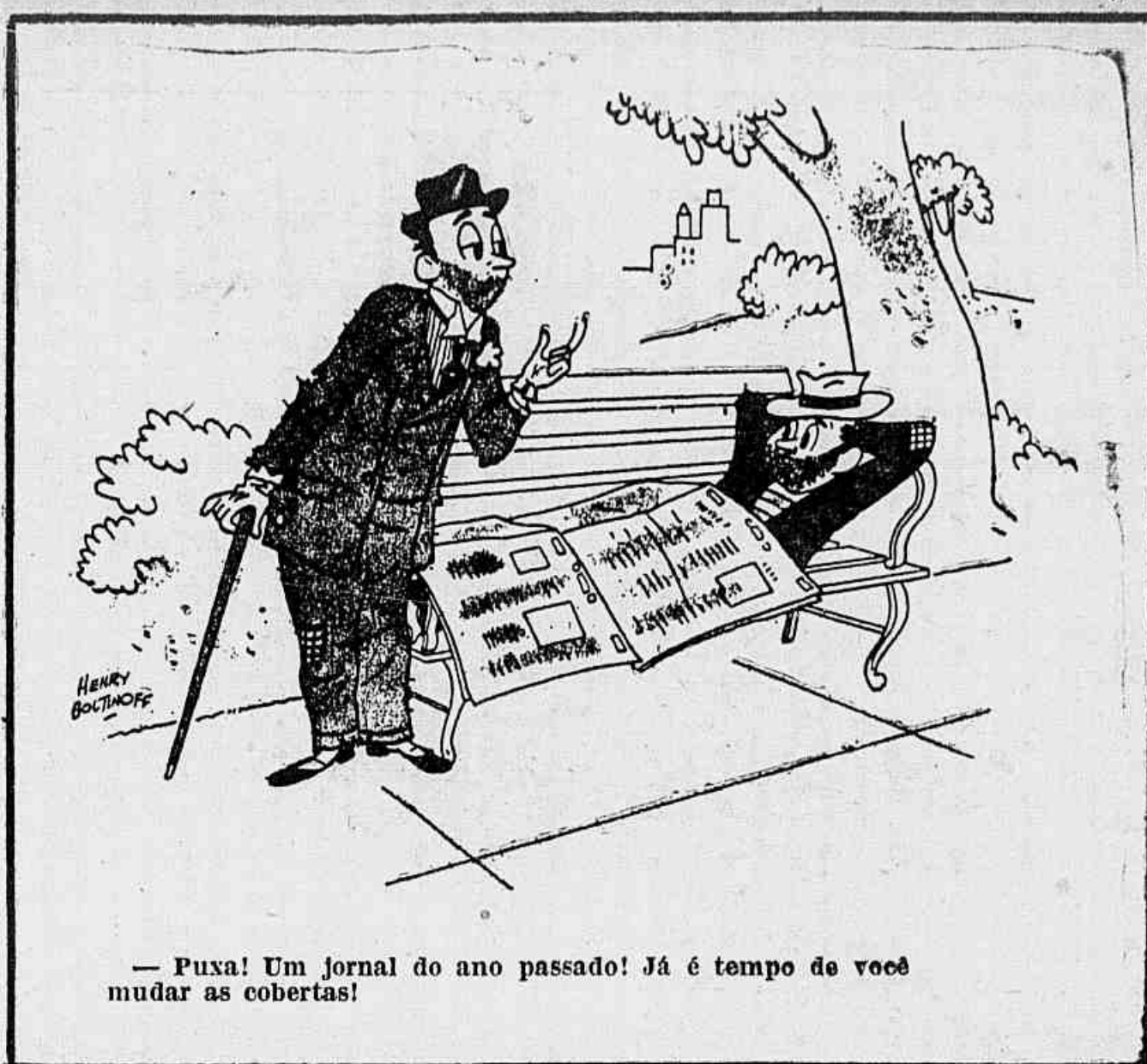


GHG

— Bem, em 1948 vou fazer ponto de cruz, para variar...



— Eu tenho tãda razão, seu guarda... Pergunte àquele sujeito impressado: ele viu tudo...



— Puxa! Um jornal do ano passado! Já é tempo de você mudar as cobertas!



— Ainda bem! Só assim eles não brigam...



— Tenho prazer em conhecer qualquer homem que seja o pai de Elvira...



— Você e sua maldita supervitamina!



— Por favor, senhorita Rosa... Isso não é lugar para vir segurar na minha mão!

NA gravitação dos fatores que produziram a queda da Monarquia a questão militar deve ser apontada como a causa mais importante. Foi ela a mão potente que atirou no chão o trono imperial.

Depois de 88, a realeza tinha, paradoxalmente, um único esteio a ampará-la — a velhice enfêrma de Pedro II.

O terceiro reinado era irrealizável. Faltava um príncipe varão que empolgasse as simpatias nacionais. O que havia era Isabel. Embora tocada pelo halo fulvo da Lei Aurea, a Redentora tinha atrás de sua figura a figura do marido. E no conde D'Eu, apesar dos seus grandes serviços ao país, o povo não via um amigo, via um estrangeiro que, inevitavelmente, predominaria nos negócios da nação.

A República poderia ter vindo dois anos antes de 89. Mas os próprios elementos que trabalhavam para implantá-la já se haviam revestido da paciência necessária para só pôr o trono abaixo depois da morte do velho monarca. E a Monarquia teria ido manquejando até o dia em que Pedro II fechasse para sempre os olhos, se não tivesse surgido inesperadamente, no caminho, a questão militar.

Há absoluta impropriedade em dar-se o nome de questão militar às irritações que nos últimos anos do império agitaram os quartéis. Não houve a questão militar, houve as questões militares. Duas delas grandes, violentas, produzindo abalos profundos no país — o incidente Cunha Matos-Coelho de Rezende e o incidente Sena Madureira-Franco de Sá. E mais três ou quatro casos pequeninos, frívolos, insignificantes, mas que produziram borrascas como os grandes.

Um dos incidentes mais curiosos daquele período febril que vai de 88 até o dia da Proclamação da República, é aquele do 17º de Infantaria, que deixou em maus lençóis o gabinete João Alfredo. Foi no mês de novembro de 88, na capital de S. Paulo, onde estava aquartelado o 17º de Infantaria, sob o comando do major Honorato Cândido Ferreira Caldas. Uma noite, um soldado de polícia, numa briga de rua, feriu um soldado daquele batalhão.

A soldadesca do 17º sentiu-se melindrada e planejou uma desforra. Essa desforra verificou-se no dia 22 daquele mesmo mês de novembro. Foi terrível o choque. Uma verdadeira batalha. A cidade ficou alarmada durante horas.

O chefe de Polícia, dr. José Joaquim Cardoso de Melo Júnior, saiu à rua, para tomar providências. Mas quando chegou ao local da desordem só encontrou feridos e todos

pertencentes à força policial. Os soldados de linha já se haviam recolhido ao quartel. Ao que se dizia nas ruas a soldadesca de polícia fôra colhida de surpresa pela soldadesca do exército.

O chefe de Polícia era homem de fibra. Nessa mesma hora partiu para o quartel do 17º de Infantaria. Foi chegando e foi entrando até esbarrar com o oficial de dia. E em presença d'este e de outros oficiais exprobou a desordem provocada pelos soldados do exército. E expro-



Campos Sales, — mais tarde presidente da República, — foi um dos oradores dos comícios que exigiam a demissão do chefe de polícia Cardoso de Melo Junior.

bou com aspereza e com tanta violência e tanta impavidez que a oficialidade ficou surpreendida.

O major Honorato Caldas, avisado, correu ao quartel. E quando lhe contaram que a autoridade policial havia ali penetrado para censurar os seus oficiais, bradou exasperado:

— Por que não o puseram daqui para fora a coice darma?

E começou a luta. O batalhão mostrou-se ofendido nos seus brios. Um civil invadir um quartel para censurar o comando!

OU VAI OU RACHA

São Paulo era o núcleo mais ativo da propaganda republicana. Os republicanos, por trás da cortina, puseram-se a lançar veneno na atmosfera. Dois dias depois estava todo mundo intoxicado. A oficialidade exigiu do governo provincial a demissão imediata de Cardoso de Melo. O presidente de São Paulo exigiu do governo central a retirada do batalhão.

Por aquele tempo os gabinetes já estavam acostumados a ceder diante das exigências das classes armadas.

sentia ofendido, eram todas as fardas. O atrevimento do chefe de Polícia de São Paulo não foi apenas uma desconsideração ao major Honorato Caldas, foi um insulto aos brios das classes armadas.

E as altas patentes agitam-se para desagrar a classe. Apela-se para o general Severiano da Fonseca, ajudante general do exército. Severiano toma o partido dos seus camaradas e ao ministro da Guerra, em longo officio, relata os acontecimentos de São Paulo e resalta a insolência de Cardoso de Melo.

O Clube Militar reúne-se em sessão extraordinária para tratar do caso. O Clube Naval dá-lhe solidariedade.

O major Henrique Valadares, na sessão do Clube Militar, apresenta a seguinte moção, que é logo aprovada: «O Clube Militar, aderindo ao protesto firmado pela briosa oficialidade do 17º batalhão de Infantaria, em consequência do conflito provocado no interior do quartel do dito batalhão, pelo chefe de Polícia da província de São Paulo, bacharel José Joaquim Cardoso de Melo Júnior, confia no patriotismo do governo para que dê uma solução honrosa aos brios da classe militar».

Para que a sessão não degenerasse em excessos contra o governo, Deodoro encerra-a imediatamente à aprovação da proposta Valadares. Só há uma solução honrosa para os brios da classe militar — a demissão do chefe de Polícia de São Paulo.

O governo está em palpos de aranha. O único remédio ali é ceder. Em casos dessa ordem é costume dar-se a demissão a pedido.

Mas a sensibilidade militar está exaltadíssima. Logo que sai publicada a demissão, a pedido, do chefe de Polícia de São Paulo, os quartéis se mostram insatisfeitos. A pedido, não! A bem do serviço público!

Os jornais republicanos exploram vivamente o caso. A pedido, a demissão de Cardoso de Melo não desagrava os brios do exército. A bem do serviço público é que deve ser!

Assim pensa todo mundo. Assim pensam as altas patentes. Assim pensa o general Severiano da Fonseca. O general está também exaltado. E, para protestar contra a nota «a pedido», envia ao ministro da Guerra uma carta solicitando a sua demissão de ajudante general do exército.

Era o primeiro ronco do trovão anunciando o ciclone que estava armado. O ciclone viria irresistivelmente se o governo não cedesse. C vai ou racha.

E o governo cede.

A demissão do chefe de Polícia de São Paulo aparece em nota — «a bem do serviço público».



O MAIOR RESTAURANTE DO RIO — Uma vista de parte do restaurante do S.A.P.S. da Praça da Bandeira. Funcionando ali há quase oito anos, já prestou inestimável benefício a milhares de trabalhadores. Aos sábados este vastíssimo salão é transformado em salão de cinema e teatro.

ONDE O RIO AINDA COME BEM POR POUCO DINHEIRO

UM RESTAURANTE QUE VEM HÁ OITO ANOS SERVINDO REFEIÇÕES SADIAS E NUTRITIVAS A UM CRUZEIRO E QUARENTA CENTAVOS — "QUAL O MAIOR DEFEITO DO S.A.P.S.?" — CARIOCA, TOME NOTA DÊSSES ENDEREÇOS! COMIDA GRATUITA PARA O TRABALHADOR SEM EMPRÉGO — UM BOM ALMOÇO E UMA BOA ÓPERA POR QUATRO CRUZEIROS — PRÊMIO PARA OS CALOUROS: UM MÊS DE REFEIÇÕES GRATUITAS.

Reportagem de NEY MACHADO



Fotos de ARNALDO VIEIRA

NA corrida pelos aumentos dos preços e na escassez cada vez mais acentuada dos três grandes problemas do Rio — alimentação, moradia e transporte — a comida tem levado a dianteira. Cada mês se come pior e se paga mais pelo que se come. Não só no Rio, em quase todo o Brasil, principalmente nas grandes cidades, a angústia é a mesma. Por isso, o valor do Serviço de Alimentação da Previdência Social, mais conhecido por S.A.P.S., tem

aumentado cada ano que passa. Quando foi inaugurado, há oito anos, e se propôs servir uma refeição eficiente quanto ao poder alimentício pela importância de um cruzeiro e quarenta centavos, o contentamento da classe média foi geral. Seria possível — perguntavam, então, há oito anos — que se pudesse comer bem por tal quantia? O governo inaugurou o restaurante central, na praça da Bandeira, e milhares de operários e comerciários testemunharam a promessa. Real-

mente, o S.A.P.S. cumpria o que prometia. Comia-se muito bem por aquela irrisória quantia, o mesmo que custa hoje uma média com pão e manteiga. Se naquele tempo o preço já era assombroso, pode-se avaliar o que não significa hoje, em 1947, quando as pensões particulares, que cobravam há sete anos atrás, dois cruzeiros a refeição, cobram hoje por um almoço inferior seis e oito cruzeiros! Porque, ainda que pareça incrível, o preço cobrado no S.A.P.S. —

restaurante central — ainda é o antigo, de um cruzeiro e quarenta centavos. Cada ano que passa, embora suba o custo da vida — dos gêneros, da mão de obra, dos carros — o preço continua inalterável e, segundo depoimentos que ouvimos, o padrão da alimentação servida é idêntico ao de quando se inaugurou o restaurante.

CR\$ 1,40 É IGUAL A CR\$ 4,00

O restaurante do S.A.P.S. localizado

QUANDO CR\$ 1,40 É IGUAL A CR\$ 4,00 — A direita: lado a lado estão as duas refeições servidas nesse restaurante. Na bandeja à esquerda está a de Cr\$ 4,00; à direita, a refeição de Cr\$ 1,40. A diferença está apenas na sobremesa e no prato do meio, bacalhau de um lado, — carne do outro. O valor nutritivo de ambos é igual. RESTAURANTE PARA TODOS — A esquerda: Nos restaurantes do S.A.P.S. confraternizam-se todas as classes. O estudante, o operário, o funcionário público, o militar, e tantas outras atingidas igualmente pela carestia da vida. Todos encontram nesses restaurantes populares uma barreira contra a alta dos preços e das refeições.





Ao alto: ALIMENTOS BONS E BARATOS — O Serviço de Alimentação da Previdência Social mantém dezessets postos de subsistência para a venda de gêneros alimentícios, onde qualquer cidadão pode comprar por preços justos artigos da melhor qualidade. A foto mostra detalhe do posto de subsistência da Praça da Bandeira. **Em baixo: MENS SANA IN CORPORE SANO** — Além de alimentar o estômago de vinte mil cariocas diariamente, o S.A.P.S. procura dar-lhes também alimentação para o espírito. Um detalhe da biblioteca que funciona no restaurante central, à Praça da Bandeira.

na praça da Bandeira controla todos os outros restaurantes similares de que falaremos depois. No seu salão de refeições serve diariamente a doze mil pessoas, sendo oito mil no almoço e quatro

mil no jantar. Nesse restaurante existem duas diferentes apresentações de refeições, uma ao preço de um cruzeiro e quarenta centavos e outra de quatro cruzeiros. Essa diferenciação, que pro-

vocou uma onda de protestos de jornalistas mal informados, explica-se facilmente. O valor calorífico e nutritivo de ambas as refeições é perfeitamente igual. Disso o restaurante pode dar provas a qualquer instante aos nutrólogos que se interessem. Apenas a apresentação é diversa. Para citar um exemplo: no dia em que lá estivemos a diferença entre uma e outra era a seguinte: na mais cara, havia bolinhos de bacalhau; na outra, carne ensopada. A nutricionista Filomena de Araujo, responsável, no momento, pela verificação dos cardápios, nos explicou:

— Todas as duas valem, cientificamente, a mesma coisa. Quem pode pagar

um pouco mais, serve-se da de quatro cruzeiros. Mas, de qualquer forma, o poder alimentício é idêntico.

QUANDO O «DEFICIT» É NECESSÁRIO

A refeição que o S.A.P.S. serve por um cruzeiro e quarenta centavos custe-lhe, só em gêneros, três cruzeiros, o que importa dizer que em cada prato há um prejuízo para o restaurante de um cruzeiro e sessenta centavos. A de quatro cruzeiros não deixa lucro, nem dá prejuízo. Isso, é claro, somente quanto aos gêneros empregados. Não entram nesse balanço as despesas com o pessoal e com a organização geral do depar-

LIBERDADE DE EXPRESSÃO PARA TODOS — O pintor Artur Nunes, à direita da foto, dá as suas impressões ao repórter sobre o que acha da administração do S.A.P.S., ao lado do próprio diretor geral (ao centro da foto) major Umberto Peregrino. Entretanto, como aconteceu com todos os outros, também o pintor não tinha reclamações a fazer.





Em cima: "Se não fosse o S.A.P.S. o meu dinheiro não chegava" — Esta foi a expressão do "chauffeur" João de Deus, que aparece à esquerda, na fotografia. Há sete anos que almoça e janta no restaurante da Praça da Bandeira. Nunca sofreu uma intoxicação alimentar. Em baixo: "Auxílio ao trabalhador desempregado" — Esta é uma seção filantrópica do S.A.P.S. que auxilia com vinte refeições gratuitas a todo trabalhador que se encontre sem emprego. Na foto aparecem dona Maria de Lourdes e o menor Hélio Sales Moreira quando prestava informações à funcionária.

tamento. No restaurante central há um «deficit» mensal, quanto às refeições mais baratas, de trezentos mil cruzeiros, aproximadamente. Acreditamos que poucos serão os «deficits» governamentais tão úteis quanto este. São trezentos mil cruzeiros que o próprio povo dispende com a alimentação de seus irmãos de posses modestas. Perguntamos ao major Umberto Peregrino, atual diretor do S.A.P.S., se o governo pensava em acabar com as refeições de um cruzeiro e quarenta centavos, a fim de fazer desaparecer o prejuízo. Ele respondeu-nos com firmeza:

— Pode dizer na sua revista que o

governo nunca fará isto, mesmo que os gêneros alimentícios subam de preço. O nosso interesse é manter, como até agora, o mesmo padrão de refeições pelo mesmo preço.

FALAM OS PRINCIPAIS INTERESSADOS

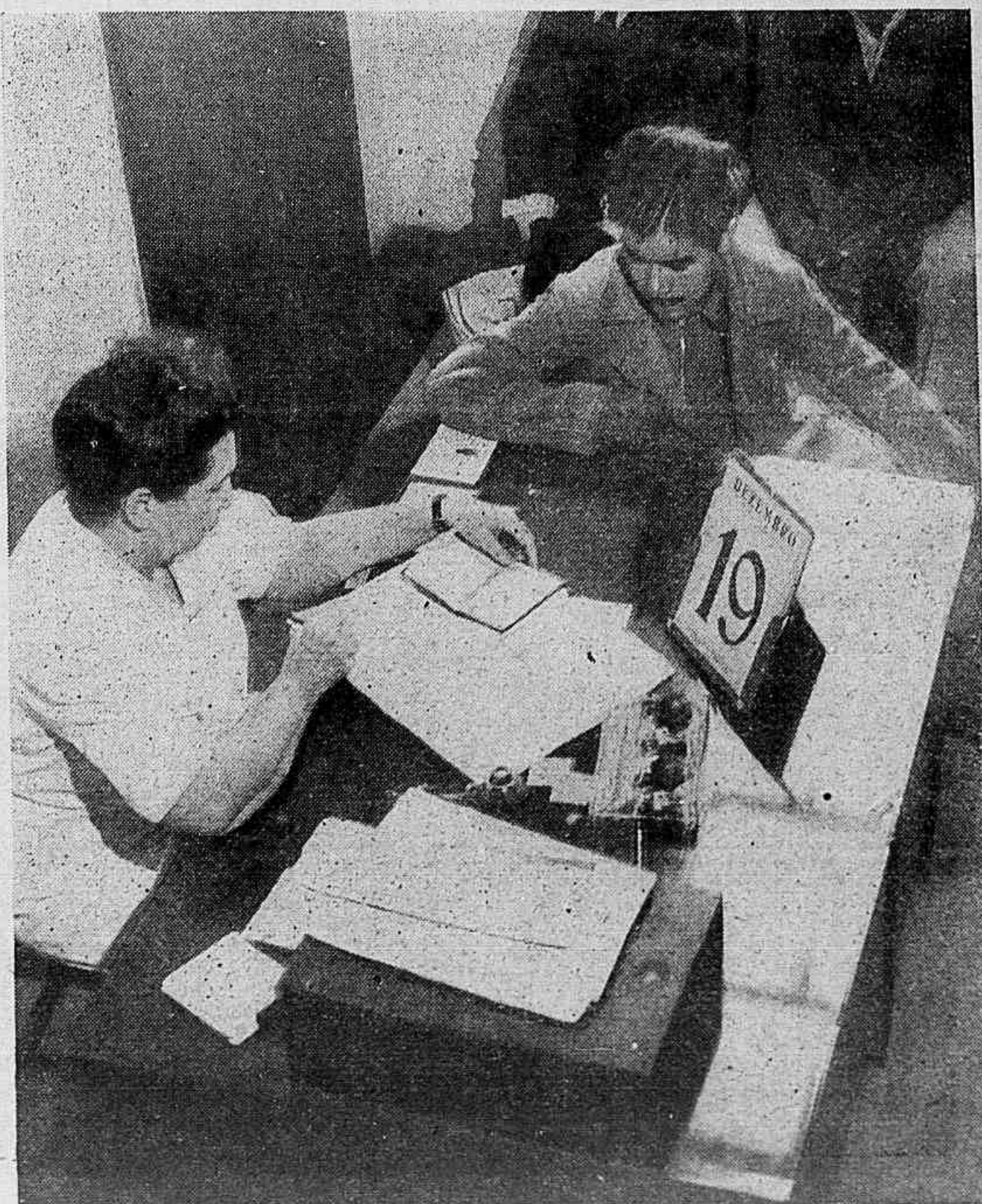
Quem nos animou, propriamente, a fazer a reportagem sobre o S.A.P.S. foram os seus principais interessados, isto é, a gente humilde que diariamente entra na fila para pegar a sua bandeja. Não escolhemos caras. E eles também não escolheram respostas, diziam o que pen-

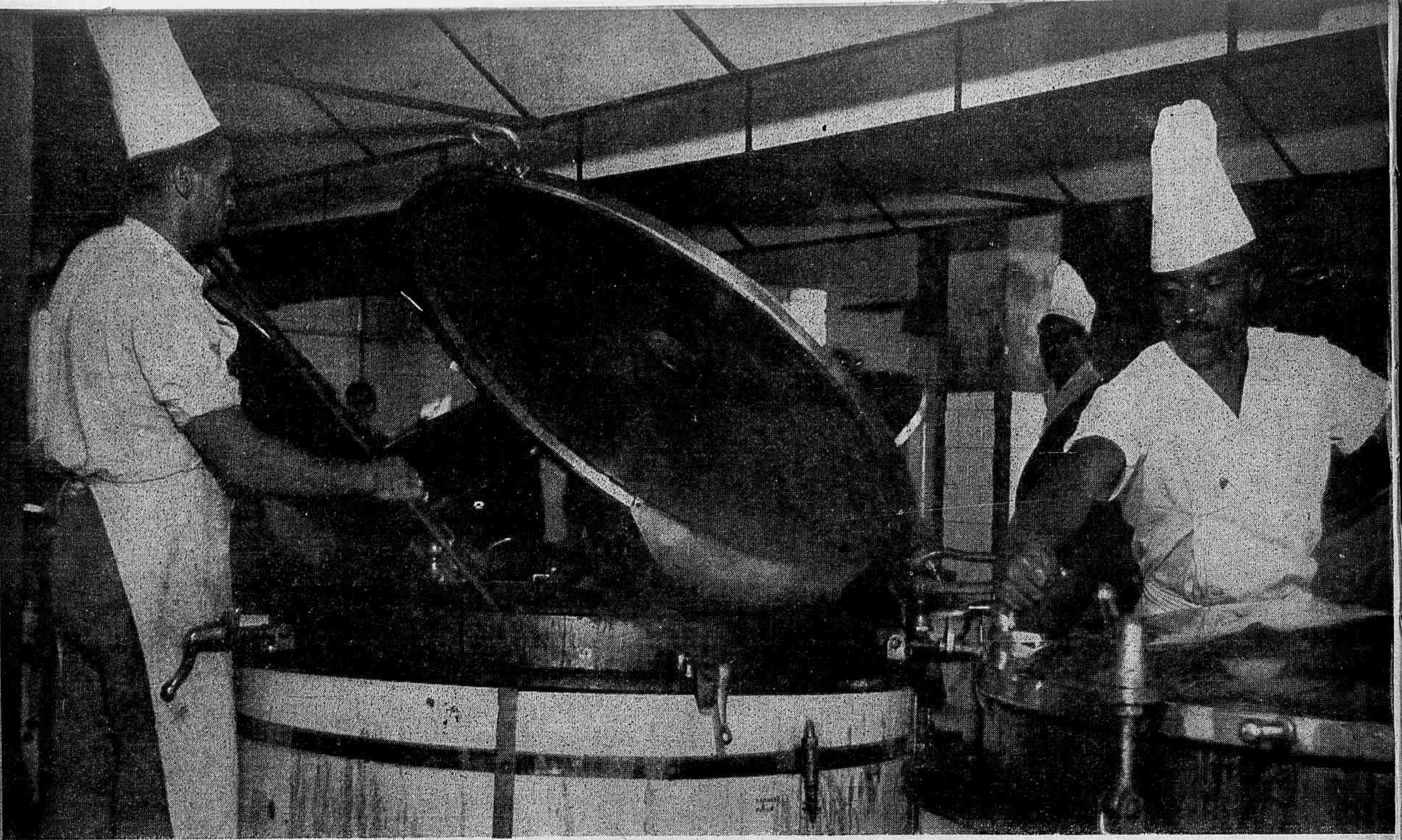
savam. Aos repórteres eles gostam de desabafar, quando têm alguma coisa a dizer. Chegamo-nos ao primeiro, um rapaz desembaraçado, e perguntamos-lhe o que achava do restaurante. O rapaz

acabou de beber o último gole de leite e respondeu-nos:

— Como aqui desde que foi fundado, há mais de sete anos. Durante seis, entrava na fila de um cruzeiro e quarenta

OPERA E ALMOÇO POR QUATRO CRUZEIROS — O senhor Armando da Silveira depois de fazer um bom almoço, por quatro cruzeiros, apenas, foi à discoteca ouvir algumas árias do "Rigoletto". Refeição e música fina por quatro cruzeiros. Pode haver no Rio qualquer coisa mais barata?





DOZE MIL REFEIÇÕES POR DIA! Em panelões mecânicos iguais a estes que aparecem na fotografia, que dariam para cozinhar de uma só vez um boi inteiro, são preparadas as doze mil refeições que o restaurante matriz do S.A.P.S., na Praça da Bandeira, serve ao público.

centavos; agora, ganho mais e vou para a outra fila. Ganho mais um pouco, é verdade, mas se fosse pagar no almoço e no jantar o que as pensões lá fora cobram, não me sobrava dinheiro.

O nosso entrevistado é o «chauffeur» de caminhão João de Deus. Estava com pressa e despediu-se.

«QUAL O MAIOR DEFEITO DO S.A.P.S.?»

Entrevistamos inúmeros fregueses e ficamos um pouco desconcertados. Todos eles foram unânimes em elogiar o serviço do restaurante. Tanto os que pagavam menos como os que pagavam mais. Tínhamos até a impressão de que o pessoal estava comprado; mas isso era impossível, pois ninguém soubera da nossa visita. Mudamos de tática. Abordamos um sujeito que começara a encher a sua

bandeja e lhe dissemos à queima-roupa:

— Quero que o senhor nos diga qual o maior defeito do S.A.P.S., na sua opinião.

O pedido, dessa forma, deixava a entender que haveria muitos defeitos, bastando a ele que apontasse um só. O homem pensou, pensou, enquanto ia andando com a bandeja, e afinal falou-nos:

— A comida é boa (ele estava na fila de um cruzeiro e quarenta centavos), o preço é mais do que bom, tudo aqui é muito limpo...

— Mas não há um defeitozinho, ao menos?... — insistimos.

Nova reflexão do sr. Ivanilo Nascimento, ferroviário da Leopoldina (como se identificou após), para concluir:

— Já que o senhor quer que eu reclame alguma coisa, tome nota: não gosto dessas bandejas. De vez em quan-

do um prato escorrega e lá se vai a comida.

Ainda não tínhamos acabado de tomar nota da primeira reclamação, após quase meia hora de interrogatórios, quando o funcionário Carlos Alberto, que se houvera prontificado, gentilmente, em nos acompanhar, aparece com um sorriso vitorioso nos lábios e com duas bandejas novas nas mãos:

— O diretor já tomou conhecimento do fato e o novo tipo de bandejas vai ser posto em uso dentro de pouco tempo.

Ouvimos depois, entre muitos outros, os srs.: Artur Oscar de Freitas, Osvaldo Alves da Silva, funcionário dos Correios; Armando da Silveira, Artur Nunes, pintor, etc. Alguns se utilizavam do S.A.P.S. há um ano, outros há cinco e seis. E os elogios foram tão semelhantes que dispensam especificação. Um

deles fez questão de frisar o seguinte:

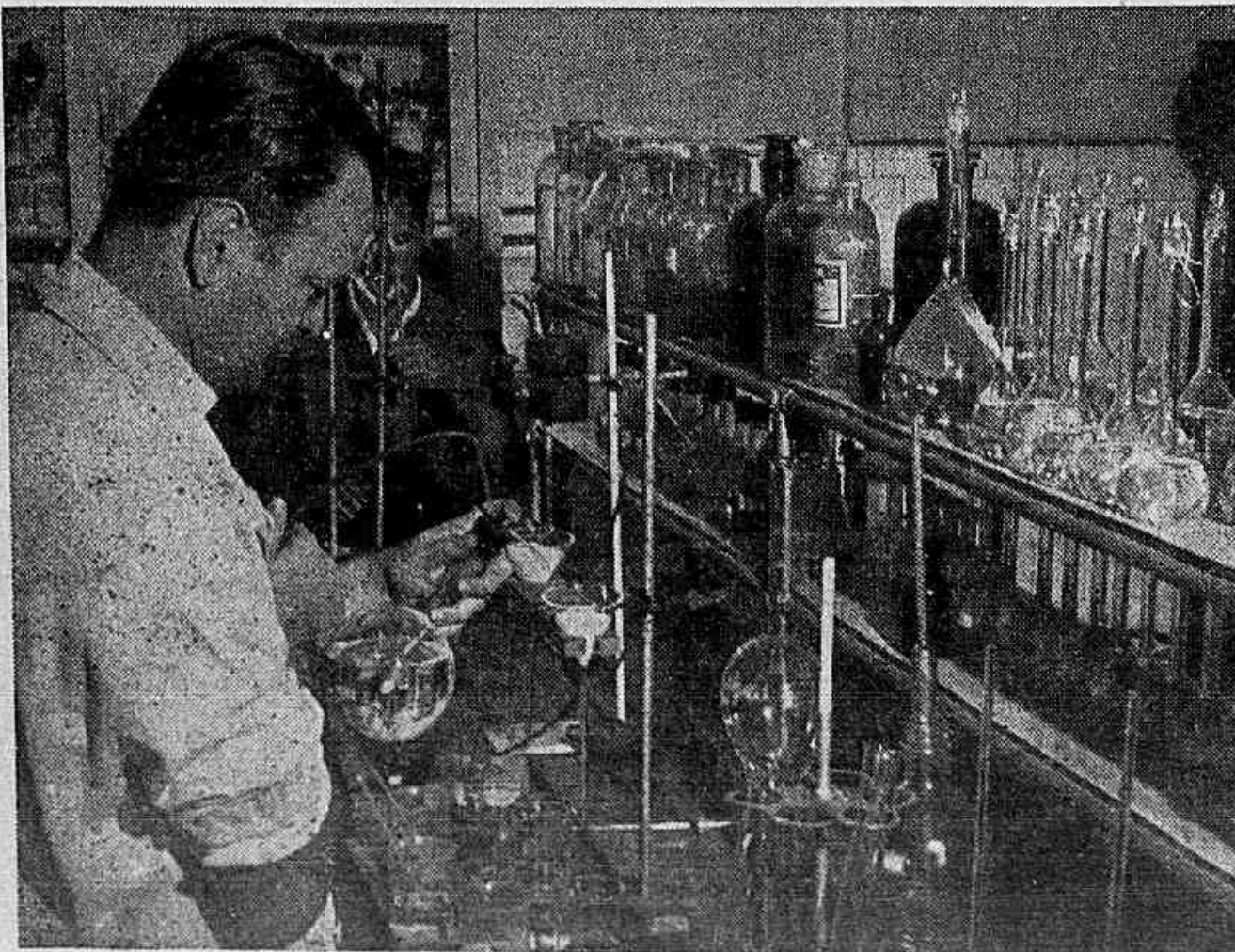
— A «bóia» ao tempo da fundação era ótima, depois piorou um pouco. Agora, de uns tempos para cá, melhorou de novo. Com certeza por causa da nova diretoria.

AS BARRICADAS CONTRA A FOME E A CARESTIA

Felizmente não está na praça da Bandeira o único reduto contra a fome e a carestia que assolam a população. O S.A.P.S. vem seguindo um programa de ampliação dos restaurantes do tipo popular. Funcionam atualmente os seguintes, todos dirigidos e mantidos pelo Serviço de Alimentação da Previdência Social: na Fábrica Klabin; na Estiva do Cais do Porto; no Leblon; na avenida Gomes Freire esquina de rua da Relação;

(Cont. na pág. 54)

A esquerda: ALIMENTAÇÃO CIENTIFICAMENTE DOSADA — Todos os cardápios dos restaurantes do Serviço de Alimentação da Previdência Social são cientificamente controlados. Na foto aparece o nutrólogo dr. Paulino de Menezes Petterle quando procurava a dosagem de fósforo contida na batata inglesa. **A direita: O SALÃO DE AULAS DE ARTE CULINÁRIA** — Um detalhe da cozinha-escola onde são ministradas às nutricionistas aulas de arte culinária. Apesar do bom ordenado (Cr\$ 1.950,00), muito poucas procuram aprender o ofício.



UM LIVRO QUE ABALOU A INGLATERRA

CRISE NA IGREJA ANGLICANA

LONDRES, dezembro — A Igreja Anglicana, e com ela, provavelmente, toda a Inglaterra, está, neste momento, dividida. Há uma grande luta que se desenrola, presentemente, aos olhos do público, que envolve, não apenas, um bispo e dois arcebispos, mas que, pelas suas consequências poderá atrair a atenção de todas as religiões que têm como base o Cristianismo.

A história começou com a publicação de um livro. E' sempre assim, aliás, que começam todas as discussões religiosas, pois os livros, nesses assuntos, habitualmente, procuram desenvolver idéias avançadas contrárias ao espírito conservador da Igreja. E esse espírito é ainda mais conservador, quando se trata de um país como a Inglaterra, onde hábitos e tradições possuem quase a força de leis.

Tudo isso não atemorizou, porém, o dr. Ernest William Barnes, Bispo de Birmingham que, após tremenda luta de consciência, como ele mesmo o declarou, acaba de publicar um livro intitulado "The rise of Christianity", onde se propõe, segundo o título o indica, a estudar as origens e primórdios do Cristianismo. E os seus estudos, meditações e pesquisas, através de uma longa existência (o dr. Barnes tem 73 anos), levaram-no à conclusão de que os milagres jamais existiram. O seu drama íntimo é o de alguém que luta entre a fé e a ciência, a fé que o leva a acreditar nos livros sagrados, e a ciência que o obriga a negar a possibilidade dos fenômenos sobrenaturais neles contidos.

Para tanto, no livro, esgotado em menos de dez dias, desenvolve a tese de que as testemunhas de tais fatos não podem ser levadas em conta, recordando, entre outros argumentos, que se trata de pessoas sem elevado nível mental, propensas, por conseguinte, a aceitar, como verídicos, quaisquer casos que lhes fossem relatados ou mesmo tivessem presenciado.

E, assim, caem por terra todos os fenômenos por nós conhecidos, exceção feita do nascimento de Jesus, porquanto o dr. Barnes admite a virgindade de Maria. Admite-a, porque aceita a hipótese, em virtude de experiências científicas realizadas em seres de inferior classificação na escala zoológica, que revelaram a sua possibilidade, embora em sentido muito remoto. Mas, aos fiéis, evidentemente, tal argumento não consola, porquanto, para estes, a virgindade é essencial ao fato, transformando-se num milagre, enquanto o Bispo de Birmingham pretende aceitá-la apenas porque a ciência o permite.

Em relação aos outros acontecimentos relacionados com a vida de Jesus, o dr. Barnes declara que estes devem ser interpretados simbolicamente, pois nega, de modo terminante, a possibilidade da ressurreição de Lazaro, a cura do leproso, ou do paralisado. Isto tudo, porém, em sua maneira de ver, não altera as linhas essenciais do Cristianismo. "Ignoro the miracles of the New Testament and Christianity remains that same way of life, lived in accordance with Christ's revelation of God, which through the centuries men have been drawn to follow: Jesus remains the one of Whom it was said (II, Corinthians, v. 19), "God was in Christ reconciling the world unto himself" — diz ele, reforçando sua tese.

Assim, um a um, ele investe contra os milagres, procurando demonstrar que não pas-

saram de fantasias, consagradas através dos séculos. A ressurreição de Cristo, por exemplo, em sua maneira de ver, deve ser considerada simbolicamente, e não como um fato real, que tivesse verdadeiramente se realizado.

A propósito de Cristo, aliás, ele assegura que a data de seu nascimento não fixada se não trezentos anos mais tarde, não sendo impossível, em sua maneira de pensar, que o fundador do Cristianismo tivesse vivido até cinquenta anos ao invés dos trinta e três estabelecidos pelo Novo Testamento.

A segunda parte da história começa, porém, quando, imediatamente após a publicação do livro, o Arcebispo de Canterbury, suprema autoridade da Igreja Anglicana, interpelou o dr. Barnes, num tom que ele próprio qualificou de "pesaroso, formulando votos pelo seu arrependimento". O dr. Barnes aceitou e agradeceu os votos, mas, ao contrário do que o seu superior hierárquico o imaginava, não retirou as suas palavras, nem desmentiu o livro, continuando, da mesma maneira, a permitir a sua venda. O dr. Geoffrey Fisher, Arcebispo de Canterbury, então, acusou-o publicamente de heresia, declarando que ele não tinha o direito de continuar a realizar as práticas episcopais, intimando-o a abdicar desses direitos. O dr. Barnes, publicamente, recusase a fazê-lo, provocando, com isso, enorme discussão nos círculos religiosos da Inglaterra, que se acham divididos.

Imediatamente, como seria de esperar, a atitude do Bispo de Birmingham foi combatida por quase toda a Igreja Anglicana, ao lado do Arcebispo de Canterbury, e o dr. Cyril Garbett, Arcebispo de York, foi dos primeiros a auxiliá-lo, declarando que "The Rise of Christianity" era um livro "sem nenhuma importância", muito embora, uma semana depois, fosse obrigado a modificar essa opinião, pois realizava um longo sermão, destinado apenas à crítica e refutação dessa obra. Mas o dr. Barnes tem contra si a totalidade do clero, que o intima a cessar a discussão, único ponto com o qual ele não concorda, por julgar que o assunto precisa ser examinado já, pois "silêncio e demora dão resultados desastrosos", segundo suas próprias palavras.

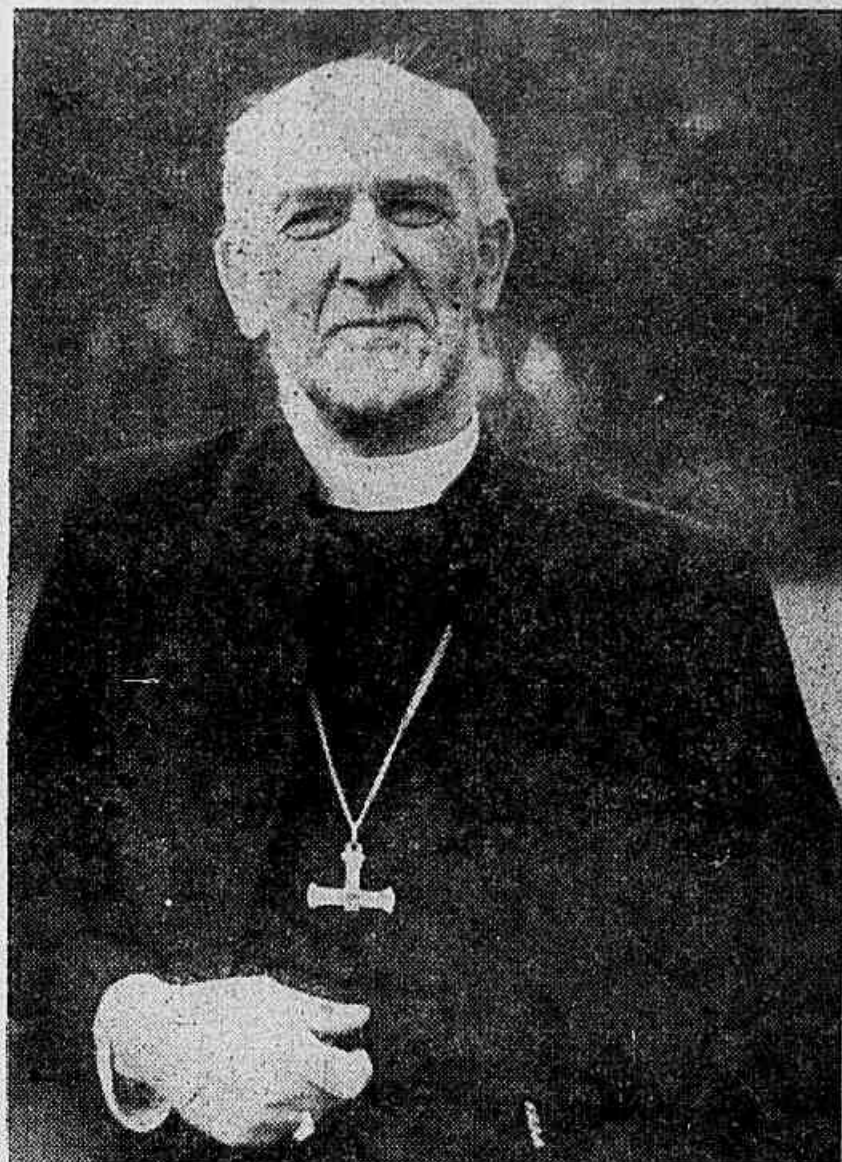
Para isso, baseia-se em que, milhões de fiéis, como ele, muitas vezes, estiveram mergulhados em dúvidas, incertezas, inquietações, que ele, agora, pretende solucionar, com a discussão, à luz do dia, de todos os dogmas até hoje aceitos incondicionalmente. E a sua confiança na massa de fiéis é muito grande. Sabendo que é combatido pelos dirigentes da Igreja, ele julga, contudo, possuir o apoio popular. E até onde se estende esse apoio? Com quem está a simpatia da massa? Eis aí algumas perguntas inquietantes, que a imprensa britânica está procurando responder, realizando inquéritos entre os seus numerosos leitores.

O "Sunday Pictorial", que tem explorado jornalisticamente o "caso", afirma que já lhe foram enviadas milhares de cartas, contendo comentários do público sobre o assunto e, segundo a apuração feita, as percentagens estão assim distribuídas:

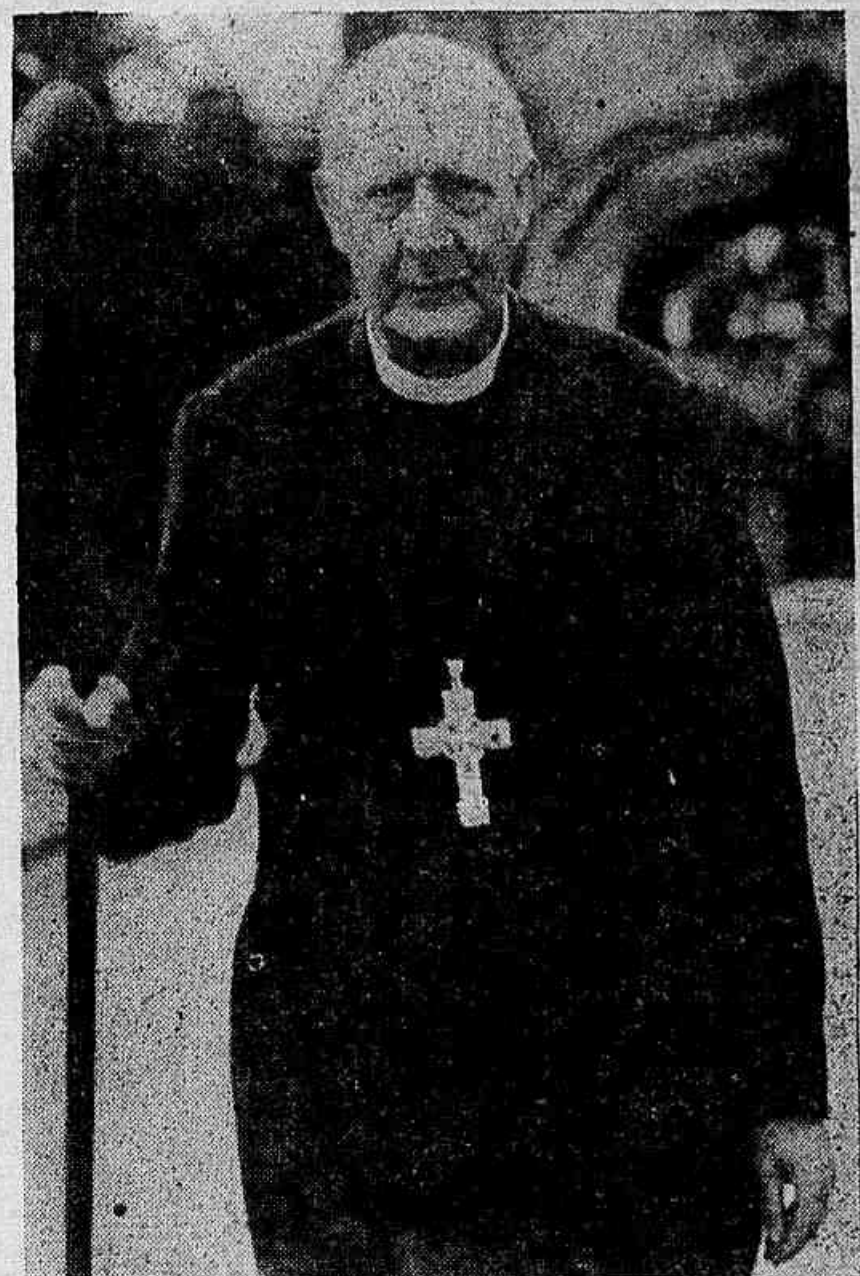
Pro Barnes	52%
Contra	32%
Neutros	16%

Muitas delas foram publicadas, e as opiniões são as mais desencontradas, desde as

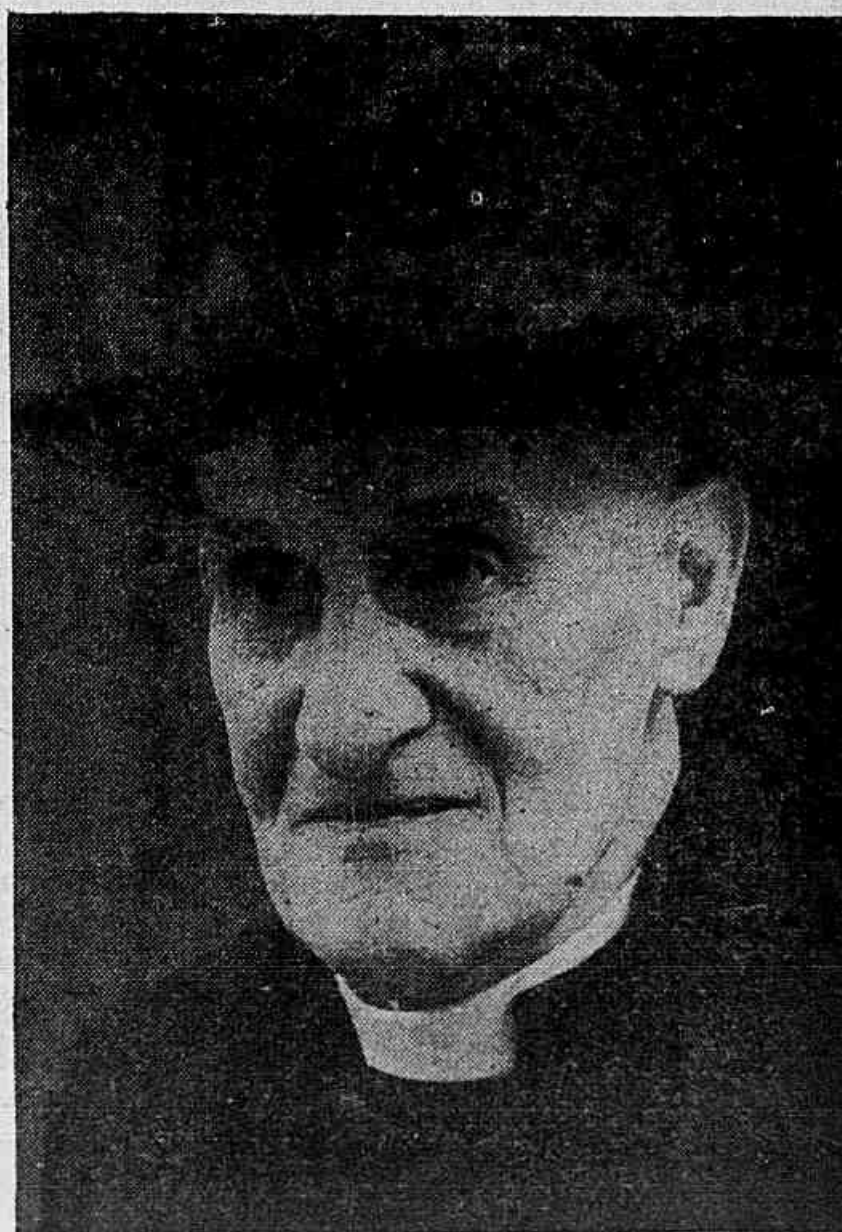
(Cont. na pág. 56)



O Dr. Geoffrey Fisher, arcebispo de Canterbury



O Dr. C. F. Garbett, o novo arcebispo de York.



O Dr. E. W. Barnes, bispo de Birmingham

De JORGE MAIA

(Correspondente especial de REVISTA DA SEMANA na Inglaterra)

Conto de
THEREZA DE ALMEIDA

lhado, seus olhos encontraram os olhos escuros do rapaz, que ia passando naquele momento, montado num cavalo azulego que era uma figura. — «Bonitona! — pensou ele, quando seus olhos se encontraram. — Mas mulher de cidade não me serve. E' sempre muito cheia de partes!».

Manuela avermelhou-se mais ainda, como se houvesse compreendido o que aquêle forasteiro estava pensando. Sem se importar com a irmãzinha, que cada vez mais se afastava de casa, entrou ligeira e bateu com a porta na cara do atrevido. — «Que jeito de olhar pra gente!».

Nico seguiu ao trotinho pela rua e os cascos do cavalo iam batendo uma cantiga, quebrada às vezes pelo grito de algum verdureiro ou de um guri vendendo laranjas.

Entrou na cidade, andou pelas casas de comércio, comprou alguma coisa, «que a venda tava desfalcada», e à tarde ficou desocupado.

— E não se esqueçam! O meu carreteiro é um chiru muito alto, corpulento, que sempre anda com um lenço colorado no pescoço, grande que até parece uma toalha.

Dizendo assim estava tudo explicado, que aquêle lenço era o único existente em todo o município de Santana. Outro daquele tamanho era possível encontrar, o chiru sim, mas o lenço não!

Nico ajeitou a badana, deu um «até outro dia» para o moço que o atendera e tocou de volta para o rincão. Nas outras vezes, quando vinha ao povo, sempre o caminho da volta era outro, que ele gostava de dar um dedo de prosa para o seu Aristides ali na Ponte Sêca, mas dessa vez tudo estava diferente. Aquela moça lhe havia mudado o rumo.

Ele foi passando e o cavalo, como se entendesse os pensamentos do seu dono: — «Ah! Se ela me olhasse!...». Bateu com as patas no calçamento esburacado da rua. A moça, que estava na porta com as costas viradas para a calçada, voltou o rosto.

— Outra vez, graxaim? — pensou ela, e quis entrar, mas os olhos do rapaz a deixaram imóvel. E ela olhou até que lá na saída da cidade, na dobra do caminho, ele parou o cavalo e acenou com o chapéu de barbicacho.

— Desaforado! Convencido! Pensou que eu estava olhando pra ele!

E, vermelha e braba, sem haver motivo, Manuela bateu com a porta como se o Nico, de tão longe, pudesse ouvir o estrondo.

— Meu Deus! Que é isso, Manuela.

— Nada, mãe! A porta que se escapou das minhas mãos.

Mas era bobagem mentir. Para os outros que não sabiam de nada, tudo continuava como sempre, porém para ela não, e bem sabia que não adiantava tentar enganar a si mesma. Pensava uma coisa, mas logo, lá bem no fundo do coração, outra «coisa» lhe desmentia os pensamentos.

— Que me importa êsse graxaim?

— Tu estás gostando dele!

— Não estou!

— Deixa de ser mentirosa!

— Mas se é um guasca que eu nunca vi na vida!

— Mas viu hoje, e duas vezes! Ele te olhou e tu olhaste também!

— Ora, uma criatura que, quem sabe até, é casado e cheio de filhos!

— Não me parece! E não mente, que bem aqui por dentro tu estás pedindo a Deus que ele seja solteiro!

Sim. Não adiantava mentir para a consciência. Ela estava gostando daquele homem de bigode farto, de olhos escuros e de cavalo azulego.

*
Todos os sábados Nico fazia o mesmo trajeto. Manuela aprendeu seu horário e caprichava sempre para estar bem arrumada quando ele apontasse lá, ao longe.



PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DA "REVISTA DA SEMANA"

— **B**EM eu te avisei, Nico, que eu não sabia lavar, nem costurar, nem muito menos fazer uma comida, por mais simples que fosse. Agora tu não te podes queixar de que casou comigo sem saber. Eu te avisei!

Sim. Bem lembrado estava ele do que ela dissera sempre, todas as vezes em que insistira para que fosse sua esposa. Numa de suas idas à cidade conhecera Manuela e nada mais o preocupou senão fazê-la casar com ele.

Estava debruçada em uma sacada, gritando pela irmãzinha, que saíra a correr pela rua, atrás de um gato feio e esfaimado.

— Luíza! Luíza, volta, que tu vais te resfriar!

Quando levantou o rosto averme-

NÃO COZINHAVA, NÃO COSTURAVA E NÃO LAVAVA...

Ilustração de ARMANDO MOURA

— E' por bobo que eu tô olhando pra ela. Moça de cidade não me serve. Eu tenho de casá com moça de campanha. Essa, pelo menos, toda enfeitadinha, não vai querer morar num bolicho, arrumar a casa, cozinhar, lavar roupa.

Mas ele seguia passando, seguia olhando e lá, bem de longe, abanava com o chapelão de barbicácho.

— Mas Nico, eu não sei lavar roupa, não sei cozinhar e não sei costurar de jeito nenhum. Mulher assim não te serve! E, além de tudo, eu tenho horror de campanha! Só de me lembrar que há mato perto de casa, que o mato é cheio de bicho e que pode vir uma cobra me morder eu já começo a tremer de medo.

— Não é preciso que tu trabalhes. A gente arranja empregada. Quando eu aumentar o meu capital, aí sim, venho botar casa na cidade e ficamos morando aqui. Que é que tu achas?

— Eu gosto muito de ti e se estou te avisando tudo isso é para que depois tu não te venhas queixar, que cases sabendo bem quem é a tua espôsa. Não sei fazer nada e não gosto, mesmo, de fazer. Quando, de tardezinha, o campo fica triste como um velório, se eu começo a chorar, é bom que não venhas me consolar, dizendo que eu me acostume, que casei contigo e que tenho de viver toda a vida onde tu viveres.

— Manuela! Mais tarde a gente vem morar no povo! Isso não tem importância!

E não tinha mesmo! Ele queria casar com ela e pouco importava que soubesse fazer algum assado ou não soubesse. Aquê casarão onde morava já lhe parecia horrível, tão triste, tão vazio, sem uma mulher, sem uma criança. Gostava de Manuela. Se ela ia ser boa espôsa, isso não sabia, mas gostava dela e pronto! Podia desabar a venda por cima dele que nunca mudaria de idéia.

— E tu ainda te arrisca em casá com moça da cidade? Tu já tá esquecido do que aconteceu com o Pedro do Mato Sêco? — resmungava o compadre Basileu.

Mas não adiantava o compadre falar! Ninguém conseguiria tirar Manuela de dentro de sua cabeça e, principalmente, de seu coração.

Casara enfim, com Manuela, com essa mesma Manuela que não costurava, nem lavava e nem, muito menos, cozinhas.

— Te avisei pra que tu não te queixasses depois!

— Não importa! Pra que eu fui carreteiro tantos anos, se não foi pra aprender a cozinhar? Deixa estar, Manuela! Vou fazer uma boa comida! Fica aqui na venda um pouquinho, que eu vou lá dentro dar um jeito.

Há vendas de campanha que são assim, sem movimento nenhum nos dias de semana. Quando chegam três pessoas e compram alguma coisa o dia está feito e pode-se fechar a venda, até o outro dia de manhã, que nesse já não vem mais ninguém.

Manuela ficou atrás do balcão da venda vazia, pensando nas risadas que daria ao provar a comida feita pelo Nico. Em que buraco lhe deixara a cozinheira quando fugira da venda para casar com um peão dos Marmeleiros!

Nico principiou a comida de qualquer jeito. Nunca havia cozinhas nada em toda sua vida, que ele nunca havia sido carreteiro. Nem mesmo o charque ele se lembrou de aferventar.

Quando Manuela provou a primeira garfada de comida não se pôde conter:



O Equívoco

Conto de JOSÉ GERALDO MOTA FLORENCE



Ilustração de A. PACHECO

A dois anos atrás era eu um indivíduo de extremos, irascível e de medidas violentas. Filho único, acostumado a fazer lei o meu menor capricho, levei para a idade adulta e para a vida prática o pernicioso hábito adquirido no lar.

Muitos dissabores e muitas inimizades viria ele a me acarretar. O maior desgosto, porém, aquele que deu novo rumo à minha vida e livrou-me para sempre do malfazejo traço do meu caráter, foi o fato que passo a narrar:

Acabara de concluir o curso jurídico e acedendo ao amável convite de um advogado, velho amigo de meu pai, segui de armas e bagagens para Itapuan, florescente cidade da zona nova do Estado de São Paulo. O amigo de meu pai estava rico e pretendia abandonar a advocacia para se dedicar inteiramente à vida de fazendeiro. Queria, todavia, deixar sua vasta clientela nas mãos de alguém que lhe estivesse ligado por laços mais fortes do que os de um simples conhecimento. Ora, meu pai prestara-lhe inestimável apoio nos começos difíceis. Acolher-me no seu escritório pareceu-lhe um modo prático e digno de saldar a dívida de amizade. Fui, pois, recebido com os maiores carinhos. Dr. Ataliba sobre-carregou-me de antegões, e Dulce, a última filha solteira, prendeu-me irremediavelmente com sua graça peregrina.

O trabalho do escritório era intenso, mas amplamente recompensado pelos serões passados ao lado de Dulce, no aconchego do lar amigo.

O dr. Ataliba tinha incontestável prestígio e eu gozava dos seus efeitos pelo sistema dos vasos comunicantes. As apresentações se sucediam ininterruptamente e quando nos achávamos a sós no seu gabinete, o excelente dr. Ataliba me historiava a vida dos novos conhecidos. Dentro de quinze dias estava eu conhecendo todos os expoentes da cidade e também por eles conhecido. O futuro se desdobrava aos meus olhos como uma estrada reta e atapetada de pétalas, que eu percorreria ao lado daquele anjo que era Dulce.

O cliente mais importante, no entanto, permanecia desconhecido para mim, pois se encontrava em uma estação de águas. O dr. Ataliba se referia a ele com respeito. Viu-se logo que os interesses de ambos se achavam intimamente entrelaçados. O dr. Floriano (assim se chamava o cliente) era o indivíduo mais rico da cidade.

Pelo tom com que o dr. Ataliba lhe citava o nome, supus que o tal de dr. Floriano fosse um velho obeso com colete à moda antiga e enorme

corrente de relógio a lhe circundar a barriga. Qual não foi minha surpresa, quando uma tarde o dr. Ataliba entrou com um homem moço que teria, no máximo, trinta e cinco anos e disse-lhe, indicando-me com o braço:

— Dr. Floriano, tenho o prazer de lhe apresentar o meu auxiliar e futuro substituto.

No atarantamento do imprevisto murmurei algumas palavras rituais e nem lhe pude observar as feições. Tendo recebido um chamado urgente, o dr. Floriano saiu imediatamente. Após ter acompanhado o amigo até a porta, o dr. Ataliba voltou-se para mim, com ar prazenteiro: — Não fique com ar aparvalhado, José. Você esperava, naturalmente, que o dr. Floriano fosse um rotundo homem de negócios que só vivesse para as questões materiais, não? Agora que você já o conhece, posso contar-lhe uma particularidade de que talvez você já tenha notado...

Não pôde continuar, porque o telefone tilintou e nós nos vimos engolfados na absorvente rotina jurídica. Nos dias subsequentes o dr. Ataliba contou-me fatos que enalteciam a figura do jovem milionário, mas não mais tocou na particularidade. Minha vida era tão intensa, havia tantos problemas a me pedirem a atenção que não me dei o trabalho de lhe recordar a explicação interrompida. O dr. Floriano, por outro lado, tratava de seus casos diretamente com o meu protetor, e meus contactos com ele eram apenas sumários e protocolares. Acostumei-me, pois, a considerar os seus negócios como assuntos confidenciais.

Com o passar dos dias, cheios e felizes, os laços que me uniam à família do dr. Ataliba iam tomando um aspecto definido. Dulce confessara-me que me amava e o nosso amor aparecia aos olhos de todos com a claridade das coisas sadias. Na impetuosidade própria de meu caráter, quis ficar noivo imediatamente e marcar logo uma data para o casamento. Dirigi-me ao dr. Ataliba, que me ouviu com transparente satisfação, respondendo-me em seguida:

— Se não me bastasse o fato de você ser filho do meu maior amigo para lhe franquear o ingresso na minha família, a sua dedicação ao trabalho e a sua competência e lealdade, assim como sua firmeza de princípios, o teriam credenciado amplamente a obter a mão de minha filha.

Depois de proferir tais palavras, o excelente homem estreitou-me nos braços, e continuou em voz paternal: — José, tenho notado que você é um tanto impetuoso; permita-me,

agora que já o considero como filho, que lhe modere os impulsos. No caso do noivado, por exemplo, não é aconselhável participar o compromisso assim de pronto. Quero que primeiramente você conquiste a confiança de todos os meus clientes como conquistou a minha. De acordo?

Alguns dias mais tarde, meu futuro sogro chamou-me à parte e confiou-me o propósito de ir a São Paulo ativar a marcha de uns processos enalhados. Como tal empresa lhe tomaria muitos dias, ele ia pôr-me a par das questões do dr. Floriano, as únicas, cujo conteúdo eu ainda ignorava. Minha inteligência era suficiente para compreender que aquela ida a São Paulo tinha o único fito de me entregar por alguns dias a direção do escritório e, principalmente, de demonstrar ao dr. Floriano a minha habilidade profissional.

Na hora de partir, o dr. Ataliba repetiu a velha recomendação:

— O dr. Floriano manda e não pede em toda a cidade. Sem ele, nenhum advogado pode aqui encontrar trabalho. Da sua estima depende o sucesso que você terá na nossa profissão.

Abanquei-me à cadeira giratória do dr. Ataliba, compenetrado de que aqueles dias de ausência do meu chefe seriam decisivos para o meu futuro. Com cuidado, folhee os inúmeros autos em que era parte o dr. Floriano. Tratavam de questões vultosas, às vezes de muitos milhares de contos. Meu Deus, como era rico aquele homem e como não pestanejava em fazer valer os seus direitos!

Quando o contínuo me avisou que o dr. Floriano se achava na sala de espera, senti o nervosismo do estudante que vai enfrentar em exame oral um professor estranho. Devo acrescentar que me achava perfeitamente senhor das intrincadas questões do cliente e tivera mesmo algumas opiniões próprias acatadas pelo meu futuro sogro. Modéstia à parte, sabia o meu direito.

O dr. Floriano cumprimentou-me com a amabilidade e o desembaraço de homem do mundo. Meu constrangimento desvaneceu-se e pus-me a relatar-lhe pormenorizadamente as últimas medidas tomadas na defesa dos seus interesses. Após me ter ouvido com atenção por certo tempo, deu-me um aparte jocoso. Ri-me de bom grado, mas meu riso se extinguiu quando notei, no rosto contraído do homem poderoso, uma expressão zombeteira. Não podia lhe dar outro qualificativo. Ao rir-se mansamente, compostamente poderia dizer, o canto esquerdo da boca se lhe repuxava no movimento que fazemos ao provar alguma substância

amarga. Despediu-se com novas amabilidades e deixou-me às voltas com meu primeiro aborrecimento naquela cidade que até então só me dera prazer e felicidade.

Esperei com impaciência o novo encontro com o dr. Floriano, para tirar a dúvida do meu espírito. Como da vez anterior, mostrou-se amabilíssimo. Ouvi minhas informações com atenção, sem dar o menor sinal de menosprezo. Respirei aliviado e acompanhei-o até a saída. Na despedida, julguei que poderia falar-lhe com maior intimidade:

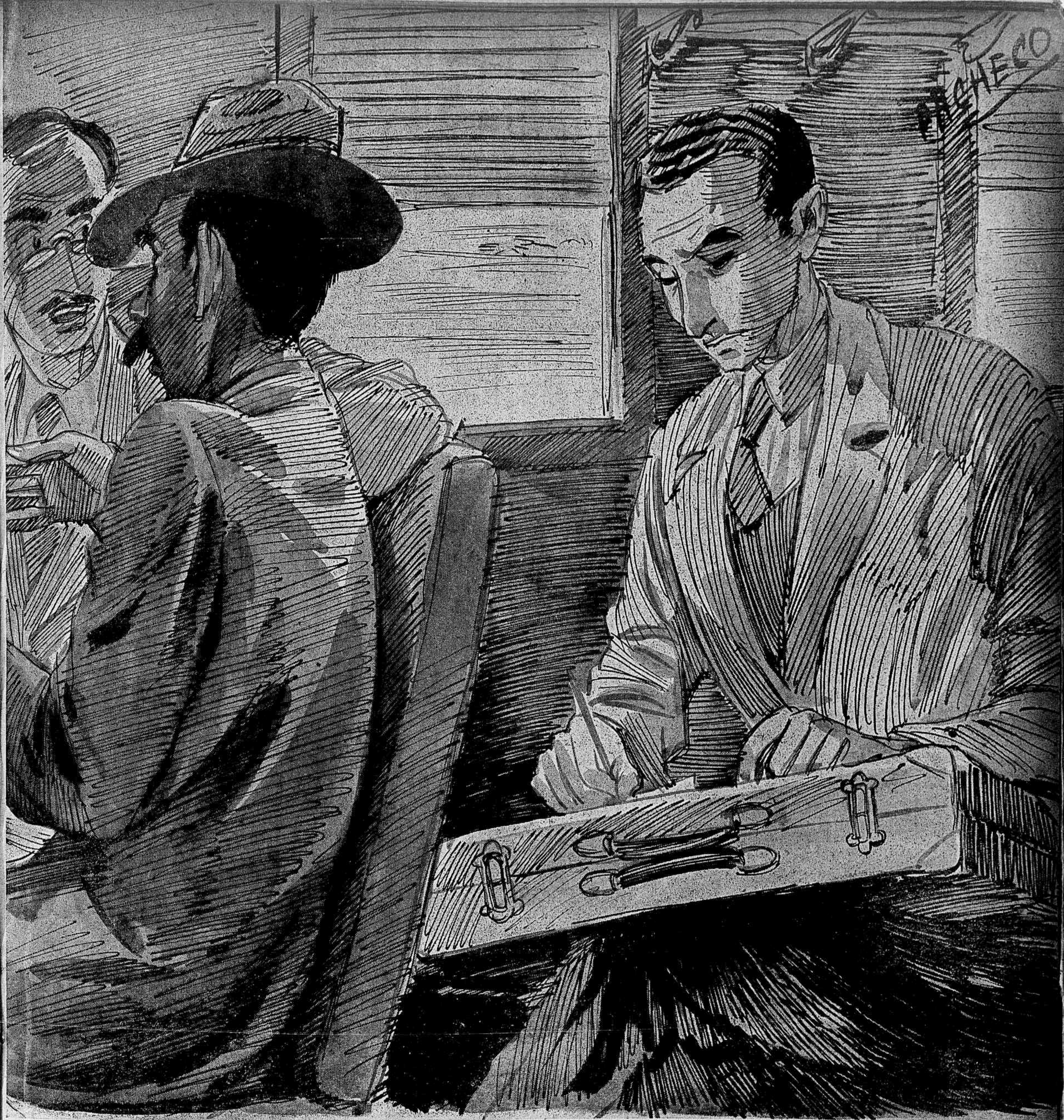
— Sabe, dr. Floriano, que já me considero itapuanense de coração? E' um prazer trabalhar com o dr. Ataliba, trata-me como a um filho.

O sorriso zombeteiro surgiu, enquanto ele me respondia:

— O meu amigo é uma pessoa boníssima. Todos são bem recebidos por ele.

O sangue subiu-me à cabeça e, com certeza, teria cometido um de-





satino se no momento não tivesse passado um amigo do dr. Floriano, o que o obrigou a se despedir precipitadamente.

A noite, com Dulce, falei sobre o dr. Floriano. Com jeito, insinuei que ele tinha suas esquisitices. Dulce não me deixou terminar. Retrucou com energia:

— Ele é um homem perfeito. Quem lhe contou isso ou tem inveja dele ou não agiu direito em algum negócio. Sim, porque o dr. Floriano não perdoa que ajam de má fé. Papai sempre diz que não quer para amigo quem não for amigo do dr. Floriano.

Eu moveria céus e terra para contentar a minha Dulce e não quis lhe dar o desgosto de desiludi-la a respeito do ídolo da família. E se tudo não passasse de lamentável

equivoco meu? Resolvi, portanto, dar mais uma oportunidade ao magnata.

Encontrei-o, no dia seguinte, na rua, quando me estava dirigindo para o escritório. Pediu minha opinião sobre o desfêcho de suas questões e depois, sorrindo, falou:

— O senhor merece meus parabéns. Há tão pouco tempo trabalhava com o dr. Ataliba e já resolve as dificuldades com o desembaraço de advogado traquejado.

E sorriu com o trejeito maldito que me irritara tanto e que naquele momento me enlouqueceu.

— Toma, diabo! — gritei numa explosão de cólera e soquei-o com todo o vigor. O milionário caiu redondamente, ao mesmo tempo que vários passantes me seguravam, impedindo que eu continuasse no meu

furor. Depois me conduziram para o hotel em que estava hospedado e, ao me introduzir no meu quarto, disseram, em tom meio consternado e meio de reprimenda:

— Ouça, doutor, um conselho de amigo. Daqui a meia hora sai um trem. Pegue-o e nunca mais pense em voltar.

Juntando a ação ao conselho, pus-me a arrumar as malas.

Meu cérebro recomeçou a funcionar quando o trem abandonava a cidade. Na afobação dos últimos momentos, nem pudera enviar um recado à minha Dulce. Saía como um criminoso fugitivo.

O coração apaixonado é magnífico ilusionista. Transforma uma tapera num castelo de fadas. Foi ele que me deu um pouco de sossêgo ao espírito perturbado, segredando-me:

— Dulce será a sua defensora. Você lhe escreverá uma carta minuciosa sobre o acontecido e ela se incumbirá de refazer o seu prestígio junto ao dr. Ataliba.

Isso insuflou-me ânimo e, com sofreguidão, me entreguei à tarefa de escrever uma carta que poria na caixa postal da primeira estação.

Enquanto olhava, sem ver, através da janela, imaginando os termos que usaria, ouvi por acaso um trecho de conversa. Dois homens, sentados à minha frente, comentavam a cena de que eu fôra protagonista:

— O rapaz deve ser um tarado, pois só um tarado ergueria a mão para o dr. Floriano. Também, acho que agora ele vai sumir.

Disse então o outro:

(Cont. na pág. 54)

JANET LEIGH,

A "ESTRELA" QUE FOI DESCOBERTA DUAS VEZES

UM VELHO ALBUM DE RETRATOS FOI O RESPONSÁVEL PELO SEU PRIMEIRO FILME — A HISTÓRIA DA CINDELELA QUE ESTAVA PERDIDA EM UMA CIDADEZINHA DO INTERIOR DA CALIFÓRNIA.

Por LUÍS SERRANO (Especial para REVISTA DA SEMANA)

ENTRE todas as carinhas novas de Hollywood destaca-se a de Janet Leigh, uma das mais encantadoras. Meiga como ninguém, Janet é uma dessas criaturinhas arrasadoras. Não há quem resista à sua simpatia, a seu sorriso, enfim, à sua figura, atraente e cheia de expressão.

E Janet acha, com toda razão, que milagres não só podem acontecer como de fato acontecem, no cinema. Se não, vejamos: Janet, sem nunca ter aparecido diante de uma câmera, recebeu um contrato em excelentes condições financeiras e dois meses depois viu-se indicada para um dos mais importantes papéis do ano... o de heroína de Van Johnson em "The Romance of Rosy Ridge". Isto para uma pequena que nunca pensara em ser atriz, embora lindíssima, loura e de olhos castanhos.

Quem a descobriu foi Norma Shearer, a veteraníssima Norma Shearer, que apesar da idade ainda continua a atrair justamente pela meiguice do seu olhar, tal qual sua descoberta de hoje. Norma estava passando umas férias numa cidadezinha californiana, Soda Springs, e fez camaradagem com uma das funcionárias do hotel, que um dia lhe mostrou um álbum fotográfico de família. Dando com o retrato de uma garota

loura, em trajes de ski, o esporte das neves, a famosa atriz comentou: — Este rosto é fascinante. Devia estar no cinema.

A fotografia era da filha da dona do álbum, sra. Helen Morrison. Norma voltou a Hollywood com a foto na bolsa, e mostrou-a imediatamente a um dos diretores da Metro-Goldwyn-Mayer, que, também impressionado por tanta beleza e doçura, mandou oferecer um contrato à pequena.

Aconteceu que naquela época a Metro estava procurando febrilmente uma pequena para fazer Lissy Anne, a roceira namorada de Van Johnson em "The Romance of Rosy Ridge". Várias atrizes já tinham sido experimentadas, mas sempre faltava qualquer coisinha.

E foi então que apareceu Janet. O diretor e o produtor da película, respectivamente Roy Rowland e Jack Cummings, viram logo que ali estava Lissy Anne em pessoa, antes mesmo que os testes fossem revelados. Roy Rowland ficou emocionado. Jurou que ali estava um verdadeiro talento interpretativo, logo que viu Janet passar de um doce sorriso a lágrimas verdadeiras.

(Continua na pág. 54)

A esquerda: Janet Leigh, num instantâneo durante a filmagem de "Wilde Havest", filme da Metro que a encantadora "estrela" está terminando ao lado de Van Johnson. Em baixo, Janet conversando com o nosso correspondente Luís Serrano. Na página ao lado, uma recente foto da jovem "estrela" especialmente autografada para esta Revista.





My best wishes
to the readers of
"Revista Da Semana"
Janet Leigh

A VIDA DE WAGNER

WILHELM RICHARD WAGNER (1813-1883)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

DEBUXADO por um pincel realista e imparcial, o retrato de Richard Wagner apresenta um estudo de contrastes violentos, e conta-nos a história de uma personalidade feia que produziu linda música. Desde a mais tenra infância, manifestou ilimitada confiança em si mesmo, absoluto desdém aos outros e espantoso talento para a poesia e para a música. Aos treze anos traduziu, em suas horas de ócio, os doze primeiros livros da «Odisséia». Lia Shakespeare em traduções alemãs e conhecia, de cor, a ópera de Weber, «Der Freischütz». Posto fosse o caçula — eram sete, ao todo — governava os irmãos e as irmãs, cuja razão única de ser, a seu juízo, consistia em servi-lo. A mãe e o padrasto — morrera-lhe o pai sete meses após o seu nascimento e a mãe casara-se com o ator Ludwig Geyer — eram pouco menos indulgentes para com o querido tiranozinho. Quando, porém, morreu o padrasto (em 1821) e retirou-se, destarte, dos seus ombros indisciplinados, a derradeira mão que poderia sufocá-lo, converteu-se ele numa fonte de autêntica ansiedade para os parentes. Antes de completar vinte anos começou a juntar-se com artistas e músicos ambulantes, e pôs-se a frequentar as pequenas tabernas de jogo de Leipzig. Uma vez apostou toda a pensão da mãe numa única rodada. Afortunadamente para a mãe, ganhou a aposta.

Pedia dinheiro emprestado com a maior displicência deste mundo e, com a mesma displicência, esperdiçava-o. «E' preciso que eu tenha dinheiro», escrevia repetidamente aos amigos, «pois, do contrário, acabarei enlouquecendo». E os amigos mostravam-se sempre dispostos a entregar-lhe as suas bolsas, pois a suprema confiança que depositava na própria habilidade tornara-se contagiosa. Se bem fosse, musicalmente, um autodidata, tinha absoluta certeza da sua habilidade em assombrar e conquistar o mundo. Escreveria uma ópera alemã — afirmava, depois outra, depois mais outra. Iria, em seguida, para a Itália, onde escreveria óperas italianas. Da Itália partiria para a França, e lá escreveria óperas francesas. E em toda parte, assegurava aos amigos, um público entusiasmado cobri-lo-ia de honrarias e dinheiro. Entretanto, nesse meio tempo, «é preciso que eu tenha dinheiro, pois, do contrário, acabarei enlouquecendo».

Tinha, é verdade, os seus momentos de depressão, mormente quando os amigos se mostravam algo lentos em derramar os próprios fundos no crivo perpétuo das suas extravagâncias. Recobrava, porém, o ânimo com surpreendente facilidade. «O temperamento dele», escreve Pecht, um dos seus companheiros de juventude, «era como uma mola de relógio, facilmente compressível, mas que voltava sempre com redobrada energia à primitiva posição».

Aos vinte anos esse jovem matamouros, enérgico, displicente, mas extremamente amável, conseguiu, por meio das relações teatrais da família Geyer, o primeiro cargo importante no palco. Tornou-se diretor do coro da pequena companhia de óperas de Würzburg. Lá (em 1833) escreveu a primeira ópera, «As Fadas», exuberante e efervescente efusão da sua mocidade indômita. No ano seguinte escreveu outra ópera, «A Proibição de Amar», e, logo em seguida, esquecendo-se da própria proibição, apaixonou-se pela atriz Minna Planer. Casaram-se no dia 24 de novembro de 1836 — dia de que Minna se devia lembrar como do aniversário das suas desventuras. Infelizes são os que o destino liga à roda impetuosa do gênio.

II

Os primeiros anos da sua vida de casados foram anos de privações e desgostos e — da parte de Wagner, pelo menos — de fé imorre-

doura no triunfo final do seu gênio. Com o intuito de chamar a atenção do público para esse gênio, escreveu mais quatro óperas — «Rienzi», «O Navio Fantasma», «Tannhäuser» e «Lohengrin». Não foram, todavia, bem acolhidas pelo público, por se tratar de uma nova e exótica linguagem musical, e os ouvidos velhos tardam a apreender as novas cadências. Wagner oferecia beleza ao mundo e este recompensava-o com desdém. Jornadeou por toda parte em busca de reconhecimento e foi, em toda parte, igualmente mal acolhido. E quando a esposa se lamentava, fazia-a calar-se com estas palavras: «As suas aflições serão, por fim, recompensadas com a minha fama».

«As suas aflições... a minha fama». Foi esta a nota tônica da sua existência. Carregassem os outros a coroa de espinhos para que ele pudesse receber a recompensa da glória. Amiudadas vezes obrigou-a a fazer apelos vergonhosos à caridade alheia a fim de poupar-lhe o inconveniente de precisar prover à própria subsistência. «Cumpro agora um dever desagradável, mas, acredito, sagrado», escreve ela ao amigo de Wagner, Theodor Apel. «Diz o senhor, na carta que escreveu a Richard, que lhe é impossível fazer por ele mais do que já fez... Permita-me, contudo, sem qualquer desejo de vanglória, contar-lhe o que fiz, quando menina, por meu irmão... Propus-me custear-lhe os estudos

em Leipzig numa ocasião em que eu não tinha quatro groschen sequer para o jantar. Empenhei os meus brincos e coisas assim, mandei o dinheiro para meu irmão e fiquei apenas com quatro pfennings para comprar um pedaço de pão... Recorro ao senhor. Não lhe será mesmo possível fazer ainda mais um sacrifício em prol de Richard? Há nele um formoso talento que se faz mister socorrer. Se não lhe acudirmos, esse talento dará em nada».

E Richard aceitava as esmolas, alimentava o talento e torturava a mulher. Queixava-se de que Minna, incapaz de dar-lhe assistência espiritual, só lhe podia dar assistência material. Um homem com a sua excitabilidade interior, dizia, necessitava de «assistência mental» — almas irmãs que lhe compreendessem a música e que lhe pudessem inspirar os «mais supremos esforços». Pode ser que, sob o aspecto artístico, fosse justificável a crueldade dessa atitude. E' possível que ele precisasse desse néctar de paixão para alimentar as suas ardentes criadoras. Mas se essa espécie de alimento era a vida para Wagner, era, para Minna, fel e absinto. Unia-se ele frequentemente a outra mulher e patenteava-o diante da esposa, acrescentando sempre, à injúria de infidelidade, o insulto da desculpa de que preferia a nova amásia por ser intelectualmente superior à esposa. Certa vez, quando se ligou a Frau Mathilde Wesen-

donck, assegurou, tanto a Minna quanto ao marido de Frau Wesendonck que trazia o coração à sangrar pelas suas desventuras, mas que os fados haviam decretado o sacrifício da felicidade de ambos em benefício do gênio dele. Música magnífica para o mundo; fria consolidação para as vítimas dessa gloriosa música.

Os seus pontos de vista sem-cerimoniosos acerca da música e do amor, estendiam-se à política também. Tanto que terminou o «Lohengrin», em 1848, atirou-se à agitação revolucionária que, naquele tempo, se alastrava pela Alemanha. Tendo sido decretada contra ele uma ordem de prisão, fugiu para a Suíça — e levou consigo para o exílio o coração de outra jovem dama, Madame Jessie Laussot.

Jessie Laussot era a esposa inglesa de um comerciante francês de vinhos, Eugène Laussot. Wagner conhecera-a em Dresden e essa jovem e fascinante senhora expressara a sua admiração por ele «de uma forma», conta-nos o próprio Wagner, «que me trouxe à existência uma experiência de todo nova». Principiaram a cartear-se com regularidade, e no começo da primavera de 1850 Wagner recebeu convite para passar algum tempo na casa dos Laussots. Aceitou-o alegremente e explicou a Minna que o fazia por lhe haver prometido Monsieur Laussot uma anuidade que o libertaria «da necessidade vulgar dos negócios para o nobre cultivo da minha arte».

Chegado à casa dos Laussots, cumprimentou Eugène e logo, prestemente, o enganou pelas costas. «Não demorei a constatar», escreve ele em «Mein Leben», «quão grande era o abismo que nos separava, a mim e a Jessie, da mãe e do marido dela. Ao passo que o simpático rapaz atendia seus negócios... e a surdez da mãe a excluía das nossas conversas, Jessie e eu trocávamos idéias a propósito de muitos assuntos importantes... E isso cedo estabeleceu um grande laço de simpatia entre nós».

Projetaram juntos «fugir ao feio mundo», indo para um sítio qualquer da Grécia ou da Ásia Menor. A esposa, Richard escreveu que julgava, em benefício dela, ser melhor abandoná-la. «Pois de que outra maneira poderei torná-la feliz?... Imagino e espero que, embora surpreendida, você não esteja, de modo nenhum, alarmada com a minha decisão».

Nesse meio tempo, entretanto, o marido de Jessie, que começara a suspeitar da coisa, ameaçou meter uma bala em Wagner, e o entusiasmo deste último pela «fuga espiritual» esfriou. Escreveu uma carta a Jessie expressando o seu «desprezo pelo procedimento do marido dela»; e escreveu outra a seu amigo Karl Ritter, a quem comunicara os planos de fuga, informando-o de que «não se pode fazer nada com essa inglesa louca (Jessie Laussot)».

De todo esse sórdido caso somente uma pessoa — no entender de Wagner — emergiu irrepreensível, nobre e pura. Essa pessoa era o próprio Richard Wagner. Laussot, dizia ele, revelara-se requintado patife; Jessie, uma mulherzinha inconstante; e Minna, uma idiota ciumenta. «Quem quer que me haja observado atentamente», escreveu ele, «há de ter ficado surpreso com a minha paciência e a minha bondade... Se aqueles juizes superficiais me condenaram, tornei-me, felizmente, insensível à opinião deles... Pelo que toca a Minna, esta nem sequer compreende o que é o verdadeiro amor, e acha-se totalmente avassalada pela cólera... Ela é realmente infeliz — teria sido mais afortunada com um homem menos grande».

III

Durante doze anos permaneceu Wagner exilado, errando de uma ci-

(Continua na pág. 52)



RICHARD WAGNER



ALBENZIO Perroni é outro "astro" da velha guarda. Intérprete de canções sentimentais, sua voz bolou com o coração das meninas sonhadoras e garantiu-lhe o cartaz de que ainda desfruta. Seu ingresso no rádio data do tempo do saudoso Amador Santos, quando este dirigia interessante programa ao microfone da Rádio Club do Brasil. Nesse prefixo o artista permaneceu vários meses, para acabar ingressando no "cast" da Educadora, onde veio a alcançar os maiores sucessos de sua carreira. Na PRB-7, dando expansão à sua vocação para o "broadcasting", Perroni chegou a se revelar um bom locutor, posto que abandonou em virtude de uma lei do governo Vargas. Intérprete preferido das valsas de Gastão Lamounier, algumas das quais botou na cena, ele conseguiu enorme êxito com a valsa "Sonho de pierrot", de Fancini e Cândido de Castro. Meses atrás, Albenzio Perroni festejou sua maioridade artística, realizando grande festa num dos teatros cariocas, durante a qual homenageou a crônica especializada. Além de sua atuação no rádio, não raro aparece no cartaz dos teatros e circos, abrilhantando os espetáculos dessas casas de diversões que, diga-se de passagem, têm nele uma excelente fonte de renda. Brasileiro por naturalização, ele é um grande amigo de nossa terra, enaltecendo-a sempre tal como se fosse sua própria pátria. Sua grande emoção viveu-a por ocasião de seu decênio ao microfone PRB-7, quando seus companheiros o homenagearam com uma "bruta" festa.

EDDY Leal, conhecido intérprete de boleros, rumbas e corridas, há muito milita no "broadcasting" nacional, emprestando a beleza de sua voz à programação de estúdio de nossas emissoras. Cuidadoso na seleção do repertório, ele se impôs à admiração dos ouvintes, cantando melodias de Agustín Lara, Gabriel Ruiz, Cadícamo, Marengo e tantos outros azes do cancionário americano. Sua presença no "cast" da Transmissora, onde tomou parte em "Poeira de estrelas", foi das mais destacadas. Também na Rede Fluminense de "Broadcasting" o jovem cantor permaneceu por longa temporada, ao término da qual excursionou pelos Estados sulinos, apresentando-se ao microfone das principais emissoras. Esteve em Minas Gerais, realizando exhibições na Inconfidência e, mais tarde, fez uma "tourné" pelas cidades fluminenses, sendo bem sucedido. Ao regressar, atuou na Rádio Club do Brasil, cantando no programa "Melodias mexicanas". Da PRA-3 transferiu-se para a Rádio Jornal do Brasil, como sempre interpretando músicas mexicanas, cubanas e argentinas. Eddy Leal, além de ator, é exímio pianista, lecionando música nas horas disponíveis. Recentemente esteve na Argentina, trabalhando em algumas "boites" e cantando numa das estações portenhas. No Rio, pertenceu ao elenco de uma companhia de revistas e breve estará interpretando para o cinema, pois já recebeu proposta de uma produtora nacional. Sua distração predileta é o cinema, embora não desgoste do "foot-ball".

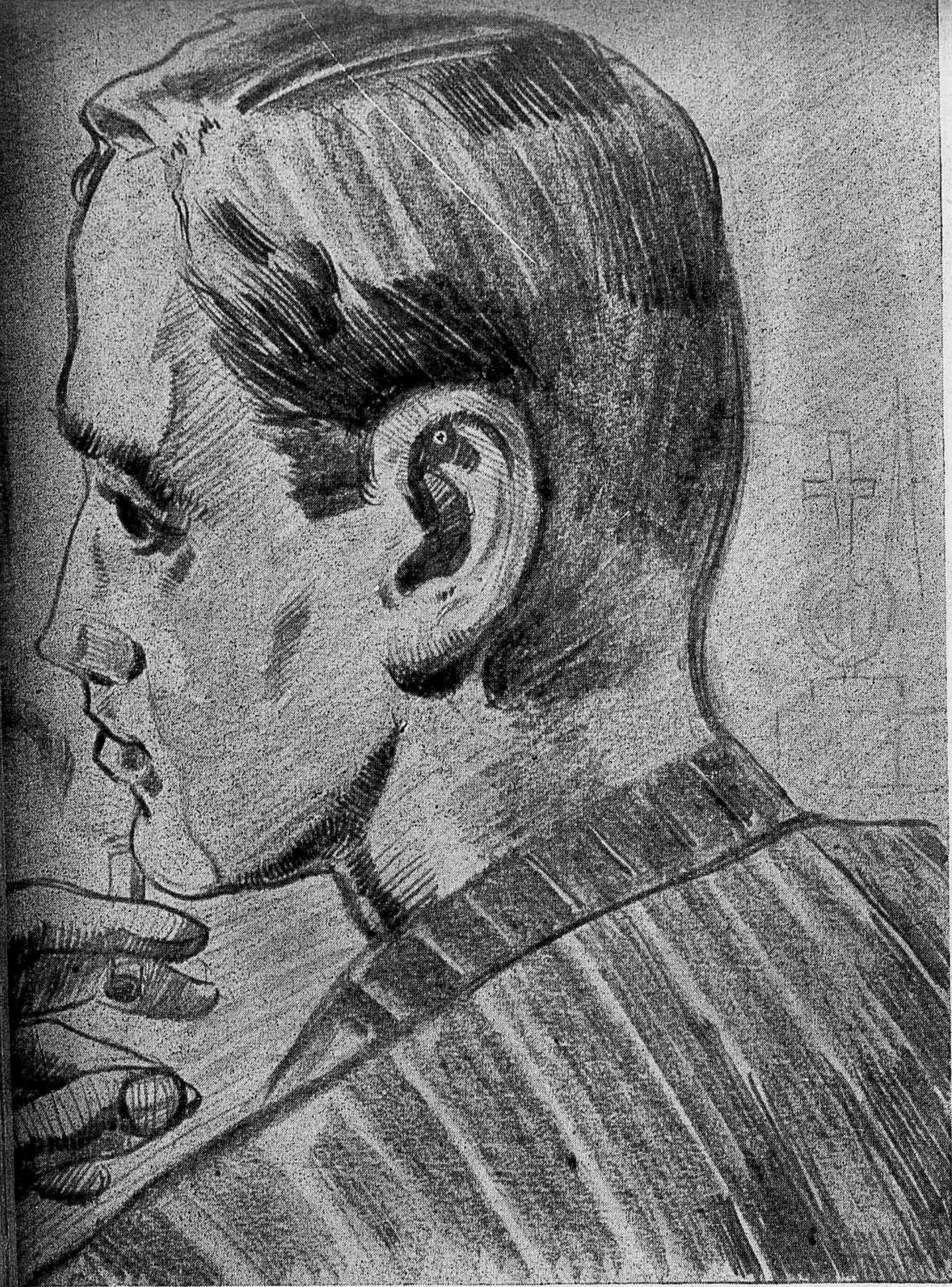
GENTE DE RADIO

DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS

LICIA Magda, estrela do "cast" radioteatral da PRE-3, ingressou no "broadcasting" carioca através de um concurso promovido pela Vera-Cruz, ao tempo do radialista Paulo Bevilacqua. Esteve à frente de um programa feminino na Transmissora, trabalhou em publicidade comercial, fez parte do elenco da Educadora, atuou ao microfone da Ipanema, desempenhou várias personagens na Tupi e com Rodrigues Filho organizou um "broadcast" na Vera-Cruz. Encarregada do setor de teatro da Recreação Operária e artista exclusiva da Globo, trabalhando nas diversas novelas que esta emissora transmite. Antes de ingressar no rádio, dedicou-se ao teatro de amadores, participando de alguns elencos, onde aprendeu certos conhecimentos necessários à arte de dizer. A maior ambição de Licia Magda é ser locutora, tarefa de que se desincumbirá a contento, porque possui bonita voz, dicção clara. Sua maior emoção viveu-a ao assinar contrato de exclusividade com a PRE-3, fato ocorrido no mês de outubro deste ano. Nascida em S. Domingos de Caratinga, Minas Gerais, a vinte e dois de fevereiro de 1903, Licia Magda já viveu um caso pitoresco em sua carreira artística. Foi quando dirigia o programa feminino da Transmissora em que, pensando estar desligado o microfone, lamentava estar com muita fome e não poder abandonar o estúdio para fazer um "lunch". Logo uma fã interessou-se pela artista, enviando-lhe um "lunch" completo e, desse modo, ela "garantiu" o estômago. Por isso, considera as fãs como esteio da carreira de qualquer astro.

Osoprano Nilza Drumond, uma das vozes bonitas com que pode contar a música de classe, não é desconhecida dos rádio-ouvintes cariocas, graças aos soberbos recitais que tem dado ao microfone das principais emissoras. Não há muito, tivemos ensejo de ouvi-la no "Programa Royal Briar", irradiado pela Nacional. A jovem artista brasileira, nesse recital de canto, interpretou alguns números de seu seletor repertório, que mereceram o aplauso dos sintonizadores. Pertenceu ao elenco estável do Teatro Municipal. Ela, por várias vezes, tem abrilhantado os espetáculos de gala dessa casa, cantando trechos de óperas famosas. Ainda no rádio, a nossa retratada levou a efeito uma série de audições ao microfone da Tamóio, conquistando a simpatia do público-ouvinte, e a admiração de seus próprios companheiros de estação. Na PRE-8, tomou parte em diversos programas, o mesmo acontecendo na Rádio Jornal do Brasil. Também na Roquete Pinto, sua delicada voz se fez ouvir, tais os predicados de que é possuidora. Nilza Drumond, cuja graça feminina encanta à primeira vista, já excursionou pelo interior do Brasil, exibindo sua arte. Muito jovem, com futuro brilhante à sua frente, ela se dedica ao aprimoramento da própria cultura artística, lendo obras especializadas e estudando com mestres de valor. É grande apreciadora dos filmes musicados, pratica a natação e não despreza a boa leitura. Sua grande ambição é triunfar sempre e conquistar o público.





Conto de ALBERTO LEAL

Ilustração de A. ZÁLUAR



toda de negro, em luto fechado. — Creio tê-la visto já, pensou Fábio.

A jovem de crepe chegou à escadinha do varandim, levantou a cabeça de sob o chapéu de abas pretas, fitou-o um momento nos olhos. O homem teve uma vertigem: «Maria!».

E como estava linda! Muito branca, um ritus de sofrimento no semblante, os grandes olhos claros com uma névoa de tristeza a embaçá-los.

Ela subiu, inclinou de leve a cabeça, num cumprimento grave, passou por ele como uma visão fugidia.

Acompanhou-a com o olhar: ela chegou junto ao morto, beijou-a na boca, pôs-se de joelhos, a orar.

O seu vulto esguio e elegante, todo de perto, teve uns estremeções de soluço, e a cabeça baixou tanto que parecia afundar-se no peito, numa atitude que poderia ser de dor e de recolhimento profundos. Carlos tocou-lhe no braço:

— Uma mulher admirável! E' da classe rara das que sabem amar, por toda a vida!

— Nunca pensei, disse Fábio, que eu fosse amado assim: vir de tão longe ao meu entérro... Creio que reconhecerei isto! Penso mesmo em pedir-lhe perdão. Sinto que voltei a amá-la, a amá-la de verdade, desta vez, quando os seus olhos cruzaram com os meus, ainda há pouco... E ela estará chorando de felicidade, Carlos, por me ver vivo e são?

O amigo tomou-o pelo braço, levou-o ao jardim. Pararam junto a uma roseira, cujas rosas tinham tonalidades vivas de sangue fresco.

— Tu não sabes: eles eram amantes havia já três anos... Desde o tempo em que Maria veio à tua procura, inconformada com o teu silêncio. A procura do poeta Cladel, que para ela eras tu. Encontrou Cladel, o real, e a desilusão da tua mentira.

O resto foi fácil: dois sentimentais que se sentiam desgraçados no amor... Amaram-se muito. Presenciei a sua felicidade...

Agora, Maria voltara à sua cidadezinha, e Cladel lá iria ter, em breve, a fim de conhecer o filho...

Fábio tomara nas mãos uma das rosas e, nervoso, arrancara da corola um punhado de pétalas.

Carlos apontou: «não a poderás mais reavivar: foi o que fizeste à tua paixão...».

A brisa agitou o roseiral do poeta morto, e da flor mutilada as derradeiras pétalas caíram, marcando o chão como lágrimas de sangue...

A primeira carta chegou sete dias depois.

— Não era uma carta: era um coração cheio de ternura e de saudade, que me chegava às mãos — explicou depois a Carlos.

Veio a segunda, apreensiva, num leve tom de queixa. Aquêlê silêncio seria culpa do Correio, seria tão pronto esquecimento? Maria não o acreditava: os homens comuns poderiam esquecer, assim depressa, mas Cladel, um poeta...

A terceira, Fábio teve um gesto de enfado: «Esta mulher não compreende as coisas! Duas cartas já sem resposta... e ela a insistir! Que tolinha!».

Começou a ler: «Meu ingrato Cladel (continuava a ser o outro, achou graça!) não te escreveria esta se não fosse a leitura do teu último livro. (Então o amigo escrevera outro livro! Nem o sabia!) Há nele, evidentemente, uma resposta às minhas tristes missivas. Como te agradeço a maneira delicada e gentil de falares ao meu coração através de palavras que parecem ser dirigidas a todas as mulheres! Ou estarei enganada? Ou não serão para mim os teus doces versos? Meu amor: não ouse mais pedir que me escrevas... mas se soubesses a angústia em que vivo... Sabes o que é a incerteza no amor?». Suspendeu a leitura, num bocêjo.

Depois, o silêncio.

Fábio esqueceu de todo a aventura e as cartas sem resposta. Os anos passaram. Um dia, Cladel, o poeta, adoeceu gravemente. Carlos recebeu logo um telegrama de Maria, ansiosa, pedindo notícias.

E quando Cladel morreu, Carlos foi incumbido de enviar flôres, com uma fita branca como a pureza daquele sentimento, e uma só palavra: «Maria».

No retiro do amigo morto, na praia da Tristeza, Carlos e Fábio se encontraram, no dia do entérro.

Havia muito que se não viam, e o cumprimento foi quase cerimonioso.

Junto ao caixão, um ramallete branco, com uma fita singela, atraiu os olhos de Fábio: «Maria».

Fitou o amigo, e Carlos confirmou: «ela mesma».

Fábio sorriu: afinal, «ele» morrera, ficava livre, para o futuro, de qualquer complicação com aquela mulher. E como ela o amara! Aquilo o lisonjeava — três anos de separação e de silêncio não bastaram para apagá-lo da sua lembrança!

Outras pessoas chegavam. Alguém murmurou: «O sr. secretário de Estado!». E todos abriram alas.

Fábio foi até a porta. Pela alameda, florida de rosas, em passos miúdos, uma moça avançava,

**ROSA
DESFOLHADA**



PARTIR é esquecer!

— Não, Maria, não esquecerei nunca estes dias que aqui vivi: tudo tão bom — a leveza do ar, a frescura das manhãs, o murmúrio do riacho, a doçura das frutas, a suavidade do nosso amor...

Maria olhou-o longamente, suspirou:

— O nosso amor! Esquecê-lo-á, na cidade, em breve!

— Juro que...

— Não jure; assim não lhe poderei recriminar tanto o esquecimento... Não terel, mesmo, nenhum direlto. Sei que os homens como você, os artistas, têm afeto como o sol tem luz: derramam carinho e amor por onde passam... Mas é carinho e amor para todas as coisas e para todas as mulheres...

O homem tomou-a nos braços e beijou-lhe os lábios carnudos. O beijo chegou a tempo de abafar um soluço.

O trem entrava na estaçãozinha. Mais um abraço, outro beijo... Depois, da janela do trem e da plataforma da estação, lenços se agitaram,

nervosos, até que a primeira curva da estrada pôs um espigão verdejante entre os adeuses.

— Então, Fábio, deixaste de ser o Cladel?

— E' verdade, Carlos. E queres saber? Sinto já o não ser mais... A aventura foi deliciosa!

— Não me digas que voltaste apaixonado...

— Quem sabe? — Mas... as responsabilidades, a minha mulher... Aos trinta e cinco anos só se podem ter aventuras como esta: rápida, num lugar distante, sob o nome de um amigo...

— Imagina a cara do Cladel, se souber um dia que despertou o amor de uma provincianazinha ingênua, educada no «Sacré Coeur», sob a tua forma física...

— A idéia foi tua, Carlos, não me podes trair!

— Nem penso em fazê-lo. Se não te insinuasse este ardil, tu, o conspícuo dr. Fábio, não te animarias nunca ao prazer desta aventura. O teu nome era uma barreira de ferro, que te impedia largos remígios nos domínios azuis de Cupido.

— E' extraordinário: o talento de Cladel é conhecido até neste longínquo rincão! Que poder de penetração tem a poesia! Consegue trazer um nome

até aqui, e um nome que se fez querido e admirado pelas mulheres através de centenas de quilômetros!

— Cladel é o poeta das moças. Garanto que metade do teu sucesso amoroso correu por conta do prestígio do seu nome.

— O pior é que ela me escreverá. Precisei dar-lhe um endereço para que o fizesse, senão Cladel receberia as cartas.

— Não lhe deste o da tua casa?

— Claro que não. Pedi-lhe que as enviasse à minha caixa postal.

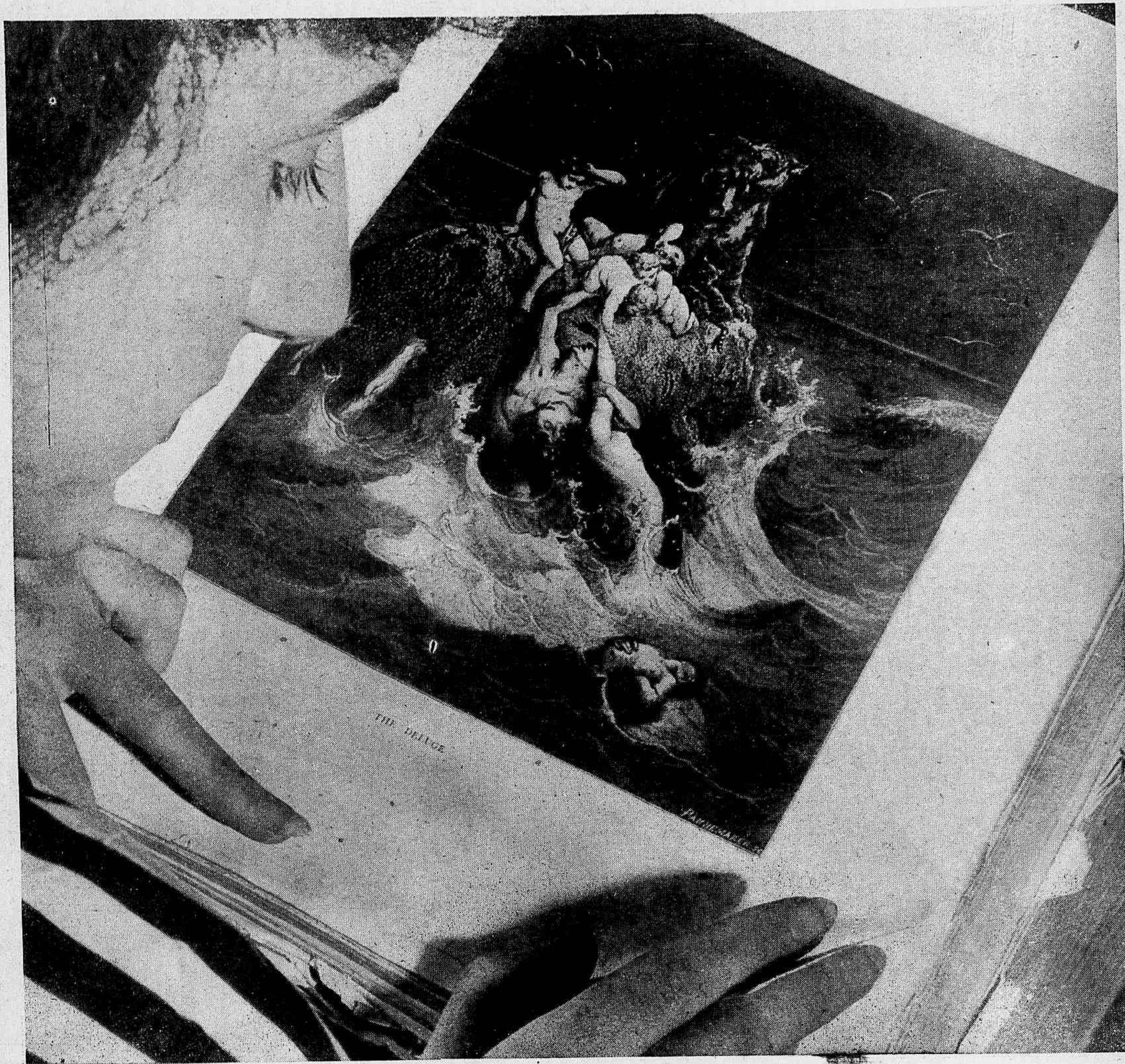
— Responder-lhe-ás?

— Não. Seria prolongar uma aventura deliciosa no campo, mas perigosa na cidade.

— Maria irá sofrer com o teu silêncio. Não compreenderá por que tu, um poeta (Carlos riu), que revela tanto sentimento e tamanha ternura nos versos, seja tão insensível e tão duro na vida real...

— Ela disse que nós, os artistas, somos como o sol: esbanjamos o nosso amor, distribuimo-lo por todas... Cedo conformar-se-á.

Subitamente fez-se sombra. O trem entrara num túnel.



Ao alto: "O Dilúvio" é um dos trabalhos de Gustave Doré familiares aos americanos de duas gerações atrás, por intermédio da famosa "Galeria Doré" de livros religiosos. Muitos dos originais de Doré foram agora postos em leilão por uma firma de Nova York, que possuía a coleção há tanto desaparecida. Doré produziu mais de 50.000 desenhos e quadros. Na página ao lado: "A Última Ceia", desenho familiar aos americanos do século passado. Em muitas paredes ainda existem reproduções desta obra.

UM VERDADEIRO TESOURO ARTÍSTICO RECUPERADO APÓS MEIO SÉCULO DE EXTRAVIO

UM LEILÃO DE OBRAS PRIMAS DE GUSTAVE DORÉ, O ILUSTRADOR DE RABELAIS, MILTON, DANTE E CERVANTES
— QUASE DEZ MILHÕES DE CRUZEIROS GUARDADOS EM UM DEPÓSITO DE MÓVEIS.

Por JAMES R. DAVIDSON

NOVA YORK, dezembro — (Exclusivo de King Features Syndicate para REVISTA DA SEMANA) — Uma coleção fabulosa de trabalhos de Paul Gustave Doré, famoso ilustrador do século XIX, que esteve perdida durante 50 anos, está sendo presentemente preparada para ser posta em leilão pela segunda vez.

Nenhuma "sala-de-visita" norte-americana de 1880-1890 era julgada completa sem os maciços volumes, de letras douradas, do "Paraíso Perdido", de Milton; da "Divina Comédia", de Dante, e a "Galeria da Bíblia", de Doré, cada um composto de cerca de 50 ilustra-

ções de autoria do prolífico e inspirado artista europeu, que ilustrou também os livros de Rabelais e Cervantes.

Apesar de ter sido vendida noutros tempos por 300.000 dólares, a coleção foi arrematada num leilão efetuado a 9 de setembro passado pela modesta quantia de 12.500 dólares por um "connoisseur" que pagou o seu lance com um cheque sem fundo.

Agora a coleção vai outra vez a leilão e o leiloeiro está esperançoso de que desta vez conseguirá um preço mais aproximado do seu valor.

Milhões de pessoas viram a coleção duran-

te as suas excursões pelo mundo nas duas últimas décadas do século XIX.

Algumas das cenas religiosas levaram circunstanciais visitantes a ficar de joelhos e pastores a fazer inesperados sermões.

Depois, em 1893, a mostra de arte desapareceu das vistas do público.

Durante meio século foi em vão procurada pelos admiradores de Doré, para afinal ser encontrada em julho passado num depósito de móveis de Manhattan, onde esteve guardada desde 1899.

O próprio pessoal do depósito nada sabia do tesouro artístico, que estava oculto dentro

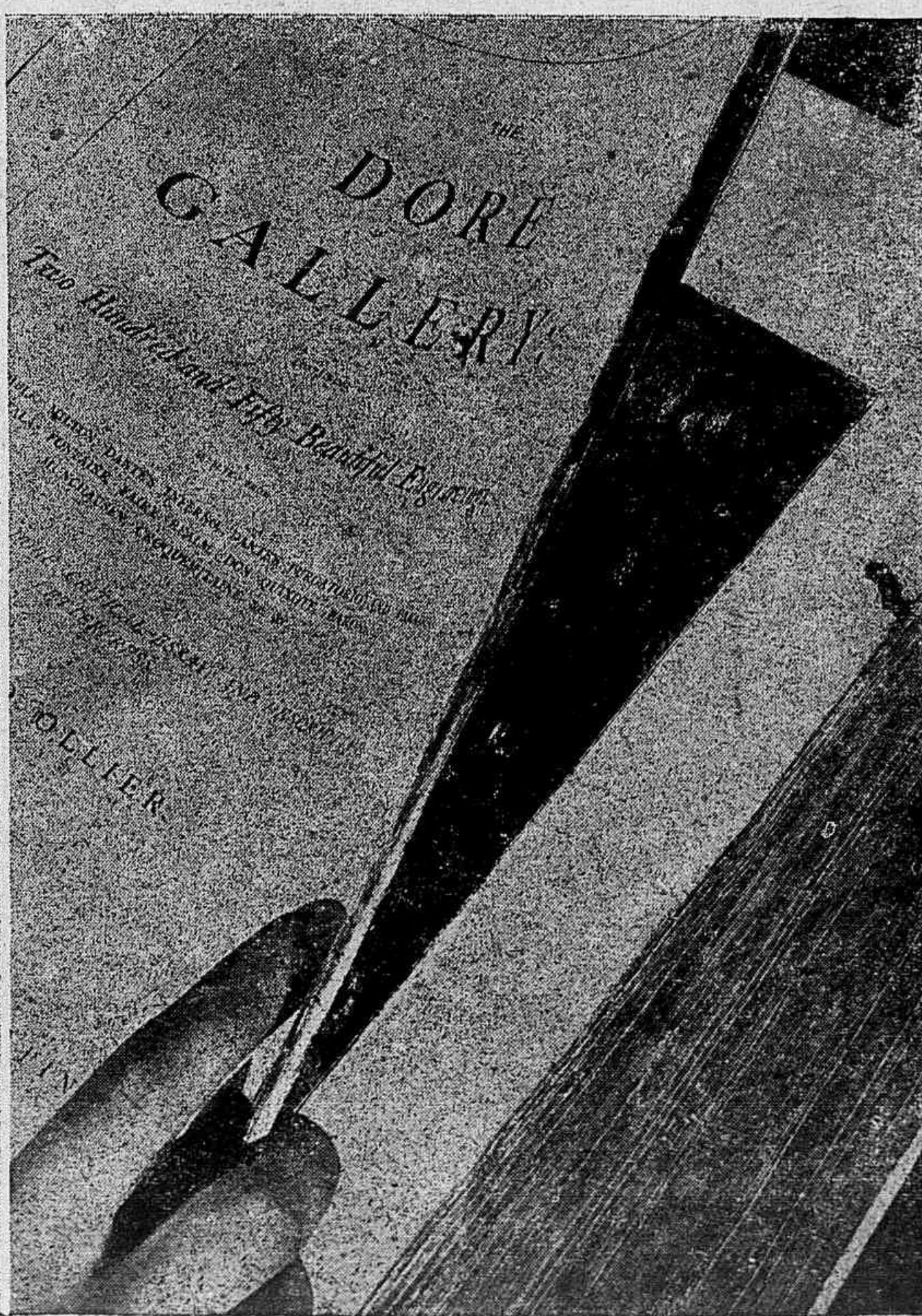


THE LAST SUPPER.





Ao alto: O comprador da "barganha", John Holzworth, conversando com uma repórter durante o primeiro leilão. No entanto, seu cheque voltou por "insuficiência de fundos", o que anulou o negócio. Em baixo, à esquerda: A primeira página de "A Galeria Doré", livro que contém seleções dos inúmeros trabalhos religiosos de Doré. A direita: Grandes cenas como esta: "O Povo Chora Sobre as Ruínas de Jerusalém", fizeram a popularidade de Gustave Doré na sua época. Na página ao lado: "Sonho Diurno" atrai o olhar da sra. J. E. Merrill, de Manhattan, que viu a coleção exibida na Rússia há uns 60 anos. Ela correu mundo, atrás desses trabalhos, depositados há poucos quarteirões de sua casa.





Ao alto: O artista religioso Gustave Doré, cuja obra será levada novamente a leilão, por uma casa de Nova York, em paga da taxa devida de depósito. Doré foi notável como ilustrador. A esquerda: "Os anjos do Senhor derrotam os sectários de Satan", no "Paraiso Perdido", de Milton, ilustrado por Gustave Doré, cena que foi uma das favoritas do século XIX.

de caixotes com a etiqueta — "Arte, valor 50 dólares".

O seu real valor ficou aparente somente quando se prepararam para vendê-lo afim de cobrar os pagamentos em atraso pela sua guarda.

Durante 21 anos os pagamentos foram pontualmente feitos pela Companhia Importadora de Arte, dos Estados Unidos, subsidiária de uma firma inglesa, mas de repente, sem nenhuma explicação, paralisou.

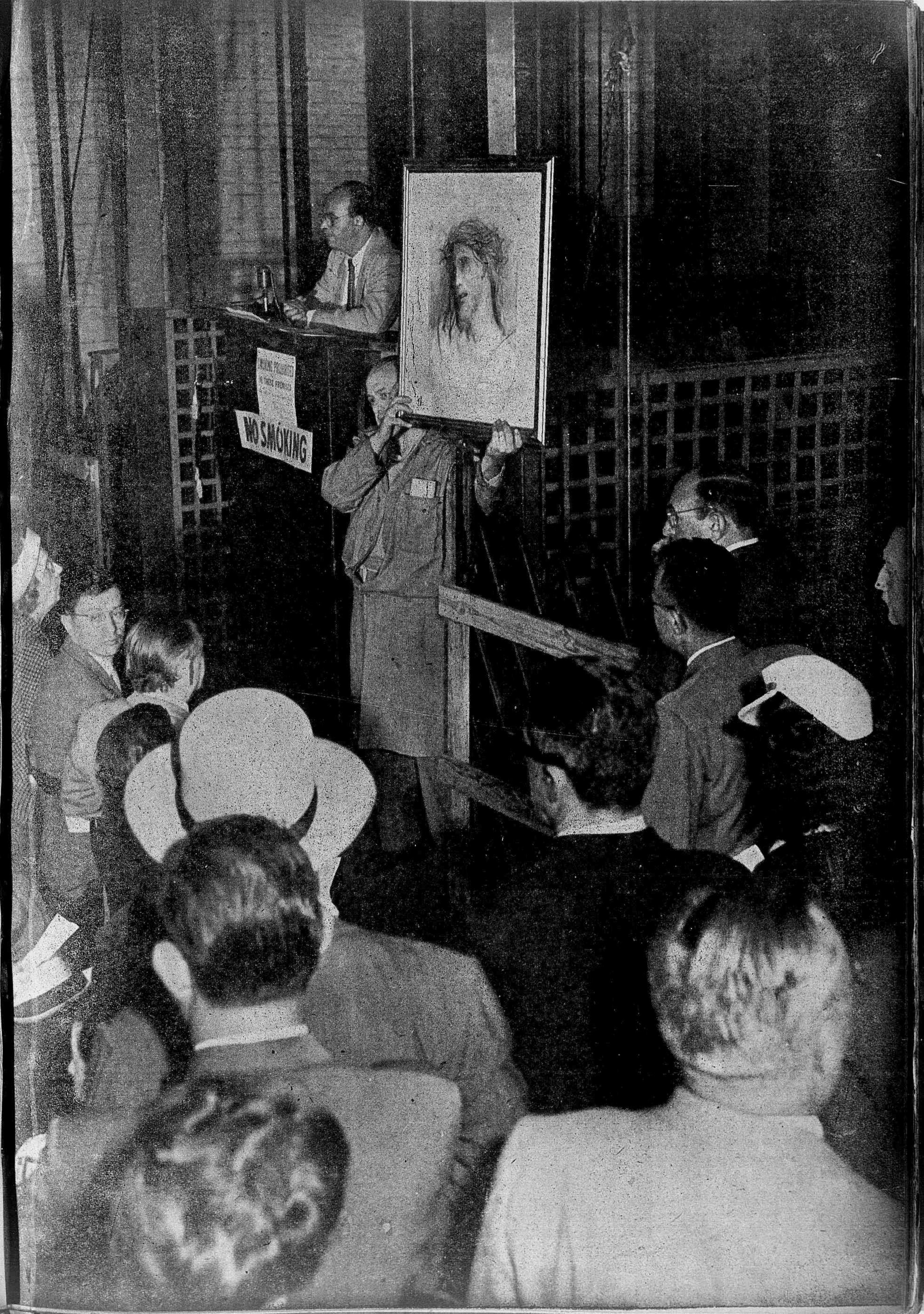
Recundo quase além da compreensão humana, Gustave Doré produziu mais de 50.000 ilustrações durante a sua vida.

Limitou o seu sono a 3 horas por noite e compensava-se pela sua falta de treinamento formalístico mediante uma exigência própria de exatidão e precisão nos mais finos detalhes.

(Cont. na pág. 56)

A direita: A cabeça do Salvador é exibida pelo leiloeiro Leon Kaliski durante a recente venda, posteriormente anulada. Apesar da fama de Gustave Doré, a coleção foi vendida pela insignificante importância de 12.500 dólares. Espera-se mais do próximo leilão. Em baixo: Líderes religiosos têm descrito como "divinas" algumas das ilustrações de Doré, como esta "Conversão de São Paulo".





MUSICA

O "REGISSEUR" E A CENA LÍRICA — O INSPETOR DE VEÍCULOS E O CANTOR — "BOSQUE" PODE SIGNIFICAR MUITA COISA — O CÔRO E O SEMI-CÍRCULO

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para a "REVISTA DA SEMANA")

O sr. Germán Torel deixou, recentemente, o Rio, depois de uma prolongada estada, durante a qual atuou como «regisseur» em sucessivas temporadas líricas. Contratado pela Universidade de Toronto, Canadá, para um curso de conferências e aulas especiais de interpretação dramática aplicada à ópera, Torel encenará, naquele estabelecimento, diversas obras — como o «Orfeu», de Gluck, e a «Noiva Vendida», de Smetana — com o elenco da Escola de Ópera que funciona ali.

Já tivemos oportunidade de comentar, em diversas ocasiões, a importância da função do «regisseur» na composição de espetáculos teatrais. A noção dessa necessidade de destacar o trabalho do «regisseur» felizmente já se vai impondo em nosso meio. Inexplicavelmente, porém, é no setor lírico que tem tido menos repercussão. Essa circunstância seria compreensível se quiséssemos ficar com um atraso considerável na arte em relação aos mais importantes centros. Nada justifica essa atitude. Assim, é cada vez mais urgente que seja sublinhada a ação do «regisseur» na ópera, entre nós.

A esse respeito, Germán Torel, que soube se conduzir com tanta eficiência no Teatro Municipal, trouxe-nos a contribuição de sua larga experiência, constituída na Europa; em Berlim, em Paris, na Tchecoslováquia, diretor e ensaiador, que foi, em grandes teatros e em companhias cinematográficas.

VARIOS TIPOS DE BOSQUE

Palestrando sobre a incompreensão que ainda se verifica em relação ao «regisseur», na ópera, Torel acentuou, de início, a necessidade da presença deste como coordenador de todos os elementos constitutivos dos espetáculos. Cumpre ao «regisseur» estudar os libretos e orientar a confecção dos cenários de acordo com o espírito e a letra da obra, procurando realizar, cenicamente, o «ambiente» em que o autor situou o drama lírico.

— Toda realização cenográfica, declarou, depende da visão que têm o «regisseur» e o cenógrafo da ação cênico-dramática da obra. Assim, poderíamos ilustrar esse princípio fundamental: o bosque romântico de Siegfried, o bosque mágico de Hansel e Gretel, o bosque sagrado de Parsifal, o bosque realista de Fan-

ciulla del West. Esses exemplos nos permitem mostrar como são variáveis e sutis as concepções cênicas e quanto dependem do «regisseur» para seguir a simples indicação do libreto: cenário — um bosque!

COMPORTAMENTO CÊNICO

Depois de estudada a obra, situado o drama dentro de um cenário, apreendida a trama fundamental e o ritmo do desenvolvimento da história em suas relações com a partitura, estabelecida a colaboração com o maestro a fim de dar unidade

cênico-musical ao espetáculo, inicia-se a fase da realização.

— Não se trata simplesmente de marcar entradas dos artistas em cena — disse Torel. E passou a discriminar a influência do «regisseur» na condução harmoniosa da parte cênica. Referiu-se à mímica, às atitudes do cantor em cena.

Com efeito constitui um dos vezes imperdoáveis de uma outra concepção da ópera — que a exclui quase da arte teatral — o hábito de colocar cantores imóveis em face do maestro, atentos à música, pertur-

GERMAN GEIGER TOREL.



bados com as dificuldades vocais e totalmente esquecidos de que, para completar a sua interpretação, era necessário acompanhar a voz de mímica correspondente e adequada. «Remar», com os braços atirados em direções diferentes, pode ser um bom treino para inspetor de veículos, mas, para o cantor, não traz, de forma alguma, sequer uma ilusão de interpretação dramática.

Torel faz muita questão da mobilidade dos artistas em cena, chamando, sobretudo, a atenção para a necessidade de traçar-se uma marcação completa para os momentos em que permanecem no palco sem cantar.

O CÔRO E O SEMI-CÍRCULO

Entre as concepções ou preconceitos que o «regisseur» Torel combate com autoridade e veemência encontra-se a disposição habitual do côro num rígido semi-círculo, sem a menor preocupação de extrair efeito plástico agrupando-o de forma a organizar «quadros» sugestivos.

— O «regisseur» deve preocupar-se com a interpretação individual e inteligente de cada corista, mudando, totalmente, o movimento tradicional das massas dos espetáculos líricos.

Procurando, assim, transportar para a ópera os efeitos plásticos — na marcação — Torel completa, com sua pregação, o sentido renovador das novas concepções da ópera. Esta adquire um caráter mais amplo e mais vigoroso de espetáculo teatral completo, concebido e realizado em seus múltiplos aspectos, musicais e cênicos, ganhando relevo e colorido.

O Teatro Municipal perdeu, por algum tempo, a colaboração esclarecida de Torel. Esperemos que ele seja, muito breve, reconquistado, para continuar seu esforço de adaptação das condições precárias, dos recursos técnicos reduzidos de nosso Teatro Municipal à mais moderna e avançada noção da arte lírica.

Já somos devedores a Torel de algumas soberbas realizações, em que vimos a sua sensibilidade artística orientar, com segurança, o desenvolvimento firme de um espetáculo, através de sua ação incansável, conjugando as luzes, movimentando os coros, conduzindo os solistas, marcando o ritmo da obra, de acordo com concepção literária e musical baseada em estudo minucioso da obra. Não devemos perder a colaboração de Torel.



Deslumbrante é este modelo de noiva inspirado nas damas de Espanha. É todo em renda e sua ampla saia é formada por três grandes babados. Grande decote, mangas armadas. Véu também de renda.

... E voltando ao tema das "espósas abandonadas", queremos dizer que é fácil matar as ilusões do amor, principalmente quando um dos cônjuges pertence a uma camada social mais elevada, ou tenha recebido em casa uma educação diferente, o que vem demonstrar a importância de um nível igual para aqueles que se casam.

Não queremos dizer com isso, que entre um casal de idêntica situação social e moral não existam desentendimentos; estes podem acontecer entre as pessoas mais finas, só que a educação não lhes permite descer a um grau de ofensas mútuas, não deixando, por conseguinte, marcas profundas. Não são, portanto, tão frequentes as decepções entre casais que sempre viveram num ambiente mais ou menos igual e que receberam uma educação que lhes permi-

NOS BASTIDORES FEMININOS

te conservar a "linha" em qualquer que seja a situação. No entanto, tudo pode conseguir uma mulher inteligente e que tenha de fato amor ao marido. Durante o noivado ela terá tempo bastante para conhecê-lo e, certamente tudo fará para estar dentro do tipo de mulher por ele idealizado. Ora, si durante esse período ela conseguiu encarnar com tanta perfeição o papel de "mulher ideal", ao ponto de levá-lo ao casamento, porque, depois de casada, não insiste

na representação desse papel? No fim de certo tempo ele se tornará um hábito e até ela própria acabará se convencendo de que é realmente a "mulher ideal". Enquanto isso, mais e mais se consolidará a amizade entre o casal, e o marido não encontrará razões de queixa ou motivos que o levem a encontrar maiores prazeres fora de casa do que dentro dela. Para ele, com uma espósa encantadora, sempre bem tratada, sempre sorridente, que saiba preparar-lhe um ambiente agradável e tranquilo e que procure viver em harmonia, a vida será um paraíso. Sei, que para manter tudo isso é preciso, por parte da mulher, muito tato e alguma renúncia; mas si a sua intenção ao casar era a de manter para sempre intacta a felicidade do seu lar, então nenhum sacrifício será demais.

KITTY

O ESPÍRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

EMOÇÃO

Katherine Mansfield escrevendo a seu marido: "Vendeste meu livro! Importas-te de pedir que me mandem diretamente o cheque. Trata-se de uma infantilidade. Gostaria de o ver com meus próprios olhos e de o receber com minhas mãos." Tratava-se do pagamento de seu famoso livro de contos "Eliss".

★

CAUTELA

Um ator que desejava ardentemente revelar seu talento, e que não tinha outras possibilidades senão ficar preparado para substituir um outro artista qualquer que adoecesse, teve uma "big" chance, quando Paul Muni precisou dele. O grande ator estava tendo um sucesso imenso na Broadway quando uma doença repentina o impediu por vários dias de aparecer no palco. O ator, que sabia o papel de cor, foi chamado. Excitadíssimo com a oportunidade, começou a passar telegramas a torto e a direito, a todas as celebridades. Um dos telegramas foi para Ethel Barrymore, admiradora entusiasta de Paul Muni. "Estarei toda esta semana substituindo Paul Muni", dizia o telegrama. "Ficarei de sobreaviso" retrucou Ethel.

★

IDENTIDADE

Um amigo perguntou à atriz Iris Hoey se conhecia Eddie Foy. A atriz num minuto traçou o retrato do ator americano:

— Conheço, sim, e muito bem. Olhe, quando vir duas pessoas conversando, e uma delas com cara de quem está horrivelmente cacetado, pode ter a certeza de que a outra é Eddie Foy.

★

O VESTIDO DE SEDA

Harriet Beecher Stowe não tinha a menor idéia do sucesso editorial do seu romance, "A Cabana de Pai Thomaz", nem com isso se preocupava. Quando seu marido foi receber os direitos autorais, perguntou-lhe primeiro:

— Em que pensa gastar o dinheiro do seu livro?

— E' possível que eu compre um vestido de seda, respondeu Harriet com um ar de quem vai fazer uma extravagância.

E mal pôde acreditar no cheque que lhe chegou, de cinquenta mil francos.

Só num ano, "A Cabana de Pai Thomaz" atingiu a tiragem de trezentos mil exemplares.

★

VOCACÃO

Sarah Bernhardt foi educada em um convento. Ao completar sua educação, perguntaram-lhe que pretendia ser no futuro.

— Desejo ser freira, — respondeu a mocinha com o rosto iluminado pela fé.

Os demais guardaram silêncio. Sarah, imediatamente, acrescentou:

— Se não puder ser uma atriz.

★

JANE EYRE

Charlotte Bronte havia escrito "Jane Eyre" mas não conseguia um editor que o quisesse. Não desanimava, porém. Mandava o manuscrito. Recebia-o de volta. E, sem ao menos se dar o trabalho de desmanchar o embrulho, mudava o endereço e tocava-o para outro editor. Por fim, lá por volta do décimo primeiro, chegou uma carta. "Fasei a noite lendo o seu livro", dizia. O romance foi publicado e é hoje uma das glórias não só da literatura inglesa, mas das letras mundiais.

★

IMPUNIDADE

George Sand jantara em companhia de uma senhora de elevada posição social, que tinha pela escritora uma grande admiração.

Depois do jantar, querendo obsequiar sua convidada, sentou-se ao piano e tocou uma interminável peça musical. George Sand cansou-se da mediocríssima interpretação e caiu numa das suas abstrações. A dona da casa prosseguia com bravura o seu concerto. Quando terminou, George Sand estava completamente alheia ao que se passava.

— Que me diz? perguntou a senhora.

A senhora é a dona da casa, retrucou a escritora. Pode fazer o que bem entender.

(Seleção de L. B., especialmente para

"REVISTA DA SEMANA")



Ao alto: "Toque" em palha marinho guarnecido de fita de "moiré" fantasia. Em baixo: Grande chapéu de palha guarnecido de camélias. Modêlo de Camile Andrée.

CHAPE'US





DE PARIS

Ao alto: Elegante criação de Le Monnier. "Toque" de palha negro, guarnecido de grande rosa e plumas brancas.. Em baixo: É de Bruyère êste gracioso "toque" em "gros-grain" preto com franjas de seda.



A PERSONALIDADE da Semana

RACHEL DE QUEIROZ

A tarde estava chuvosa, chuvosa. O bonde, que pula como cavalinho, atravessava ruas quase desertas. "Fiz bem em vir hoje" ia pensando. "A tranquilidade da Ilha, que Rachel defende com tanto ciúme, não está perturbada por nenhuma silhueta de turista. A única representante desta categoria de seres antipáticos e desprezados sou eu! Talvez esteja perdoada por ter enfrentado o vento e a lama!"



Desci do bondinho engraçado. Meus pés afundaram no barro mole que me lembrava o campo da minha terra, como o lembravam o cheiro bom dos troncos e das folhas molhados.

Os cachorros encarregaram-se de me anunciar quando abri o portão da casinha bem branca, com as janelas pintadas de azul alegre. Cachorros barulhentos, como convém, mas que não metem medo. Nada do "Cave canum"! Sorri para eles, disfarçando os receios que me assaltavam. Nunca tivera oportunidade de me encontrar com a maior escritora do Brasil. Tenho um medo incommensurável das mulheres célebres! Tantas vezes assumem ares de superioridade que reduzem o visitante ao tamanho de uma formiguinha e o obrigam a sentar, pelo menos moralmente, na beira da cadeira! Além disso, como conseguiria uma boa entrevista com alguém cuja vida já foi descrita a miúdo em todos os jornais e revistas do país? É bem verdade que todos dizem que Rachel de Queiroz é uma perfeita dona de casa que sabe colocar todos à vontade. Mas se calasse no defeito oposto ao dos "bas-bleus" nada mais agradável, fazendo questão de comprovar sua perfeição em todos os campos?

Na sala muito clara, móveis acolhedores juntam a harmonia do passado ao ambiente de um lar feito para viver. Atmosfera bem diferente da que se desprende de um amontoado de luxuosos móveis antigos, carregando a poeira dos anos com arrogância, como se insistissem: "Cuidado comigo! Sou uma raridade!" Esta sala é toda harmonia e calma. Poltronas equilibradas, feitas para sentar, uma escrivaninha linda, linda, mas que não serve somente de enfeite, um Guignard, alguns pratos na parede. Nos ladrilhos vermelhos, duas peles de carneiros pretos.

— Tinha um lindo tapete. Meus cachorros que só se comportam bem perante as visitas, transformam-se em crianças mal educadas logo que ficam sozinhos. Outra noite, quando voltei à casa, encontrei o tapete rasgado. Coloquei os carneiros no chão. Pensei que os cachorros compreenderiam que eram bichos e ficariam assustados!

Riu. Ri. Eramos amigas. Meus receios estavam esquecidos. Sentia-me perto de uma verdadeira mulher, que sabe equilibrar suas diversas tarefas, dando importância a cada uma delas, porque cada uma é a vida. Não poderia fazer elogio maior.

Conversamos muito, a toa. Abro o meu bloco para encontrar alguns pontos de referência. Só vejo uma única nota: "Muqueca de peixe — Limpa um peixe..." É verdade! Lembro-me agora que na hora de sair levantei triunfalmente as mãos ao ar gritando: "Minha entrevista!". Numa mão carregava ovos que as galinhas gordas puseram especialmente para mim e na outra a receita do prato que estava impaciente por experimentar! Comeceria pensando em tomar notas quando me sentia tão bem, tão calma, tão descansada? Contentei-me em me entregar a algumas horas de convivência com uma mulher com a qual simpatizei, como mulher. Poderia ter encheido o espaço restrito desta coluna com alguns pormenores sobre suas atividades literárias. Preferi aludir à personalidade cotidiana cuja descoberta foi importante para mim.

Naturalmente, poderia acrescentar que o romance que está escrevendo trata do conflito que opõe mãe e filho. "Não é um romance regional. Mas desenrola-se no Ceará. Não tive ainda a coragem de José Lins do Rego, que mudou de cenário!"

Poderia também explicar que a peça que acaba começa com a vinda de Lampeão à casa de Maria Bonita. Maria Bonita que se apaixonara por ele sem nunca o ter visto e resolvera segui-lo no dia em que a viesse buscar. Contar que ela deixou o lar sem hesitação e que quando perguntou: "E os teus filhos", ela respondeu: "Entre aqui sem nada. Sairei sem nada".

Enfim, poderia explicar o porquê da minha admiração por uma escritora que descobri quando cheguei ao Brasil. Descobri-a ao mesmo tempo que os suplementos literários. Nesta época, artigos confusos misturavam os nomes de Kafka, Kant, Valéry, James Joyce, Mallarmé e Virginia Wolff, numa salada pseudo literária e filosófica muito impressionante! As crônicas de Rachel destacavam-se nesta confusão pela sua simplicidade. Poderia contar como me aproximaram do Ceará que ignorava totalmente. Mas isto já seria uma outra história!...

YVONNE JEAN



A CRIANÇA E O TEATRO

Ontem eu observava duas crianças que brincavam na minha porta. Uma dizia:

— Aqui estão as compras.

A outra retornava:

— Falta o feijão e o açúcar.

— Feijão tem, mas só no câmbio negro. Açúcar aumentou o preço.

Parece mentira, mas a verdade é que as crianças, que assim representavam o drama dos momentos dos tempos de hoje, contavam, apenas, cinco e sete anos. Enquanto suas mães comentam a subida astronômica dos preços e a carestia da vida, elas ficam de lado, observando e gravando nas suas mentes as situações do ambiente: facilmente repetiram depois a cena e a representaram com uma naturalidade, que muitos artistas dariam uma perna ao diabo para possuírem.

Esta é uma das razões porque eu vejo a criança e o teatro como o binômio mais perfeito que se possa conceber. E pensar que ambos andam tão dissociados em nossa terra, que um ignora inteiramente o outro! Não há teatros para crianças e a criança brasileira não conhece teatro. Há, no entanto, possibilidades magníficas para que se crie um teatro infantil, quer seja de marionetes, ou de atores vivos; digo vivos e não humanos, de propósito, porque os bonecos me parecem tão humanos quanto a criatura de carne e sangue, e, às vezes, mais ainda.

Eu gosto muito de crianças, mas a minha predileção não é platônica, nem as acho tão semente engraçadinhas; considero-as, isto sim, entes interessantes e espontâneos, sinceros e originais que valem a pena ser conhecidos. Por eu gostar de crianças, penso sempre em dar-lhes duas coisas importantes e que os romanos achavam precípuas, que são: pão e circo. Alimento para estas pobres crianças subnutridas da nossa cidade e divertimento especialmente feito para elas, com tanto apuro e capricho como os que são feitos para os marmanjos.

Nas horas de sonho, que me permito, gosto de idealizar o teatro que eu faria, um dia, para a criança carioca. Seria um teatro liliputiano, é claro; poderia não ter ar refrigerado, mas teria belas histórias que cantaríamos a alegria de viver. Haveria fantoches e marionetes, que eles são a alma, os nervos e o sangue dos teatros infantis. As crianças não vêm nos bonecos a pintura artificial e as contorsões desajeitadas que os adultos percebem, mas identificam os fantoches como habitantes do país de sonhos, em que perambulam através da sua imaginação fantástica do faz-de-conta.

Deixaria que as crianças tomassem parte na peça, mas lhes pediria que improvisassem também, porque novas peças nasceriam inesperadamente. Todos os poetas seriam conclamados para que dessem as mãos às crianças e fossem inteiramente poetas e crianças, indistintamente, como realmente são. Crianças decorariam paredes e cenários, para termos nas expressões novas da sua arte elementos inéditos de plasticidade a repousar da angustiada pintura moderna.

Se nesta terra houvesse capitalistas originais, já "blasés" da conquista do ouro, e ansiando por novas sensações, mais refinadas e sedutoras, eu lhes apontaria o caminho do teatro infantil, aceitando, por via das dúvidas, com a possibilidade de lucros reais. Sim, lucro; as revistas infantis não são esplêndidos negócios? Não se multiplicam como lombrigas cada dia que passa? E por que não o teatro infantil? Por que não? Gosto de perguntar e lançar a indagação para o ar, para quem quiser apanhá-la.

Mas uma coisa eu lhes pediria: nada de fins políticos; nada de mocinhos lanquis matando feios amarelos. Não depravemos desde cedo a infância; deixemo-la ser tal como é: sincera, vibrante, selvagem, ignota e encantadora. Que a sua agressividade se espraie indistintamente até ser canalizada pela educação e absorvida por trabalho ou esporte, e não endereçada precocemente para a guerra e a morte.

Com esta ressalva, eu faria o teatro para a criança brasileira e permitiria que ela fosse ela mesma dentro das amplas manifestações de arte. Assim faria eu, mas isto é, apenas, um era uma vez...

ZOIA DE LAET



1 — Costume de linho branco. Os recortes do casaco formam bolsos. Mangas curtas. 2 — O casaco é todo abotoado. A saia tem interessante grupo de pregas. 3 — Neste modelo, o blusão tem duas carreiras de botões, como nos trajes militares de alguns países. 4 — As mangas "kimono". A parte inferior da jaqueta é uma espécie de "basque". 5 — Chic e esportivo são os bolsos e a pala sobre as espáduas. 6 — A jaqueta forma um "ensemble" com um colete listrado.

MODELOS

Muro das LAMENTAÇÕES

RESPOSTA AOS CONSULENTES

COSIMA DORIA — Rio — Não se desespere, porque agora é que a sua vida vai verdadeiramente começar. O triste caso que nos contou foi apenas o seu aprendizado na difícil arte de viver; considere-o encerrado, definitivamente liquidado, e tire dele a lição, amarga e esplêndida, que lhe pode dar. Amarga pelo sofrimento que lhe trouxe, esplêndida pela felicidade que ainda lhe pode proporcionar, se souber se desligar da pessoa responsável pelos seus anos de desdita.

Examine bem o caso, imparcialmente. Que homem é esse, a não ser um ente inferior, destituído de senso de responsabilidade e de moral, incapaz de uma afeição profunda, entregue aos instintos como um animal? E é a esse homem que você impõe condições de estabilidade, quando ele tenta uma reconciliação? Você não vê que isso só pioraria a situação, colocando-a definitivamente à mercê desse indivíduo? E que ele não se modificaria pelo simples fato de ter passado pelo cartório? A prova disso é a maneira como tratou a primeira esposa, não é mesmo? E também a maneira como tratou você. E' muito difícil uma pessoa modificar-se depois de formada, porque somos não apenas o resultado de nossa vontade consciente, mas principalmente a consequência da hereditariedade e da educação nos primeiros quatro anos de nossa vida (é o que nos ensina toda a moderna ciência). Pode ser que esse homem não lhe tenha causado deliberadamente a infelicidade, pode ser que tenha sido até sincero em seus arrependimentos e em suas promessas de melhor conduta, porém, o evidente é que não tem capacidade para se dominar e sair do atoleiro de impulsos e contradições em que se vê preso para sempre.

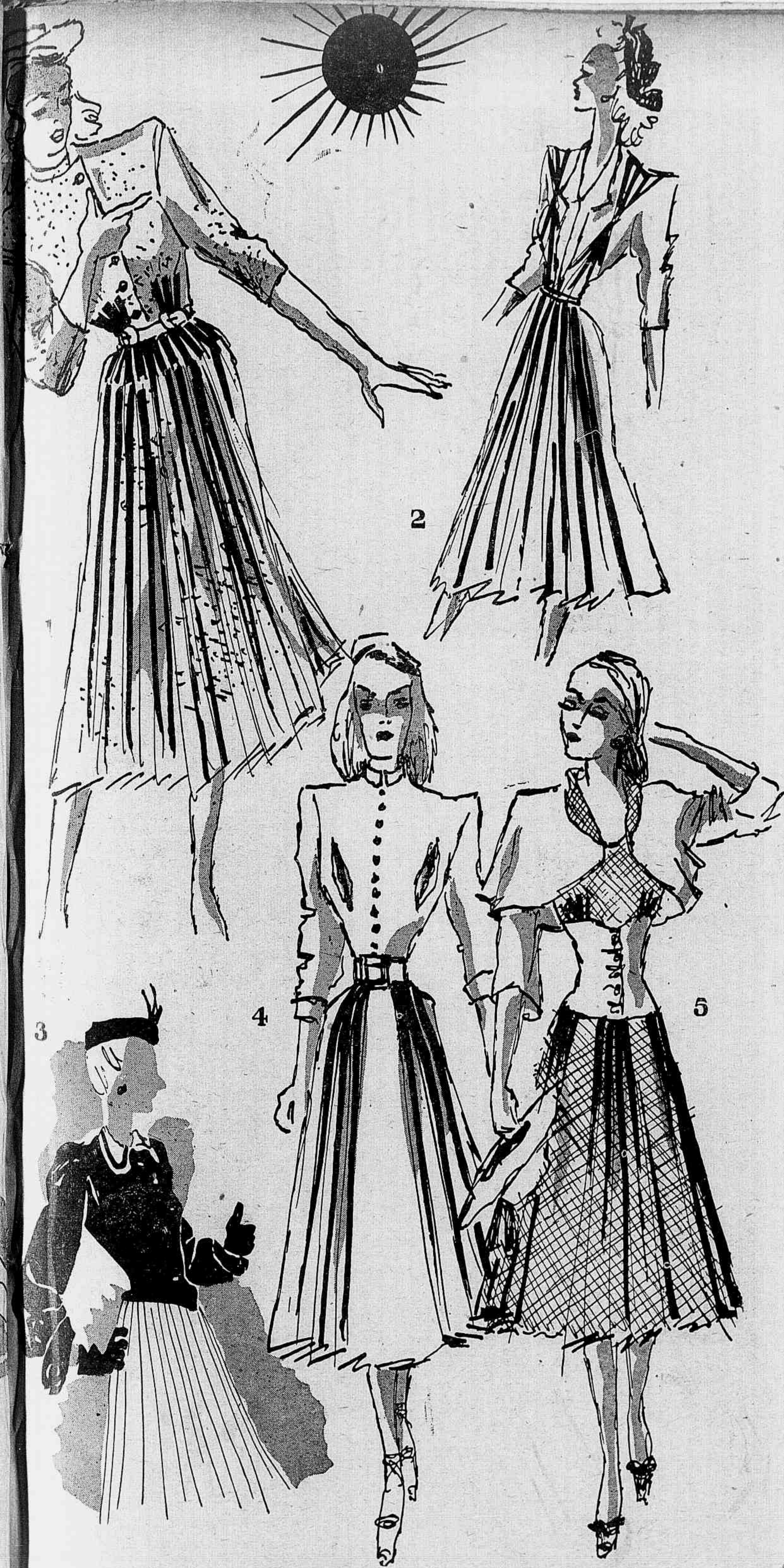
Para sempre, Cósima, para sempre — eis a verdade que você precisa aceitar como definitiva. Sabemos avallar o quanto é difícil abandonar a esperança de melhorar uma criatura a quem já amamos, e também o quanto é difícil abandonar o tablado depois de uma partida na qual julgamos ter sido derrotados. Sempre queremos prolongar um pouco mais a luta, na esperança de sairmos vencedores em alguns dos próximos "rounds". Mas é preciso fazer isso, Cósima, é preciso esquecer o orgulho, porque se prosseguirmos na luta além de nossas forças acabaremos destruídos por completo. E exatamente para não perder totalmente é que devemos nos retirar a tempo. Mais tarde, longe do tablado, recuperaremos as forças e dentro em pouco estaremos aptos a travar novas lutas com melhores probabilidades de vitória. Você deve fazer isso, Cósima, também, por um senso de justiça humana; não é possível que você, uma criatura boa, idealista e amorosa, seja vencida por um indivíduo que não vale a sola de seus sapatos! Você tem o dever de provar, como ser humano, que o bem acaba vencendo, quando sabe tornar-se mais forte do que o mal.

Reconheça perante você mesma seu grande erro, Cósima, e seu grande erro não foi propriamente ter feito o que você fez pelo homem amado; foi de apreciação na escolha desse homem. Quanto ao mais você agiu com nobreza e desprendimento, com altruísmo e com espírito de sacrifício. Esqueça esse homem, risque-o de sua vida, mas não julgue por ele todos os outros. Não, Cósima. O que a desgraça nos traz de bom, muitas vezes, é revelar a diferença existente entre as várias criaturas humanas. Temos de tudo, desde os seres mais atrasados e mais abjetos, aos mais admiráveis quase perfeitos. Você poderá encontrar um destes, porque a sua índole é boa e inocente, você foi apenas vítima de sua boa fé, e porque os espíritos afins acabam se descobrindo dentro deste mundo tão pequeno. Será necessário, porém, que você crie novamente em seu redor uma atmosfera de paz, de verdade, de confiante expectativa. Afugente essas idéias de desespero, de segregação, de derrota. Na verdade, você não foi derrotada por ele, mas sim pelo seu erro de apreciação em relação à pessoa dele. Esse erro pode ser retificado, nada é irreparável, o futuro está em suas mãos. Reconheça a sua superioridade moral sobre esse homem, e tenha uma infinita pena por vê-lo tão baixo, tão essencialmente infeliz.

Como conselho prático para a reconstrução de sua vida, cremos que o melhor seria voltar para a casa de sua família. Esqueça o orgulho, Cósima, e reconheça honestamente seu erro perante os que enxergaram melhor do que você. A história do filho pródigo, que regressava ao lar cheio de erros e de arrependimento, e que por isso mesmo se torna mais querido ainda, repousa numa das mais belas verdades humanas. Um banho sublime de perdões e de ternuras esquecidas lavará o passado e servirá de marco inicial para a sua felicidade futura.

Se, no entanto, por qualquer motivo que desconhecemos, esse seu regresso lhe fôr impossível (só por orgulho não deixe de voltar!), não encare com tamanho pessimismo a sua momentânea solidão. A solidão, aliás, não é um mal em si, e praticamente não existe quando se tem noção da interpenetração da vida espiritual (leu nossos artigos sobre "Medo da solidão" e sobre "Lições do sofrimento"?). Você está melhor só do que mal acompanhada. O diabo é que você não está só — você continua cercada pela desastrosa presença espiritual desse homem. Procure aceitar o passado como assunto findo, e assim conseguirá ver o pre-

(Cont. na pág. 56)



7 — A jaqueta de mangas curtas mostra a "linha nova" de realce ao talhe..

1 — Ombros arredondados, pregas na cintura que se prolongam em toda a saia. 2 — As pregas são curiosamente trançadas na blusa. Saia também plissada. 3 — Jaqueta justa, em tom escuro. Saia branca, plissada. 4 — Um modelo de linhas severas. Bolsos embutidos na blusa. Pregas dos lados. 5 — Um vestido combinando dois tecidos diferentes. Pregas "soleil" guarnecem a saia.

DE VERA0

"WEEK-END" na Cozinha

O tempo está excelente para um piquenique! As crianças o adorarão e para vocês será sempre uma coisa diferente e divertida.

Muita gente acha que o piquenique está fora de moda; acham que é um pouco tolo e ridículo sentar-se num gramado e comer sanduíches ou outra coisa qualquer, quando poderiam estar, confortavelmente instalados em casa, ao redor de uma mesa. Quem pensa assim, não avalia um instante sequer a sensação de novidade e o prazer que existe num dia bonito, passado num local pitoresco, a satisfação das crianças que podem assim brincar à vontade, a excitação dos preparativos e a oportunidade de fugir à rotina. Experimente você, e verá como todos se sentirão felizes. Escolha o local, prepare tudo com antecedência e saia de casa de manhã bem cedo. Você e as crianças gostarão, estou certa. E, para ajudá-la na escolha das coisas que você deverá levar para comer, aqui estão as minhas sugestões.

SANDUICHES A INGLESA

Ingredientes: Alface; molho de maionese, manteiga fresca, pão de fôrma, cortado em fatias.

Preparação: Tratam-se as alfaces aproveitando-se somente as folhas tenras. Toma-se a manteiga fresca e unta-se de um lado duas fatias de pão colocando-se em seguida ao lado untado sobre uma delas uma folhinha de alface e por cima desta um pouco de molho de maionese e mais outra folhinha. Cobre-se com outra fatia. Aparta-se à volta para lhe tirar a côdea.

SANDUICHE MISTO

Ingredientes: 1 peito de frango; presunto; manteiga; sal; pimenta; pão de fôrma, cortado em fatias.

Preparação: Passam-se na máquina ou picam-se miudinho o peito de frango e o presunto. Em seguida junta-se um pouco de manteiga, misturada com uma pitada de sal e outra de pimenta. Mistura-se tudo muito bem, e põe-se uma camada dessa massa entre duas fatias de pão, sem a côdea.

SANDUICHES DE PEIXE

Ingredientes: Peixe de qualquer qualidade, frito ou ensopado; molho de maionese, pão de fôrma, cortado em fatias.

Preparação: Retiram-se as espinhas do peixe e em seguida passa-se a carne na máquina de moer ou pica-se bem miudinha juntando-se-lhe o molho de maionese e a alface cortada fininha. Mistura-se tudo muito bem e passa-se uma camada dessa massa sobre cada fatia de pão, cobrindo-se depois com outra.

COXINHAS DE GALINHA

Ingredientes: 1 galinha; 350 grs. de banha; 250 grs. de farinha de trigo; 250 grs. de farinha de rosca; 6 gemas; 2 ovos; 2 xícaras, das de chá, de caldo de galinha; 1 xícara, das de chá, de leite, uma cebola, 2 tomates, 1 folha de louro, sal, salsa e pimenta.

Preparação: Faz-se a massa idêntica à massa para croquetes, polvilham-se as mãos com farinha de rosca e toma-se na palma da mão um pouco da massa; coloca-se então no meio um osso de galinha, deixando-se um pedaço do lado de fora. Dá-se à massa a fôrma de uma coxa, passa-se na farinha de rosca e, em seguida, nos ovos batidos, e novamente na farinha de rosca. E assim se faz até acabar. Levam-se as coxinhas a fritar na banha bem quente, até ficarem coradas. Tiram-se para escorrer bem a gordura e enrola-se o osso com papel franjado.



PARA A INTIMIDADE



Na página à esquerda: "Robe" de jersey de lã amarelo canário. Gola e punhos de pele. Rendas nas mangas. Saia ampla e longa, formando cauda. Sugestão de Joan Bennett, da Universal-International. Nesta página: Em jersey e cetim é executado este elegantíssimo "robe" de Eleanor Parker, da Warner. Grandes bolsos. Mangas "kimono".



ALPHONSE DAUDET

O cinquentenário da morte de Alphonse Daudet, ocorrido em dezembro último, pode-se dizer que passou completamente despercebido entre nós. Excepcionalmente dois ou três artigos nos suplementos dominicais, servindo de lembrete da data, nada mais se disse nem foi perguntado sobre o autor de "Sapho", "Jack", "Tartarin de Tarascon", "L'Immortel", "Lettres de mon moulin", "Contes du lundi" e tantos outros livros mais, entre estes o delicioso volume de memórias, "Trante ans de Paris", muitos, a maioria mesmo, ainda da maior atualidade, pelo seu profundo sentido humano, como pela sua alta expressão literária.



Efetivamente, poucos escritores da nossa época se destinam, como este, a uma sobrevivência superior ao tempo e aos tempos, para tanto lhe sobrando, de par com a marca dum estilo inconfundível, as reservas duma ardente vida animal e intelectual de que se serviu sempre, em perene e sempre renovada evocação.

Natural da Provença, como seu velho amigo Frédéric Mistral, bem cedo emigrou de Nîmes, onde nasceu em 1840, primeiro para Lyon, depois, já homem feito, para Paris, donde jamais sairia. Da Provença, no entanto, nunca se afastaria de todo, a tal ponto se impregnava indelevelmente do "terroir" quase todos os seus livros, culminando, por essa misteriosa atração da última hora pelas origens maternas, por ser batizado na sua doce língua do Languedoc, o último deles — "La Douleur" — com que nos conta, em lancinante confidência, as tenebrosas dores físicas da "tabes dorsalis" que o supliciaram anos a fio.

A ancestralidade meridional é assim a constante da sua arte, sem prejuízo do "cachet" refinadamente parisiense que lhe revestiria, em superfície, a clareza do estilo, a malícia dos julgamentos, a agudeza dos conceitos psicológicos, a pungência da emoção.

Escritor objetivo por excelência, intimamente ligado a Flaubert e aos outros mestres do naturalismo, como Zola e Maupassant, nunca se deixou dominar, todavia, inteiramente, pelos rigores da escola, do que o libertaria a exuberância do seu temperamento, permitindo-lhe servir-se "a priori" dos métodos impessoais de observação (para o que usaria toda a vida copiosos caderninhos de notas e de imagens, o quotidiano e o ideal entremesclados) sem contudo perder jamais contacto com a aguda emoção dos seus personagens.

E' assim que, do seu longo convívio com as populações operárias dos subúrbios de Lyon, como da sua forçada familiaridade com os meios da pequena burguesia de Paris, dos seus primeiros e duros tempos de carreira literária de que dão conta os capítulos iniciais de "Trinta anos de Paris", lhe veio esse profundo conhecimento da alma popular, o lancinante vigor de certos panoramas sociais das massas, tão frequentes em "Jack" e em "Fromont jeune et Risler aîné".

O homem Daudet anda sempre assim de par com as suas criaturas, em desdobramentos autobiográficos, de que decorre um dos mais vivos característicos de sua obra, levando até um dos seus críticos a dizer que toda ela é feita à sua imagem e semelhança. O mesmo diria também Théodore de Banville, no admirável retrato que dele nos deixou, por volta dos quarenta anos: "O homem se parece com a sua obra. Com o rosto jovem, duma quente palidez, onde os olhos brilham com um fulgor sobrenatural e a que serve de moldura, sem esconder a boca purpúrea, uma curta barba feroz, sobre a qual se espalha, descobrindo a fronte larga, uma cabeleira que parece um recorte do manto da Noite, ele teria o ar dum pastor amoroso das estrelas ou dalgum ousado caçador de cabras monteses, não fôsse usar com a naturalidade mais correta a casaca, as luvas cor de palha e a gravata branca e se não possuísse, nas suas mais íntimas delicadezas, o segredo dessas conversas parisienses que saltam como "clowns", ganham dum pulo vinte proposições intermediárias, respondem ao pensamento do interlocutor, ainda não expresso, libram-se, como o anjo de Rembrandt, num raio de luz e traduzem a epopéia em madrigal, pois a fábula de Hércules fiando a sua roca é uma alegoria eterna."

Dai, também, dessa admirável maleabilidade de sentimento e de técnica, dessa sabia dosagem de ironia e piedade, sob o fiel dos melhores cânones do realismo, decorre essa imensa galeria de figuras e de histórias inesquecíveis que nos legou — os ardores e os extases dos dois amorosos de "Sapho", a sublime alegoria do pastorzinho provençal d'"As estrelas" — seguramente uma das páginas mais puras e mais luminosas de toda a literatura — o violento libelo d'"O Imortal", o fabuloso alcance, não somente nacional como universal, da sua sátira de Tartarin, ainda hoje capaz de servir de espelho a tantas das pantomimas políticas do mundo contemporâneo.

HERMAN LIMA

CARANGOLA EMPOSSA SEUS NOVOS DIRIGENTES

Por ADALBERTO MENDES

No dia 13 de dezembro último, entre as maiores demonstrações de entusiasmo e vibração coletiva, realizou-se a solenidade de posse dos novos dirigentes de Carangola, eleitos pelo Partido Social Democrático do importante município mineiro da Zona da Mata.

Foi este o epílogo festivo de uma campanha memorável, na qual se afirmou definitivamente o predomínio eleitoral do P.S.D. carangolense, a prestigiosa agremiação partidária que, após o retorno do País aos quadros legais, conquistou e reteve as preferências populares em três pleitos consecutivos, mercê do alto sentido cívico e moral dos seus métodos democráticos de luta e da confiança inspirada pelos homens que militam em suas fileiras.

Ainda agora, enfrentando a forte coligação de partidos UDN-PR-PTB, que entre os seus componentes contava, não há negar, destacadas figuras do município, o P.S.D. carangolense sagrou-se definitivamente no conceito público, elegendo o prefeito, o vice-prefeito e dez entre os quinze vereadores que compõem a Câmara Municipal, isto por uma maioria de cerca de cem por cento sobre os antagonistas. Justificavam-se, destarte, o ambiente festivo da cidade e a irreprimível alegria que a todos dominava, no dia em que os eleitos do povo de Carangola assumiam as rédeas do poder, conquistado tão galhardamente pelo voto livre dos seus concidadãos.

Em meio a uma verdadeira caudal de contentamento, o fazendeiro Pedro de Oliveira, prefeito, e o comerciante e industrial Jonas Esteves Marques, vice-prefeito, assumiram os seus cargos em sessão solene da Câmara Municipal, cujo salão nobre não conteve a assistência que se derramava pelas demais dependências do edifício e suas imediações. Tiveram, aí os escolhidos do povo carangolense, por assim dizer a ratificação dos mandatos populares que lhes foram outorgados, tantas as manifestações de aplauso que cercaram os atos públicos de sua posse. Carangola ali estava como bem nos acostumamos vê-la e admirá-la nos seus grandes momentos, dando expansão aos sentimentos de amor à terra, que outra coisa não era o júbilo imenso a todos empolgando, quando nova etapa dos seus destinos tão auspiciosamente se inaugurava.

Ali estava Carangola, no entusiasmo sempre moço e vigoroso dos seus homens e na graciosa presença de suas mulheres; na palavra quente e inspirada de Odete Cisneiros, Jonas Esteves Marques e tantos outros, a primeira saudando os vitoriosos em nome da mulher carangolense, numa oração de muita beleza e firme convicção de idéias, o segundo traçando em pinceladas fortes o quadro dos entevos políticos de que emergiu, ainda mais engrandecida, a terra-mãe; era Carangola, enfim, festejando no borborinho das ruas, no recesso dos lares ou na elegância dos salões, o triunfo de um ideal — a sua própria grandeza.

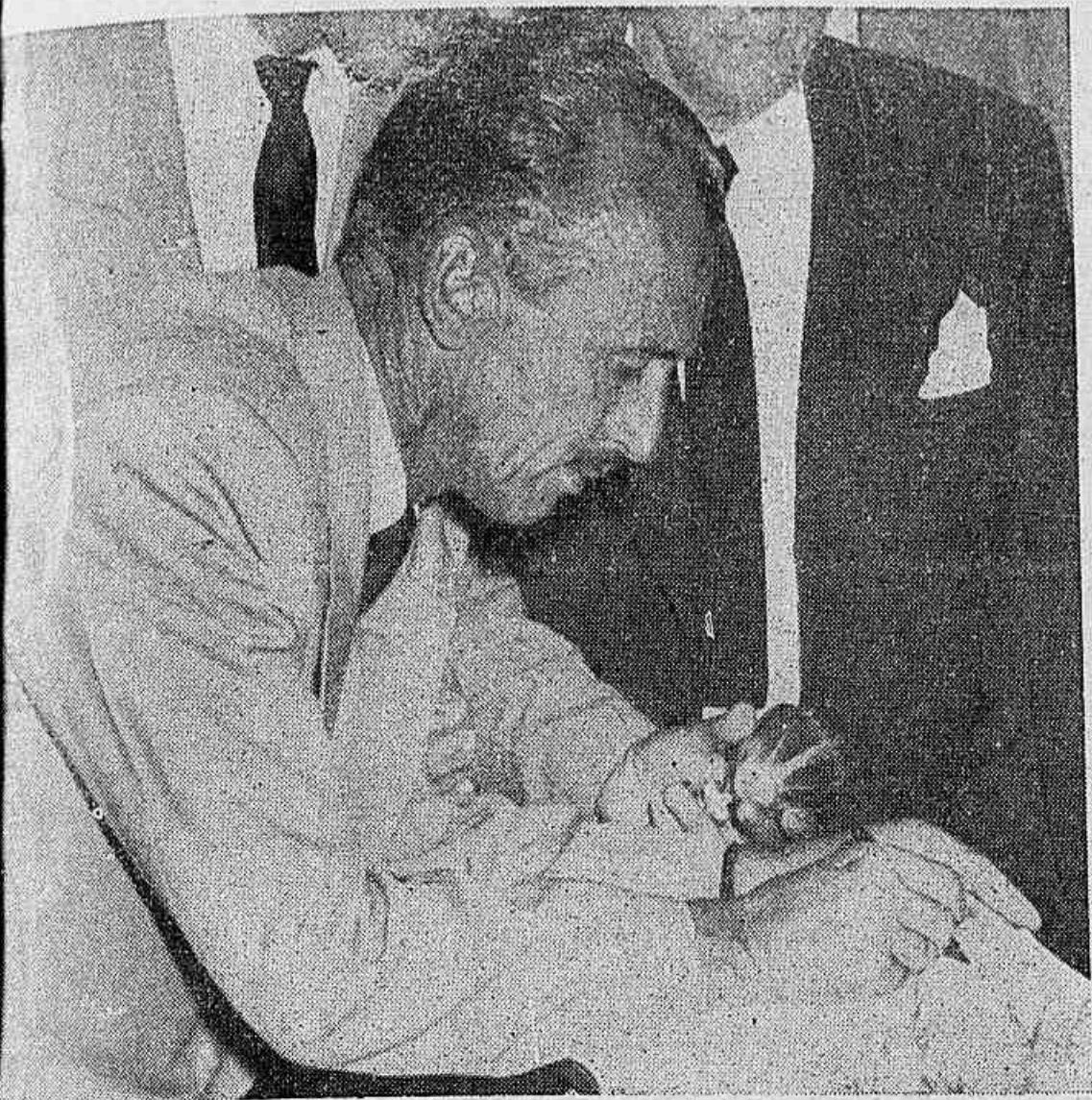
Na véspera, havia sido instalada a Câmara Municipal, sendo eleitos presidente o dr. Amílcar Alves de Sousa, vice-presidente o sr. Jarbas Pinto de Sousa Franco, e secretário o dr. Nilo Ferraz de Carvalho, todos do P.S.D., que também elegeu vereadores os srs. Edgard Claro da Costa, Cirilo Alves Ferreira, Durval Ferreira de Toledo, Domingos Laviola, Antonio Ferreira da Silva, João Carlos de Sousa e dr. José Larivóir Esteves, este o vereador mais votado entre todos.

Estava, pois, inteiramente reconstitucionalizado o município de Carangola, entregues os postos administrativos e políticos ao Partido Social Democrático, que obedece à orientação do deputado federal dr. Francisco Duque de Mesquita, contando na Assembléia Legislativa do Estado montanhês, com um representante, o dr. Xenofonte Mercadante.

O dia 13 de dezembro de 1947 foi, assim, vivido intensamente em Carangola. Uma belíssima festa de espírito democrático, marcada pelos acordes musicais que, rompendo com a alvorada festiva, cambiaram-se em sorrisos, abraços, hurras, vivas, permanecendo no ar horas sem fim, como a indicar o início de uma nova era de paz, de trabalho, de progresso e concórdia para Santa Luzia do Carangola, de cuja padroeira, naquele mesmo dia festejada entre devoções e alegrias, recolheram os carangolenses as bênçãos e o peñhor de sua divina proteção para a jornada que então se empreendia, entre o regozijo de muitos e as esperanças de todos.

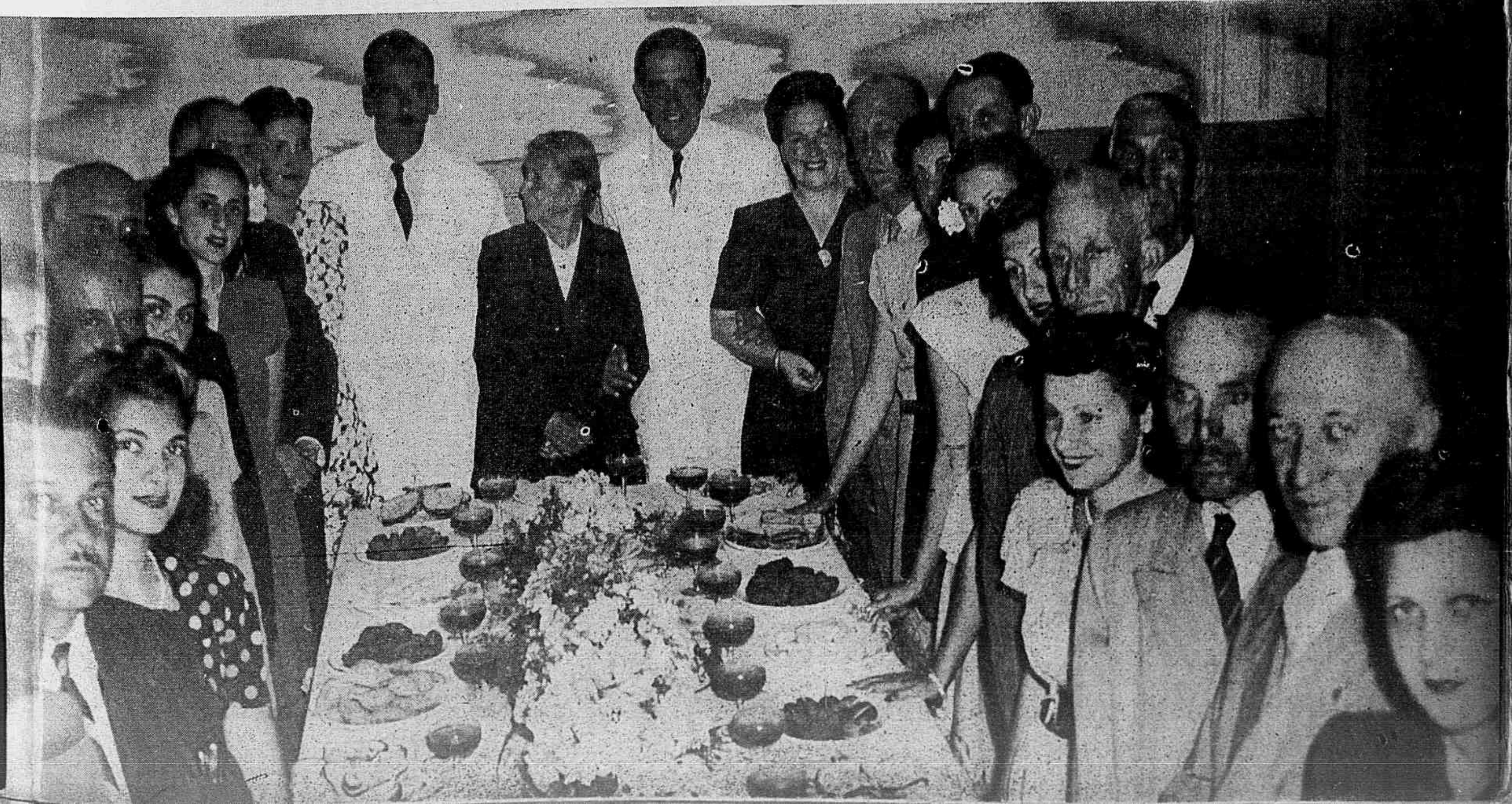
Em cima — Ao alto, a mesa diretora da Câmara Municipal de Carangola, que presidiu a cerimônia de posse do prefeito e do vice-prefeito eleitos em 23 de novembro pelo P. S. D. carangolense, tendo ao centro o dr. Amílcar Alves de Sousa, presidente da Câmara, ladeado pelo sr. Jarbas Pinto de Souza Franco, vice-presidente, e pelo dr. Nilo Ferraz de Carvalho, secretário. Em baixo, após a transmissão do cargo, realizada no dia imediato ao da posse, no edifício da Prefeitura, foi fixado o flagrante no qual se vê o ex-prefeito sr. Ignacio Luiz da Silva Thomé, tendo à sua esquerda o prefeito Pedro de Oliveira e a sua direita o vice-prefeito Jonas Esteves Marques, cercados por funcionários municipais. Em baixo: Aspecto da compacta assistência que se comprimia no salão da Câmara Municipal de Carangola, durante a posse dos novos dirigentes do importante município mineiro.





O prefeito Pedro de Oliveira (ao alto) e o vice-prefeito Jonas Esteves Marques, assinam o termo de posse, epílogo da memorável campanha em que obtiveram verdadeira consagração nas urnas carangolenses, impondo-se ao eleitorado pelas suas virtudes pessoais e pelo conteúdo popular de suas candidaturas.

Em cima — Os srs. Pedro de Oliveira e Jonas Esteves Marques, cercados pelas senhoritas que compunham a comissão promotora do grande baile com que a sociedade carangolense homenageou os novos dirigentes do município, realizado nos salões do Clube Carangola, constituindo uma festa de raro brilhantismo e inextinguível animação. Em baixo — Aspecto da "champagne" oferecida no Clube Carangola ao prefeito, vice-prefeito e vereadores eleitos pelo P. S. D. Ao fundo estão os dois novos dirigentes de Carangola, ladeados por suas esposas, senhoras Odete Oliveira e Herondina Tironi Marques, tendo ao centro a senhora Alvina Esteves, progenitora do prefeito Pedro de Oliveira.





Aspecto da homenagem prestada aos srs. Jonas Esteves Marques, vice-prefeito de Carangola, e dr. José Larivoir Esteves, vereador à Câmara Municipal, pelo operariado da C. I. Barbosa & Marques S. A., da qual ambos são diretores-gerentes, em regosijo pela vitória alcançada nas eleições de 23 de novembro. A gravura fixa o momento em que falava o sr. Arnor Esteves Filho, em nome dos seus colegas, vendo-se os homenageados, o deputado federal Francisco Duque de Mesquita, o prefeito Pedro de Oliveira, o presidente da Câmara Municipal, dr. Amílcar Alves de Sousa, além de grande número de convidados.



EM CARANGOLA

OPERÁRIOS DA FIRMA C. I. BARBOSA & MARQUES S. A. HOMENAGEIAM SEUS CHEFES

CONCORRENDO ao pleito do dia 23 de novembro, candidataram-se pelo Partido Social Democrático de Carangola os srs. Jonas Esteves Marques, ao cargo de vice-prefeito, e dr. José Larivoir Esteves, ao cargo de vereador. O resultado das eleições deu uma esplêndida vitória a essas duas destacadas figuras dos meios sociais e econômicos carangolenses, sendo o primeiro eleito com o dobro da votação de seu competidor, sagrando-se o segundo o vereador mais votado do Município, logo escolhido pelos seus correligionários para liderar a maioria da Câmara Municipal. Festejando esse triunfo, os operários da C. I. Barbosa Marques S. A., da qual os dois homenageados são diretores-gerentes, promoveram uma manifestação de regosijo e apreço aos seus chefes, quotizando-se para esse fim.

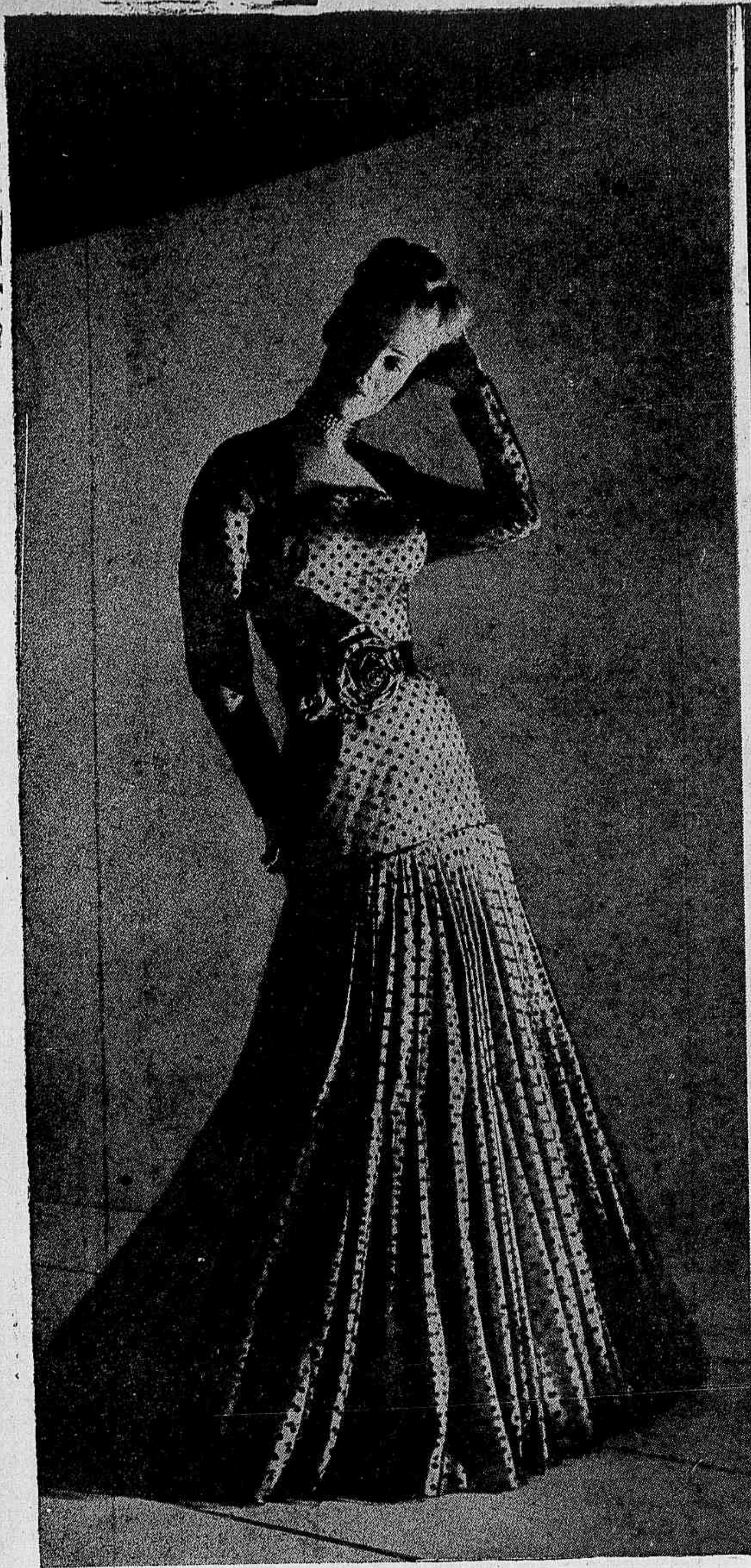
Em nome dos manifestantes, falou o sr. Arnor Esteves Filho, agradecendo a homenagem o sr. Jonas E. Marques, tendo ainda usado da palavra o dr. José Ribeiro de Miranda.

A expressiva reunião acabou por se transformar num dos números extra-programa dos festejos de posse dos novos dirigentes de Carangola, tal o elevado número de pessoas que à mesma compareceu, prestigiando, com sua presença, tão feliz iniciativa.

Ao alto — o sr. Jonas Esteves Marques agradece a homenagem, em seu nome e no do dr. José L. Esteves, pronunciando uma oração em que destacou o gesto espontâneo dos empregados da firma que dirige. A direita do orador está o prefeito Pedro de Oliveira, e à esquerda, o deputado federal Francisco Duque de Mesquita. Em baixo: Momentos antes da manifestação foi feita esta fotografia do operariado, empregados da administração e sócios da importante firma C. I. Barbosa & Marques S. A., cuja união de vistas e esforço comum fizeram da grande organização um expoente do comércio e da indústria não somente de Carangola como do próprio Estado de Minas Gerais.



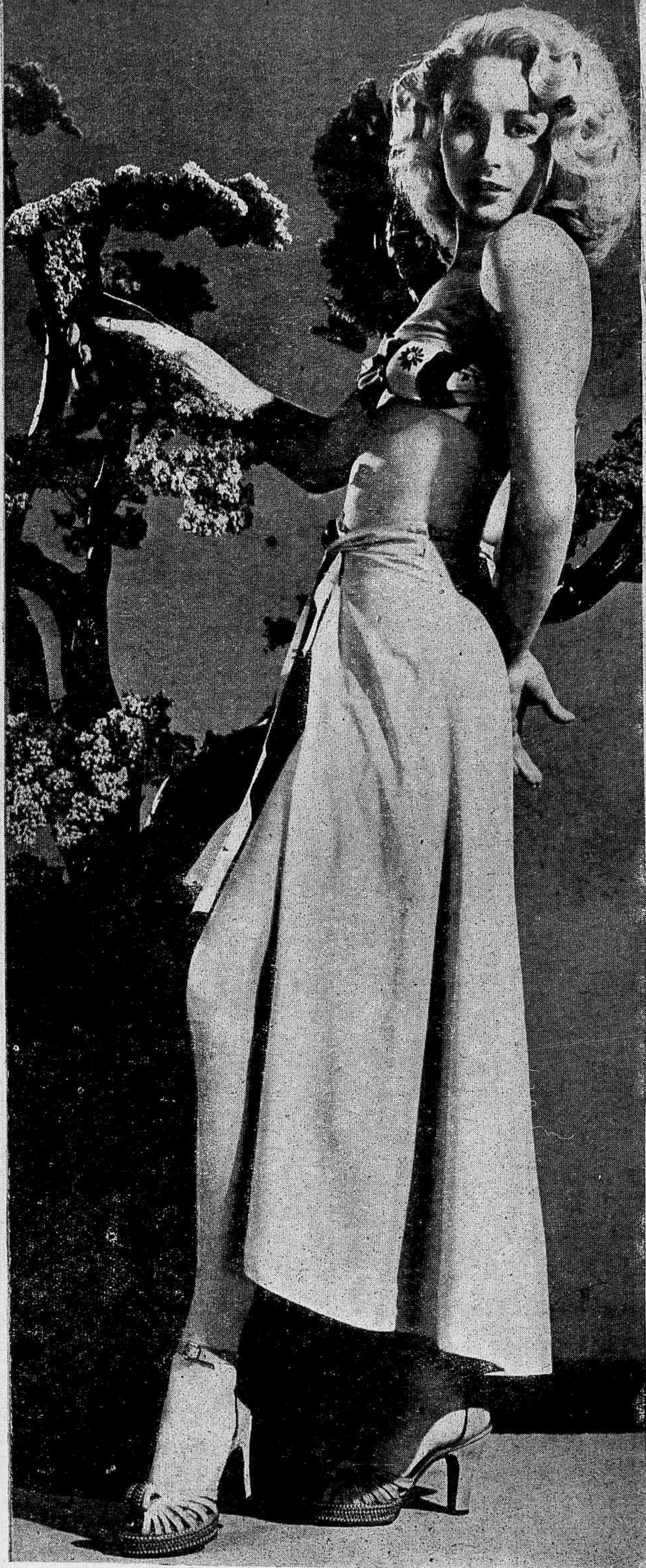
"LIVRO DO MÊS" - RUA DO OUVIDOR, 140 - CAIXA POSTAL 1482
RIO DE JANEIRO



NOITES ELEGANTES

A última hora você resolveu comparecer ao "reveillon", mas, acontece que o seu vestido de baile não está em boas condições e você terá então que decidir rapidamente o que fazer. Qualquer um dentre os aqui sugeridos se prestará magnificamente para vesti-la com elegância no seu "reveillon". — Ao alto, à esquerda; Christian Dior imaginou este original modelo em "faille" rosa com pastilhas negras. Corpo justo e longo. Rosas do mesmo tecido à cintura. Sáia plissada formando ligeira cauda. A direita: Criação de Jeanne Lafaurie em "tulle" negro enfeitado com renda cinza claro. O corpete é muito justo e muito decotado. Sáia muito ampla de uma graça romântica. Na página ao lado: Modelo elegantíssimo em tecido estampado com fundo branco. Grande decote, corpo longo e ajustado; na frente, babado "godet" desce até os joelhos. Sáia alongando-se em cauda. Modelo romântico em tafetá estampado. Sáia muito ampla com babado de "tulle" plissado.





DUAS SUGESTÕES DE VERA RALSTON

Vocês por certo gostarão das sugestões de Vera Ralston, "estrela" da Republic, para verão, mesmo porque, entre os quatro modelos por ela apresentados não existe um só que não seja gracioso e elegante. A esquerda: E este? E' ou não um encanto? O tecido usado é seda estampada em cores vivas. O estampado, aliás, é bastante original. A sola é mais curta na frente e o bolero deixa descoberto um ombro só. A direita: Este, sem dúvida, merece um assvio... Sobre um traje (?) de praia "La" Ralston usa apenas esta sala de panamá forrada com o tecido do "seutien".

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

A VIDA DE WAGNER

(Continuação da pág. 26)

dade a outra, de um amor a outro amor, insistindo sempre sobre a própria comodidade, sempre esquecido da comodidade alheia — «um homem em edição de bolso, tomo bojudo de vaidade, inconsciência e egoísmo». As suas ligações com mulheres nem sempre eram, como ele pretendia fazer crer (e como ele mesmo, provavelmente, acreditava) motivadas por fatores puramente espirituais. No meio de um caso apaixonado com uma moça, achou tempo para um curto interlúdio com uma velha. Essa, viúva e possuidora de sólidos cabedais, oferecera-se para dar-lhe «a soma nada insignificante necessária à manutenção da minha independência por algum tempo». Diante das objeções apresentadas pelos parentes, todavia, ela retirou a oferta; e Wagner, escarhecendo da «fraqueza do seu caráter pouco independente», voltou ao amor da jovem.

Durante todo esse tempo continuara a parasitar os amigos, que tinham, dizia ele, a obrigação de prover-lhe a subsistência. De que outra maneira, perguntava, poderia dar ao mundo a sua música melhor? Trabalhar como os outros? Não! «O diretor do Teatro de Zurich», escreveu Minna a um amigo, «ofereceu a Wagner duzentos francos por mês se ele aceitasse o cargo de regente. Richard julga, entretanto, que é indigno para si ganhar dinheiro e prefere viver de esmolas». Para Wagner, contudo, isso não eram esmolas, senão um tributo — um tributo à sua arte. «Sou diferente dos outros homens», dizia. «O mundo deve dar-me o que preciso».

Ele não só pedia aos amigos que lhe acudissem, senão o exigia em tom arrogante — como se fosse ele o benfeitor e os outros os favorecidos. De feito, tal era exatamente a idéia que lhes transmitia, dizendo que lhes dava muito mais do que deles recebia — a moeda de ouro do seu cérebro em troca do vil metal dos bolsos deles. Exigia não somente dinheiro como também hospitalidade. «Meu caro Hornstein», escreve a um dos seus amigos «contribuintes». «Ouvi dizer que você ficou rico... A fim de livrar-me das mais aflitivas obrigações, que me roubam toda a liberdade de espírito, quero um empréstimo imediato de dez mil francos... Vejamos agora se você é o homem direito que imagino que seja! Se o for... essa assistência o porá em contacto íntimo comigo — e no próximo verão você terá o prazer de hospedar-me durante três meses numa das suas propriedades, de preferência no distrito renano. Por agora não direi mais nada». Conquanto, em tempos, o tivesse repetidamente auxiliado, o barão von Hornstein sentiu fugir-lhe o equilíbrio diante da rematada audácia da carta de Wagner. «Devo confessar, entretanto», disse ele, «que o próprio tom da carta e o

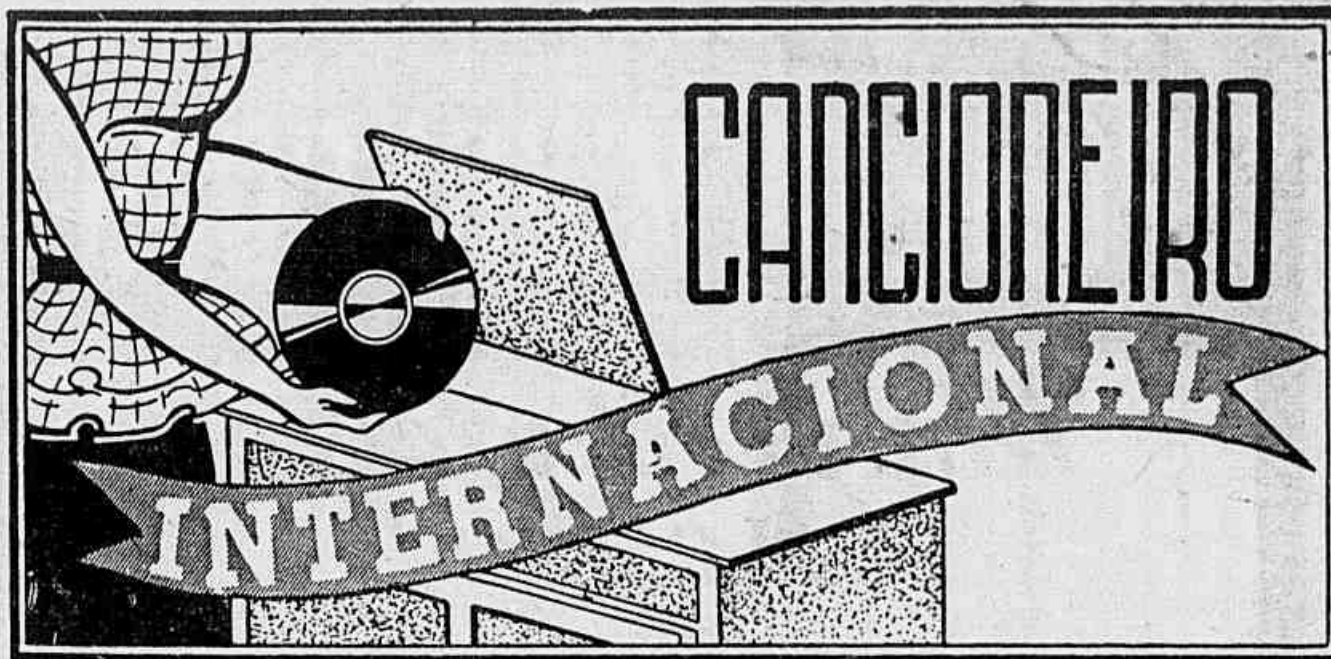
tamanho da soma me facilitaram a recusa. E o que a facilitou ainda mais foi saber que eu estava tratando com um barril sem fundo... Os meus dez mil francos seriam tão somente uma gota de água caindo sobre uma pedra requemada!». A sua resposta foi polida mas peremptória. «Meu caro Herr Wagner», escreveu ele, «o senhor parece fazer uma idéia falsa dos meus bens. Tenho apenas um bom rendimento que nos permite, à minha mulher, à minha filha e a mim mesmo, vivermos de modo simples e decente. Deve o senhor, portanto, voltar-se para os seus protetores realmente ricos, que são em tão grande número em toda a Europa... Quanto ao seu oferecimento para visitar «uma das minhas propriedades», sinto dizer-lhe que, presentemente, não me é dado aperceber-me para tal visita... Se puder fazê-lo mais tarde, avisá-lo-ei... Saudações ao senhor e à sua senhora».

A reação de Wagner a esta carta é um estudo interessante sobre a impudência do gênio. «Meu caro Herr von Hornstein», escreve ele, «fôra mal feito de minha parte deixar passar a sua resposta sem a censura que ela merece. E' muito provável que um homem do meu calibre não torne a apelar para uma pessoa como o senhor; devo, todavia, frisar-lhe, para seu próprio bem, a absoluta falta de propriedade da sua carta... Não é ao senhor que compete aconselhar-me no tocante aos meus protetores «realmente ricos» — sou eu quem deve decidí-lo... Se se recusa a receber-me agora em uma das suas propriedades, é ofensivo da sua parte dizer-me que o fará futuramente. Nesse caso, também, compete-me a mim escolher e não ao senhor... Que isto ponha termo ao assunto».

Em todas as suas disputas — e estas não lhe faltavam — estava Wagner convencido de que andava absolutamente certo e todos os demais absolutamente errados. Considerava-se, para citarmos a frase feliz de Ernest Newman, como «o sol central do seu universo». Deve o sol arder e o mundo inteiro inclinar-se, servi-lo e adorá-lo. Wagner acreditava — e tinha o direito de acreditar — que viera ao mundo para fabricar músicas sublimes. Para conseguí-lo estava disposto a sacrificar toda a gente, inclusive, se necessário, a si mesmo. O sofrimento, a pobreza, as enfermidades — nada conseguia desviá-lo da tarefa que se impusera. Se a sua visão ética era algum tanto obliterada, era firme e claro o seu ideal artístico. E esse ideal consistia em dar sempre o melhor. Não será, porventura, exagero afirmar que ele anelava antes conseguir um ambiente adequado para a criação da sua música do que assegurar uma existência confortável para o entretenimento da sua própria pessoa. O seu egoísmo, se se pode dizê-lo, era, provavelmente, mais objetivo do que subjetivo. A beleza objetiva através da angústia subjetiva. Que outros tivessem de sofrer em companhia dele, ou por sua causa ainda que sozinhos... paciência! A sorte não lhes fôra propícia. Era mister que, a qualquer preço, continuasse ardendo o fogo no altar da sua arte.

IV

A arte de Wagner, pela qual o compositor se dispunha a sacrificar os amigos, era algo novo debaixo do sol. Beethoven, afirmava ele, dissera a última palavra em música instrumental. O passo seguinte havia de ser «a música fertilizada pela poesia». Tal é a espécie de poesia musical, ou drama musical, que Wagner se oferecera a dar ao mundo. «As palavras só», asseverava, «não logram expressar a espécie mais alta de poesia. As palavras são as raízes, e a música a flor». Para obter a planta perfeita no mo-



O POVO PODE DISCORDAR

ESTA travada a batalha das músicas carnavalescas. A safra é uma das maiores e, como sempre, a quantidade prejudicou a qualidade. A produção em série foi uma grande inovação da última grande guerra e, hoje, ela continua sendo aplicada nas indústrias da paz. Os nossos compositores e, também, as fábricas de discos resolveram adotá-la nos seus processos de fabricação desse repertório. Temos escutado uma dezena dessas músicas noite e dia, nesses últimos dias e a impressão que nos deixaram foi de uma lamentável monotonia. Melodias repetidíssimas, letras inexpressivas, gravações uniformíssimas. E o pior é a insistência das nossas emissoras em difundir juntamente o rebotinho dessa produção. Onde estão os diretores artísticos que não enxergam certos expedientes agora em voga para se conseguir fazer pegar uma música? Porque não se adota um processo mais criterioso na seleção, evitando que os ouvintes se vejam obrigados a mudar frequentemente de estação? Dos suplementos lançados pelas nossas fábricas até agora, já se sabe que uma percentagem reduzidíssima conseguiu agradar. Não vamos apontar nomes porque não pretendemos ensinar padronos a vigário. Mas, o que sugeríamos era uma medida tendente a não forçar o ouvinte a escutar o que presta e o que não presta. Já temos bastante experiência para encontrar uma solução justa e criteriosa. Todos os anos, de algumas dezenas de músicas lançadas à preferência dos foliões, nunca foi possível alinhar-se uma quantidade superior a dez favoritas. O rádio é, presentemente, o veículo preferido para se alcançar essa preferência, mas se não houver uma providência rigorosa de parte da direção artística das nossas emissoras, capaz de acabar essa balburdia que se nota nas cabines dos operadores, os resultados somente poderão ser negativos, pois o povo pode não concordar com os sucessos retumbantemente anunciados daquelas cabines e criar o seu verdadeiro sucesso.

F. CORREIA DA SILVA

CIGANA FEITICEIRA

Marcha de Benedicto Lacerda e Haroldo Lobo. — Gravação de "4 Azes e 1 Coringa", em Odeon.

Cigana feiticeira
seu feitiço me pegou,
a luz do seu olhar
tem tanto fogo e me queimou.
Pela primeira vez
que você leu a minha mão
deixou uma fogueira
dentro do meu coração.

Cigana feiticeira,
feiticeira, ai meu Deus!
eu gasto tudo, tudo,
pelos carinhos seus.
Me diga só
o que eu tenho a fazer
pra virar cigano
e morar com você.

SALVE A PRINCEZA

Samba de Paquito e Luis Sodré — Gravação de TRIO DE OURO, em Odeon.

Salve a Princesa Isabel,
deu liberdade à cor,
foi no dia 13 de Maio,
Preto não é mais lacaio,
preto não tem mais senhor!

Desde o dia em que a princesa assinou
a Lei Aurea, concedendo a Abolição,
preto teve o direito de ser cidadão.
Hoje, o preto pode ser doutor,
deputado e senador...
Não há mais preconceito de cor.

FINE THING

Fox do filme RUTH QUERIDA, da Paramount. — Música e letra de Johnny Mercer e Robert E. Dolan.

Verse

If you want to know my reaction
To anyone treating me this way;
If you want to know what I think of you
This is all that I have to say.

Chorus

Fine thing!
Waiting till you got me all alone;
Fine thing!
Turning on the glamor that way,
You must have known I was blue;
And wanted somebody who could
teach me

Just what to do and what to say;
Fine thing!

Knowing once you got me in your arms,
I'd cling just as long as you'd let me stay;

Just when I couldn't resist,
And had to be kissed by someone like you;

Fine thing!
Making all my dreams come true.

★

THERE'S NOTHING LIKE A SONG

Fox de Mack Gordon e Josef Myrow. — Do filme "MOTHER WORE TIGHTS", da 20th Century.

There's nothing like a song
When a fellow feels dejected;
Strange how things can change unexpectedly

With the magic of a simple do re mi,
There's nothing like a song
When your cares are kind-a chronic;
A tune can be a tonic,
If you are wise;
So don't be a yokel,
Come on and vocalize;
For if you sing a little jingle
Every thing'll o-kay,
Spring'll come your way;
If you gather around and sound
Your "A" for a round de lay;
So use your common sense,
Happiness is inexpensive
And when you have a feeling
You don't belong,
All your cares can find replacement;
In Mister Sunshine's bargain basement,
And remember you can get it for a song.

★

PLAYA SOLITARIA

Beguine de Augusto Alguero.

Playa solitaria
que el mar besa con temblor...
Playa, graba tu arena
la dulce huella de nuestros pasos
juntos...
Y pronto la caricia de las olas
borrará este solo recuerdo evocador
de mi amor.
Y en el silencio de la noche incierta
cuando la tierra se vuelve morena
nada recuerda en la playa desierta
que la ilusión se grabó en su arena.
Playa... Playa solitaria
que el mar besa con temblor.
Playa sin un recuerdo evocador
de mi amor.



POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



**PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.**

NUNCA EXISTIU IGUAL

**GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS**



TRANSPIROL

mento da sua maior beleza, força é conseguir a harmoniosa combinação de ambas — raízes cheias de seiva vital, flores prorrompendo em côres.

Sem embargo, era a flor, para Wagner, mais importante que a raiz, pois ele era, fundamentalmente, como Beethoven, um compositor instrumental. Transportou para a ópera a idéia da «Nona Sinfonia» de Beethoven. Produziu, nomeadamente em suas últimas obras, uma torrente orquestral de melodia completada com acompanhamentos vocais e poéticas fantasias faladas. A «Nona» de Beethoven, com o seu triunfante coral no Quarto Movimento, é uma sinfonia dramática. As óperas de Wagner, se nos permitem a expressão, são dramas sinfônicos.

Todos os elementos dos dramas sinfônicos de Wagner — a orquestração, o acompanhamento vocal, as palavras, o cenário, o enredo — entrelaçam-se num modelo integral e exato. E o desenho desse modelo, a unidade de fio que liga as várias partes num todo compacto, é o que Wagner chama de leit-motiv. Esses leit-motiv, filetezinhas multicoloridas de melodia, surgem em todo o decorrer das suas óperas como as figuras repetidas de uma tapeçaria, identificando as personagens, bosquejando as paisagens e emprestando à música uma personalidade concreta e reconhecível.

O leit-motiv não foi uma invenção de Wagner. Outros compositores antes dele tinham-se valido desse rótulo musical. Contudo, nas obras da maioria dos compositores anteriores não era o leit-motiv senão um dístico inane de identificação — mera repetição das mesmíssimas notas do mesmíssimo jeito. Wagner, tomando dessa fórmula rígida e sem vida, converteu-a nos traços plásticos de um organismo vivo. O leit-motiv de uma ópera wagneriana reflete, como o rosto humano, não só as mutáveis emoções da personagem como também a luz e as sombras que projeta sobre essa personagem o desenvolvimento do enredo.

O leit-motiv tornava-se um traço cada vez mais destacado da música de Wagner à medida que a arte dele progredia. Nas suas primeiras óperas ele adotou a forma tradicional do motivo como símbolo melódico. Não foi senão nas óperas do «Anel dos Nibelungen» — «O Ouro do Reno», «As Valquírias», «Siegfried» e «O Crepúsculo dos Deuses» — que transformou esse símbolo abstrato numa forma concreta de descrição musical. Pode dizer-se que Wagner, aperfeiçoando o leit-motiv, introduziu um novo instrumento na música orquestral.

O seu gênio, cumpre repetir, era essencialmente orquestral. A voz na ópera wagneriana é somente uma parte da orquestra. Isso não é apenas verdadeiro no que respeita ao «Anel dos Nibelungen» mas ainda às outras óperas do seu último período — «Tristão e Isolde», «Os Mestres Cantores» e «Parsifal». A semelhança do que ocorre nos quadros de Leonardo, as personagens humanas de Wagner constituem tão somente parte da intrincada trama natural que ele coloca na tela do seu teatro. Nesse particular seguiram, ao mesmo tempo, Leonardo e Wagner a técnica do Grande Artista Músico, visto que no drama musical do universo a vida do homem representa apenas uma nota.

V

Wagner buscou criar em suas óperas um novo conceito da música e uma nova filosofia da vida. O mundo, porém, demorou em reconhecer esse fato, pois, aos cinquenta e um anos de idade, ele continuava relativamente obscuro e desesperadamente pobre. Nessa ocasião, afortunadamente, encontrou um prote-

tor que o apoiou até o fim da sua vida — o rei Luiz II que, com dezoito anos de idade, acabara de herdar a coroa da Baviera. Luiz convidou Wagner a ir para Munich, onde as suas óperas principiaram a ser representadas com regularidade e onde sua fama se firmou solidamente. O espírito de Wagner, no entanto, continuou inquieto como sempre. Conheceu Cósima, filha de Liszt e esposa do seu amigo e colega Hans von Bülow, e por ela se apaixonara. Já durante a vigência do seu casamento com Bülow, Cósima dera a Wagner dois filhos. Por fim, quando a história do seu amor se tornou um escândalo público, Wagner e Cósima decidiram passar por cima das convenções diante dos próprios amigos e fugir. Viveram abertamente juntos durante alguns anos; depois, tendo morrido Minna e havendo Cósima conseguido o divórcio de Bülow, puderam, afinal, legalizar a união os dois amantes. Casaram-se no dia 25 de agosto de 1870. Wagner tinha cinquenta e sete anos e Cósima trinta e três.

O casamento deles foi feliz, pois ambos possuíam um interesse comum — ambos adoravam Richard Wagner.

Esse novo e tardio verão de sua vida foi agradável, mas nem sempre sereno. De quando em quando empanavam o brilho dos seus últimos dias a sobrançaria de sua cólera jupiteriana e o trovão de sua contrariedade. Desprezava toda gente e porfiava em que toda gente o amasse. No fim da vida tornou-se vegetariano e quis por força que, a datar desse dia, o mundo inteiro se tornasse vegetariano. Se fosse necessária uma dieta de carne para os povos do norte da Europa, emigrassem esses povos do norte para o sul.

Era uma criatura surpreendente — um homem dotado de imenso gênio e de não pequena insanidade. Era, como o filósofo ideal de Emerson, um feixe de contradições — cristão e pagão, patriota e internacionalista, asceta e voluptuário. Celebrava as virtudes dos pobres e rodeava-se de toda a espécie de luxos. Trajava calças e paletó de seda — este último bem reforçado, pois era suscetível às correntes de ar. A sua sala de estar em Munich era decorada com «tule branco... sedas cór-de-rosa... cetins amarelos... O fóro todo recoberto de um cetim branco ricamente festonado... Sobre o pavimento estendia-se macio tapete de Esmirna... Os sofás, estofados de chamalote branco estampado... As janelas, os espelhos e os quadros, ornados de sedas e cetins de tonalidades várias». E no meio de tudo isso assentava-se o deusinho, de semblante carregado, ostentando as calças escarlates e decantando as virtudes da renúncia, cuja doutrina era o tema central dos seus dramas musicais.

Embora, via de regra, nunca se preocupasse com os outros, pasmava quando alguém deixava de preocupar-se com ele. Verdade é que, em certas ocasiões, sabia ser extremamente encantador; era, porém, o encanto de um déspota que se ufana da autoridade exercida sobre os escravos. Tratava com condescendência os outros, tiranizava-os, chegava, às vezes, a sorrir-lhes — mas nunca os auxiliava. O mundo, a seu ver, consistia em milhões de zeros que acompanhavam uma unidade só — ele próprio. «Ele nos trata, a todos», escreve Cornelius, que o adorava, «como se fôssemos outras tantas peças de mobiliário espiritual... Wagner nunca pensa, por um minuto sequer, em ninguém, a não ser em si mesmo».

VI

Tal era o ditador musical da Alemanha quando, em 1872, colocou a

pedra angular do teatro que foi o sonho de sua existência — o «Festspielhaus» (Teatro Festival) em Bayreuth, destinado a ser o monumento imperecível ao seu gênio — templo onde as duas artes, a poesia e a música, haviam de unir-se em sagrado conúbio. Quatro anos após o lançamento da pedra fundamental o «Festspielhaus» estava pronto para a representação primeira do «Anel dos Niebelungen». A noite da estréia, 13 de agosto de 1876, marcou época na história da música.

Ele ainda viveu mais cinco anos e meio — flamejante Vesuviozinho humano, exaltando sempre as próprias obras, sempre condeando as alheias, uma «natureza como a de Proteu», que «saltava como um tigre» — citamos seu amigo, Edouard Schuré — «cruzava a sala como leão enjaulado, mugia como cervo. Quando excitado, saíam-lhe as palavras aos gritos; os seus discursos satirizavam ao acaso. Semelhava, nesses ocasiões, alguma força elementar desencadeada... A menor contradiçãozinha provocava nele fúria incrível». Nos momentos de alegria não era menos demonstrativo do que nos períodos de cólera. «Quando fui visitá-lo», escreve Liszt, «ele chorou, riu e declamou, num repto, pelo menos durante um quarto de hora». E quando alguém executava com excepcional perícia alguma de suas peças «saltava» — recorremos à autoridade de Sebastian Röckl para esta citação — «abraçava ou beijava calorosamente a cantora, ou, de alegria, instalava-se no sofá de pernas para o ar, arrastava-se por baixo do piano ou pulava sobre ele, ou então precipitava-se para o jardim e, alegremente, trepava numa árvore».

Nenhum dos seus amigos lograva fugir ao magnetismo dêse homem. Nenhum deles podia, entretanto, permanecer por muito tempo no campo altamente carregado dêse magnetismo. Aproximavam-se dele, um por um, depositavam os corações diante do relicário do seu gênio e depois se afastavam, silenciosos. Nos últimos dias da sua vida ele se viu praticamente só.

Mas quando caiu morto (de um ataque do coração) no dia 13 de fevereiro de 1883, uma personalidade única deixou o mundo — uma criança travessa que aprendera a conversar com os deuses.

(Do livro «Vidas de Grandes Compositores»).

NÃO COZINHAVA, NÃO COSTURAVA E NÃO LAVAVA...

(Continuação da pág. 21)

— Mas isso é comida de gente? Quem sabe até os porcos refuguem!

O feijão e o arroz estavam duros como pedra e o charque, então, nem se fala! Era o mesmo que estar mordendo bálnha de facão!

— Não acho, Manuela! E' essa a comida que eu sempre comi! Até que não está tão pior!

E fazendo um esforço enorme, Nico foi comendo até deixar o prato limpo.

— Mas eu não como isso! Capaz de me dar uma doença no estômago! Não sei cozinhar, mas vou fazer alguma coisa para comer, que se isso segue assim, eu morro de fome.

Manuela foi para a cozinha e daí em diante começou a cozinhar...

— Manuela! Manuela!

— Que é, Nico?

— Olha o estado das minhas bombachas novas!

E Nico meteu a mão no buraco que uma lata de querosene lhe havia aberto nas bombachas novinhas. Manuela saltou.

— Eu não sei costurar! Tem paciência! Dá um jeito! E não te queixes, que eu bem te avisei que não sabia fazer nada!

— Mas não tem importância, Manuela! Eu mesmo costuro! Tu pensas que alguém costurava para mim quando eu ainda não havia casado contigo? Não, ninguém! Quem costurava era eu mesmo!

Nico foi lá no quarto, trouxe o carretel de linha, uma agulha de costurar saco, tão grande como o seu dedo anular, sentou num banquinho perto da espôsa e começou a fazer essa mesma costura que a gente faz quando está com pressa, para encher um saco de lã e rematar a boca do saco. Foi assim, assim, e depois que o buraco estava fechado, Nico puxou a linha e franziu a fazenda.

— Pronto! Não te disse?

— Mas Nico, que vergonha andar com a roupa costurada dêse jeito! Que é que a comadre Filoca vai dizer de mim, e a dona Rosa, que é tão reparadeira? Tem paciência! Não sei costurar, mas tu vais mudar essas bombachas, que eu dou um jeito!

E daí em diante, quem remendava as roupas do Nico, era a Manuela mesmo.

— Não, senhor! Ah! Isso sim é que não! Cozinhar eu cozinho, costurar também, mas lavar roupa? Isso não! Deus me livre! Bem que eu te avisei que não sabia fazer nada! Não te queixes!

Foi direitinho o que a Manuela disse quando Nico lhe contou que a lavadeira estava doente e que por muito tempo não poderia seguir lavando para eles.

— Ora, Manuela! Isso não tem importância! Eu me criei vendo a minha mãe lavando roupa. Ela até me ensinou! Eu lavo! A sanga é aqui pertinho... Fica tomando conta do bolicho enquanto eu vou até lá. Onde é que está o sabão?

Nico saiu ao trotinho em direção ao mato, com a trouxa de roupa suja na garupa do azulego. Chegou lá, espalhou a roupa dentro d'água, passou um sabão, água de novo, não deixou coarar e não tirou nem o sabão nem a sujeira.

Manuela ficou admirada com sua rapidez.

— Já de volta?

— Eu não te disse que a minha mãe tinha-me ensinado?

E ele, calmamente, começou a estender a roupa numa corda atada nos dois cinamomos que ficavam nos fundos da casa.

Manuela, de mãos na cintura, olhava peça por peça. Quando ele esvaziou o saco, ela abriu a boca.

— E tu tens coragem de dizer que sabe lavar roupa? Mas está pior do que antes! Com toda sujeira, encardida, com sabão, uma vergonha! Tu podes saber calcular um quilo de feijão e um mil réis de canha, mas de lavado de roupa tu não entendes nada!

Muito braba, Manuela começou a tirar da corda a roupa que Nico estendera. Estava tão furiosa que foi uma felicidade para os dois que ela não houvesse encherado a cara risonha do espôso.

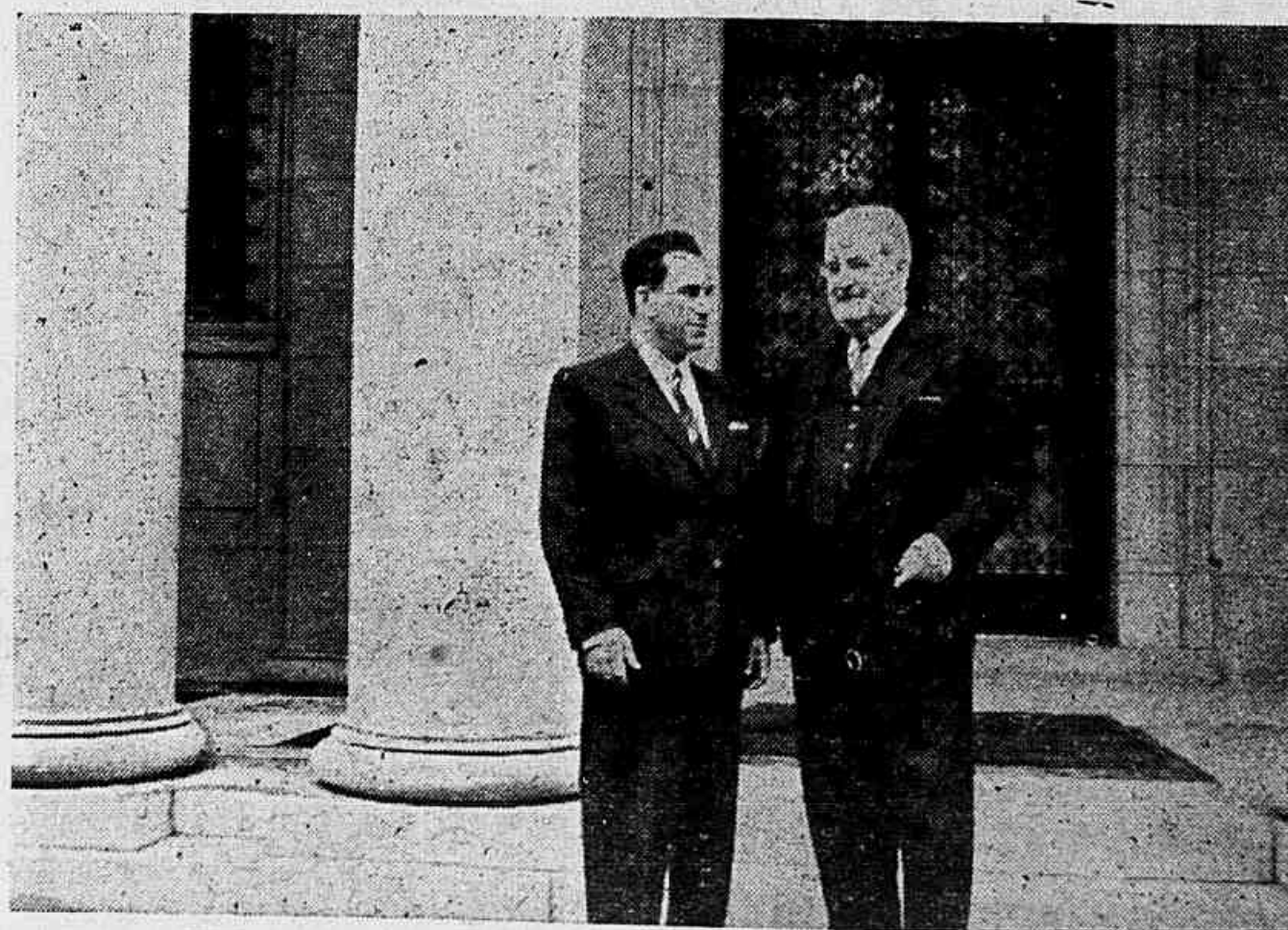
Agora é a Manuela quem não quer voltar para a cidade...

Enlace Lidia Acosta Bertozzi-Murilo Marinho de Aquino

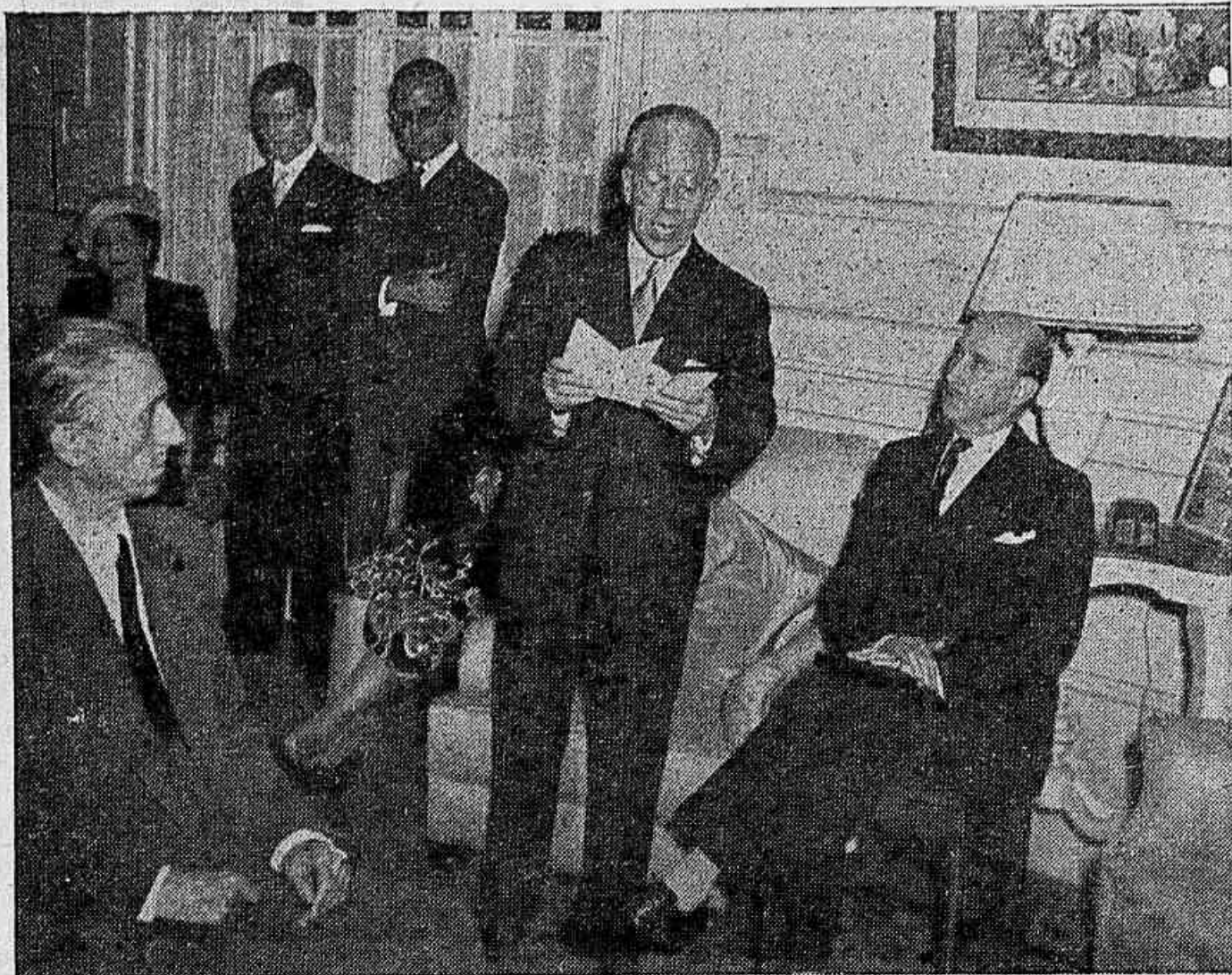
NA edição do dia 20 de dezembro último, «REVISTA DA SEMANA» registou, às páginas 12 e 13, o elegante acontecimento mundano que foi o enlace matrimonial da srta. Lidia Acosta Bertozzi, filha do casal João Alfredo Bertozzi, com o sr. Murilo Marinho de Aquino, filho do sr. e sra. Mario Figueira de Aquino, realizado no dia 6 do referido mês na Igreja da Santíssima Trindade. Dentre os nomes ilustres, porém, que figuraram na relação dos padrinhos dos noivos, omitimos, por involuntário lapso, o do dr. Victor Gutzgoff, Superintendente da Companhia Seguradora Brasileira, que com sua espôsa testemunhou o ato civil por parte da noiva. Feita esta retificação, completamos assim o registro do enlace Acosta Bertozzi-Marinho de Aquino.



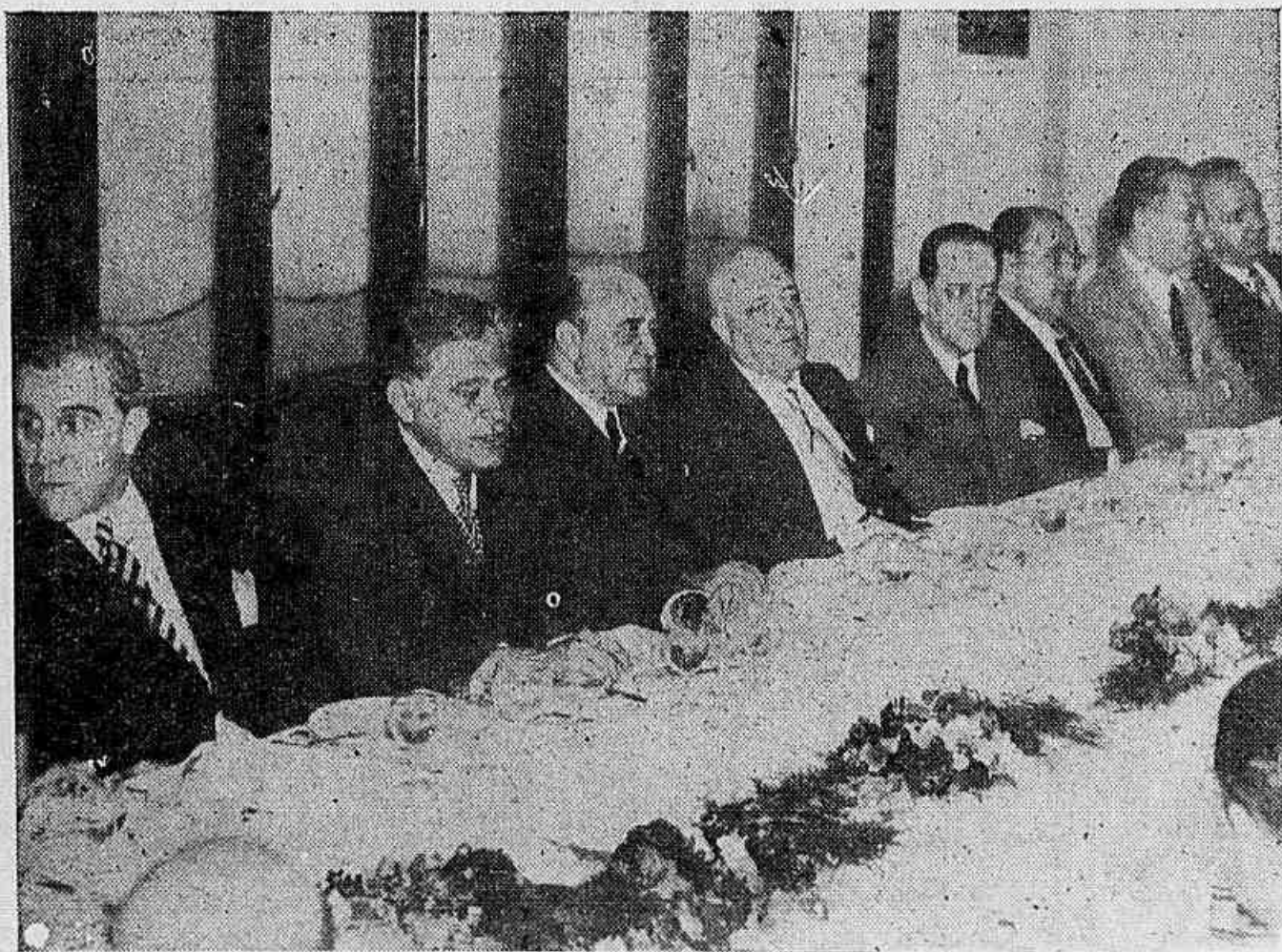
No dia 20 de dezembro último consorciaram-se nesta cidade a senhorinha Florise Teixeira da Silva com o sr. Egeu Marques. O ato civil teve lugar na residência dos pais da noiva, à rua Caruarú, 40, no Grajaú, às 13 horas, e a solenidade religiosa realizou-se às 17 horas do mesmo dia na Catedral Metropolitana. Serviram de testemunhas no civil os drs. Manoel Acher de Castilho e senhora e Jorge Dias de Oliva, por parte da noiva, e os srs. Cherubim Silva e senhora, pais da noiva, e Leonel Marques e senhora, por parte do noivo. No religioso, serviram de padrinhos da noiva, o sr. José Francisco Ribeiro e senhora, e do noivo o sr. Antonio Gonçalves e senhora. Além dos padrinhos e testemunhas dos noivos, notava-se ainda a presença das seguintes pessoas de destaque social: dr. Teixeira de Lemos, srs. Antonio Rodrigues dos Santos e senhora, Antonio Froes da Cruz e filha, Sidney Gregory e senhora, Raul Galo e senhora, Armando de Oliveira e senhora, Moacyr de Siqueira Queiroz e senhora, cap. Ramiro Gonçalves e senhora e Carlos Magalhães e senhora. Após a cerimônia religiosa, os pais da noiva ofereceram recepção e lanche em sua residência, com magnífico serviço da confeitaria Paschoal, tendo-se feito ouvir, ao champagne, o dr. Jorge Dias de Oliva. As ricas e originais «toilettes» que ostentavam as damas, as madrinhas do religioso e as mães dos noivos, constituíram a nota elegante dêse acontecimento marcante da vida social carioca.



Na embaixada do Brasil em Washington, o Embaixador Carlos Martins recebe a visita do sr. Stockler de Queiroz, Presidente do Departamento Nacional do Café (em liquidação), quando de sua recente viagem aos Estados Unidos, em estudo dos assuntos cafeeiros.



Flagrantes tomados na Embaixada da Grã-Bretanha por ocasião da entrega das condecorações conferidas pelo Rei Jorge VI a várias personalidades brasileiras. No clichê acima, o sr. Herbert Moses, presidente da A. B. I., fazendo uso da palavra, e em baixo, o mesmo quando recebia das mãos do embaixador Sir Neville Montague Butler a condecoração que lhe fôra outorgada.



Ao ensejo do aniversário natalício do general Angelo Mendes de Moraes, digno e operoso prefeito do Distrito Federal, a Associação Brasileira de Imprensa prestou a s. excia. delicada homenagem, oferecendo-lhe um banquete que decorreu num ambiente de respeitosa cordialidade, sendo do mesmo o aspecto acima.

O equívoco

(Cont. da pág. 23)

— E perdeu a mão de Dulce, além disso. Ouvi dizer que estavam noivos entre si. Depois do que houve, nem por decreto do céu o dr. Ataliba consentirá no casamento.

— Nem a moça há de querer, depois do papelório do rapaz. Imagine, bater no dr. Floriano, um santo! Que eu saiba, a única pessoa que já falou mal do dr. Floriano foi o Joaquim Vilça. Aliás, não foi bem falar mal, foi apenas uma caçoada.

— Caçou de que?

— Daquele cacoete que o dr. Floriano tem quando ri.

— Ah, o repuxar da boca, que dá a impressão de estar zombando?

— Isso mesmo.

Não ouvi o resto, porque afundei na minha poltrona, completamente desamparado.

Janet Leigh

(Cont. da pág. 24)

E assim foi calçado o sapatinho no pé da nova Cinderela. O resto foi rápido. Entrevistas com a imprensa, escolha e prova de roupas, poses para a publicidade e em menos de um mês um passeio a Santa Cruz, na California, para filmagem em locação. E surgiu uma nova estrêla.

Agora uma pequena nota biográfica: Janet Leigh é filha do sr. Fred Morrison e senhora, tendo nascido a 26 de Julho em Mercedes, California, recebendo o nome de Jeanette Helen Morrison. Estudou numa escola primária de Stockton e depois no "College Of The Pacific", na mesma cidade, onde estudou música e foi parte de um grande corpo coral, nas apertadas encenadas no colégio.

Tem cento e sessenta e três centímetros de altura e cinquenta e três quilos de peso, olhos castanhos e cabelos louros, de tom escuro. Está casada desde 5 de Outubro de 1945 com Stanley Reames, chefe de uma popular orquestra de danças, e se declara plenamente feliz. E que continue sempre assim, é o que lhe desejamos.

Mal terminou seu desempenho em "The Romance of Rosy Ridge", Janet Leigh foi para o set de "If Winter Comes", para outro expressivo papel, o de uma trágica pequena inglesa, nesta película cujo elenco é encabeçado por Walter Pidgeon, Deborah Kerr e Angela Lansbury. E dali saiu correndo para figurar em "The Hills of Home", seu atual filme, em companhia de Lassie, Tom Drake, Edmund Gwenn e Donald Crisp. Nesta, Janet forma o par romântico com Tom Drake, um parzinho aliás muito bem pensado, ambos jovens e bastante simples e sinceros em suas interpretações.

Vamos ver o que diz Janet Leigh sobre os seus trabalhos no cinema: — Por ora, estou contente com o que tenho feito. Meu primeiro trabalho foi contracenar com Van Johnson, e eu queria ter em níqueis quantas pequenas deste mundo desejariam estar em meu lugar. Van é o querido das garotas americanas, e eu sou uma garota americana. Logo... Meu segundo filme proporcionou-me trabalhar ao lado de artistas como Walter, Deborah e Angela, e num papel de grandes possibilidades para uma caloura. Agora, no terceiro, vejo-me ao lado de Lassie... — e Janet pisca o olho para Tom Drake, presente à nossa conversa. Tom compreende a brincadeira, sorri e depois finge que está zangado, fazendo beijo... Janet então fala na locação de "The Hills of Home", numa elevação de mais de três mil metros nas High Sierras da California, próximo ao histórico Passo de Sonora. As cenas foram filmadas em cor natural, com paisagens belíssimas, e Janet repete que ficou encantada com a convivência de Lassie...

E então ela nos conta um fato pitoresco de sua vida em Hollywood. Vinha um belo dia descendo o Sunset Boulevard com o marido, de automóvel, quando um outro carro emparelhou com o deles, pedindo-lhes que parassem. Satisfizeram o rapaz que dirigia o carro. Tratava-se de um caçador de talentos de um importante estúdio "Já lhe disseram que devia estar no cinema?" perguntou ele a Janet. Ela então explicou-lhe que sentia muito mas que já fora descoberta uma vez. "Bem", insistiu o rapaz, suspirando, "mas de qualquer modo guarde o meu cartão, por via das dúvidas! "E Janet termina dizendo: — É, pelo que vejo, sou mesmo a única artista do cinema que foi descoberta duas vezes. Antes duas do que nenhuma!

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

O IDE O RIO AINDA COME BEM E POR POUCO DINHEIRO

(Cont. da pág. 18)

na Imprensa Nacional; na Faculdade Nacional de Medicina (inaugurado em novembro passado); nos edifícios do Ministério da Educação e do Ministério do Trabalho e no edifício da União Nacional dos Estudantes, à praia do Flamengo, e no Teatro Municipal. Em todos esses o preço da refeição é de quatro cruzeiros. Na Estiva, no Klabin e na Imprensa Nacional o preço é de Cr\$ 1.40. Nos demais os preços são os seguintes: Cr\$ 4.00, 5.00 e 10.00. Nesses restaurantes são servidas diariamente um total de vinte mil refeições, sadias e rigorosamente científicas quanto ao valor nutritivo. Pode-se calcular o benefício que o S.A.P.S. presta diariamente ao carioca, quando se sabe que a mesma refeição servida nos seus restaurantes por quatro cruzeiros, custaria o dobro aqui fora, nas pensões, ou o triplo, no mais modesto restaurante. Carioca, tome nota desses endereços! Num cálculo ligeiro, estima-se que este auxílio atinja a oitenta mil cruzeiros diários, ou sejam, dois milhões e quatrocentos mil cruzeiros por mês. Nunca o cidadão viu o seu dinheiro de impostos e taxas tão bem empregado como nesse caso: para custear as despesas do Serviço de Alimentação da Previdência Social.

COMIDA DE GRAÇA PARA O TRABALHADOR SEM EMPREGO

Numa pequena sala, no edifício matriz, dona Maria de Lourdes se desincumbe, discretamente, de uma parte humanitária do S.A.P.S., daquela que trata de proporcionar durante um curto prazo, da alimentação gratuita ao trabalhador desempregado e até ao recém-empregado, quando este não conta com o dinheiro necessário. Basta chegar à seção com a carteira profissional indicando a despedida recente do último emprego. O operário recebe um cartão que lhe dá direito a vinte refeições. Não é conveniente um período maior, a fim de evitar que os que não gostam de trabalhar abusem do auxílio. A sala está sempre cheia e, rapidamente, todos têm os seus casos resolvidos. Quando lá estivemos conversamos com o menor Hélio Sales Moreira, despedido há pouco de um café no Cais do Porto. Já está com outro emprego quase arranjado. Enquanto não trabalha não passará fome e não precisará de incomodar aos amigos. Outro, com quem conversamos, foi o praticante de condutor José Joaquim Oliveira, vindo há dias de Catolé do Rocha, na Paraíba. Enquanto a Light não lhe paga a primeira quinzena, ele vai se valer do auxílio do S.A.P.S.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

RECEITUÁRIO INDUSTRIAL



1750

FÓRMULAS E RECEITAS

compreendendo

- ADESIVOS
- IMPERMEABILIZANTES
- BEBIDAS
- FABRICAÇÃO DE VELAS
- INSETICIDAS
- PERFUMES
- COSMÉTICOS
- SABÕES
- TINTAS
- VERNIZES
- AGRICULTURA
- VETERINÁRIA

10 livros num só volume com 500 páginas e 100 ilustrações... Cr\$ 100,00

Custa 100 cruzeiros, mas... poderá produzir 100.000.

Edição da LIVRARIA DO GLOBO



Peça prospecto com amplos detalhes

AGÊNCIA NO RIO DE JANEIRO:
RUA ALEXANDRE MACKENZIE, 127-B

ALIMENTAÇÃO TAMBÉM PARA O ESPÍRITO

A medida que se vai estendendo, o S.A.P.S. aumenta o seu raio de ação para outros setores, visando sempre o bem-estar do trabalhador. Assim é que inaugurou, há um ano mais ou menos, em seu edifício sede, uma biblioteca e uma discoteca para o público, principalmente para aquele que se serve do restaurante do andar térreo. A atual diretoria transformou o antigo salão de leitura de jornais e revistas em uma agradável e acessível biblioteca. Biblioteca sem côr política. Sendo um departamento governamental, mais admirável se torna essa medida de isenção partidária. O funcionário público, o estudante e mesmo o operário, após o almoço, têm à sua disposição uma infinidade de livros, sobre os mais variados assuntos. Para se aquilatar o interesse despertado pela biblioteca, basta anotar que no mês de novembro houve um movimento de quatro mil oitocentos e cinquenta e nove leitores. O sr. Alvaro Rebelo, funcionário responsável pela biblioteca, deu-nos uma informação que bem mostra o alto espírito de que está mo-

vida a diretoria, no sentido de propagar a cultura no seio da massa. Dissemos ele:

— Temos um serviço de empréstimo muito concorrido. Qualquer pessoa pode levar o livro para casa durante quinze dias. Não há taxas, nem depósito. Até mesmo aos garotos que não têm uma única carteira de identificação nós fazemos os empréstimos.

— E se eles não devolverem o livro?

— Não consideramos isso prejuízo. O principal é que eles leiam e leiam. Se não entregarem o livro, isso quer dizer que o volume vai andar de mão em mão, aumentando os conhecimentos de muita gente. A biblioteca não perde nada, pois o povo é quem sai lucrando com a divulgação e o nosso lema é servir ao povo. Não há dúvida que é uma filosofia nova a respeito de empréstimos de livros e talvez a mais acertada.

Na biblioteca o trabalhador encontra também papel de carta para qualquer porte, envelopes, selos, tudo ao preço de custo, para facilidade de sua correspondência, contando, inclusive, com caixa de correio, cabendo ao S.A.P.S. todo o expediente restante que se fizer necessário.

SEJA PREVIDENTE

Inscriva-se com sua família na SOCIEDADE DE AUXÍLIOS E BENEFICÊNCIAS ESTRELA, (S.A.B.E.) que lhe proporcionará os auxílios seguintes: Médico, Advogado, Cota em dinheiro para Funeral, Auxílios, Viagem, Natalidade, Nupcias, Doentes, Impossibilitados de trabalhar, Hospitalização e Luto.

MENSALIDADES DE CR\$ 2,50 A CR\$ 5,00

Sede Central — RUA CAROLINA MEYER, 29 — Rio

FONES: 29-4173 e 49-0710

ALMOÇO E ÓPERA POR QUATRO CRUZEIROS

Um pouco além da biblioteca, encontra-se o salão da discoteca. Quando lá chegamos encontramos dois operários manuseando o fichário, à procura de sua música predileta. Dentro da cabine à prova de som, um ouvinte embevecido não dera pela nossa presença. Enquanto o professor responsável pela seção mostrava-nos programas de concertos promovidos no auditório do S.A.P.S. com aquela discoteca, esperávamos o ouvinte da cabine para ouvir suas impressões. Afinal, o disco parou e o sr. Armando da Silveira (assim se apresentou) veio conversar conosco. Estava ouvindo uma das árias do «Rigoletto», e ele mesmo confessa ser um amante das óperas.

— Felizmente encontrei um lugar onde posso ouvir minhas músicas preferidas — diz-nos ele.

Quando sabe que somos repórter, faz questão de acentuar:

— Não posso deixar de elogiar a nova orientação desse restaurante. Almoço aqui há três anos e estou satisfeitíssimo. Pagava lá fora em uma pensão oito cruzeiros por um prato de comida. Aqui gasto a metade e como muito melhor. E não é só isso. Depois do almoço venho ouvir de graça as melhores óperas. O senhor já viu coisa mais barata no Rio?

Realmente, nós não nos lembrávamos de coisa alguma que pudesse ser adquirida na cidade por tão baixo preço.

CARTÕES DE REFEIÇÕES COMO PRÊMIO PARA OS CALOUROS

Aos sábados acontecem coisas maravilhosas no S.A.P.S., quando termina o último jantar, às sete e trinta da noite. Logo que sai o ferradeiro freguês, aquele batalhão de empregados transforma o vasto refeitório num amplo salão. Colocam-se cadeiras, arma-se um palco e dentro de uma hora aquilo está transformado num belo recinto. Ninguém paga nada para entrar nem para sair. O salão fica repleto de trabalhadores, a maioria dos quais traz toda a família para a função. Há, então, de tudo um pouco. Cinema, com filmes engraçados, cômicos, instrutivos e recreativos. Teatro, quando qualquer frequentador deseja mostrar sua arte cênica. E rádio. O programa radiofônico é realizado pelos frequentadores do restaurante e pelos funcionários. Nos concursos de calouros distribuem-se aos vencedores cartões com direito a um mês, quinze dias ou uma semana de refeições gratuitas. Antes do Natal, o major Umberto Peregrino instituiu prêmios em dinheiro, além dos cartões de refeições. Todos os sábados, o diretor comparece ao cinema e ao «show», animando com a sua presença os programas da noite. De par com esses programas populares, a discoteca intercala audições de música fina e com isso o operário vai ficando entendido em música de câmara sem dar pela coisa.

NUTROLOGOS E NUTRICIONISTAS

Quem percorrer as dependências do S.A.P.S. da praça da Bandeira vai encontrando a cada passo seções diferentes, cada uma prestando o seu auxílio direta ou indiretamente à saúde e bem-estar do povo. A Diretoria dos Cursos Técnicos e Profissionais tem sob sua responsabilidade a formação de nutricionistas e de médicos nutrólogos, quanto à sua parte técnica, e de cozinheiros e garçons, no seu departamento profissional. O campo de prática desta última seção funciona na avenida Rio Branco, no sub-solo do Teatro Municipal, no chamado Restaurante-Escola. Na sede formam-se os técnicos em nutrição, médicos e as assistentes, ou nutricionistas. Possui um moderníssimo laboratório onde se faz a dosagem de todos os elementos contidos nos gêneros alimentícios e saem dali as fórmulas racionais para os cardápios de todos os restaurantes do S.A.P.S. Qualquer nutricionista formada no S.A.P.S. pode dizer rapidamente o valor alimentar das refeições servidas, graças à prática que adquire nos cursos. Até agora já se formaram trinta e três médicos nutrólogos e vinte e quatro nutricionistas. O número é re-

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL

facilita o tratamento da pele porque equivale a

2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura... diáfano esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.



Aplique Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.

CREME
Rugol

Mantém em segredo sua idade, porque LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

NÚMEROS ATRASADOS DESTA

REVISTA NO PARÁ

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.

Travessa Campos Sales, 58

BELEM

VIDA DE PERIGOS A VIDA DA MULHER

Sujeita continuamente às perturbações próprias de seu sexo, tendo o seu aparelho genital constituído de importantes e delicadíssimos órgãos cujas irregularidades facilmente se transformam em gravíssimos males, tem a mulher sua vida ameaçada por constantes perigos e precisa, pois, estar sempre vigilante. O seu fluxo mensal é um verdadeiro espelho de sua saúde íntima: Si vem regularmente em dias certos e em quantidade certa, sem dores, cólicas, tonturas, enjôos, etc. tudo está bem. Mas si aparece em abundância ou, ao contrário, diminuído, irregular ou retardado então urge providências imediatas. Mas nada de recorrer a um remédio qualquer. Os seus males são de duas naturezas diferentes — os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta, atraso ou diminuição de regras — e portanto, exigem remédios diferentes. O Regulador avier, atendendo a essas duas naturezas diferentes dos males femininos, é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1 para os casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas e hemorragias, e o N.º 2 para os casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas ou suspensas. Portanto, prezada leitora, o Regulador Xavier N.º 1 ou o Regulador Xavier N.º 2 conforme o seu caso, é o remédio único e insubstituível, capaz de combater eficazmente e afastar de maneira definitiva os seus males, conservando a salvo de todos os graves e traiçoeiros perigos que ameaçam a sua saúde e a sua vida.

UM VERDADEIRO TEZOURO ARTÍSTICO

(Cont. da pág. 34)

Profundamente religioso, concentrava-se nos assuntos de religião e tentava "pregar" com a sua arte como os escritores desse período fizeram com as suas palavras.

Centenas de milhares de pessoas visitaram a sua exposição de arte enquanto esteve em São Petersburgo, Rússia. Entre esses visitantes encontrava-se a sra. J. E. Merrill, de Manhattan.

Pelos 60 anos seguintes ela procurou pela coleção, esperando ter outra oportunidade de ver as pinturas.

Foi somente no mês passado que o conseguiu.

No primeiro leilão, John Holzworth, que se apresentou como "advogado, caçador de fêrras, naturalista e amador de arte, de Westchester, Nova York, e Withehorse, Yulph", finalmente comprou a coleção por 12.500 dólares.

Entregou à companhia dois cheques para cobrir a venda.

No dia seguinte foi preso pela polícia de Nova York, por ter emitido dois cheques sem cobertura contra um hotel local. Posto em liberdade sob fiança, foi preso no dia seguinte

em Washington, D. C., por um crime semelhante.

A companhia então anulou a venda e anunciou que seria outra vez posta em leilão.

Nascido em Estrasbourg, na Alsácia, em 1833, Doré foi enviado a Paris, em tenra idade, para acabar de educar-se.

Aos 14 anos estava empregado normalmente como um artista do "Le Journal Pour Rire" e sem benefício do treinamento formal de arte converteu-se no mais popular ilustrador do seu tempo.

Entretanto, a coleção a ser posta em leilão dentro em breve não representa os seus melhores trabalhos. E' o trabalho dos últimos 15 anos de sua vida, devotado na maior parte a pinturas a óleo.

Nunca ele foi, na pintura a óleo e nas telas, o mestre que veio a ser no lápis e no desenho, morrendo aos 50 anos ainda celebrado pelos seus trabalhos da juventude.

Várias das suas primitivas ilustrações estão em galerias famosas, inclusive o salão de Luxemburgo e o de Paris. Outros foram adquiridos pela Rainha Vitória para o palácio real britânico.

UM LIVRO QUE ABALOU A INGLATERRA

(Cont. da pág. 22)

apaixonadas, que insultam o Dr. Barnes, intimando-o a abdicar de seus direitos, às que consideram que o assunto deva ser discutido publicamente. E os seus autores pertencem às mais variadas posições na escala social, desde professores e cientistas a simples empregadas domésticas. E' um debate que apaixonou extraordinariamente a Inglaterra, a quem as questões religiosas sempre interessaram profundamente. E, como essas lutas, aqui tomam um aspecto de partido esportivo, será interessante observar o desenvolvimento da atual situação.

Um grupo de "jovens estudantes evangelistas" escreve: "Como um grupo de ativos operários cristãos, protestamos contra o modernismo em nossa bem amada Igreja da Inglaterra"... Outro cavalheiro, de Hastings, mais energico, exclama: "O Dr. Barnes deveria ser expulso da Igreja da Inglaterra por negar as grandes verdades que ele tem sido pago para defender..." Uma senhora de Middlesex: "Abdique, homem! Por fim, seja honesto! Até este momento você está apenas ganhando dinheiro com um pretexto falso..." Em compensação, muitos, como um senhor de Somerset, se mostram imensamente gratos porque ele "me levou a pensar mais profundamente", ou como um grupo de professores da Universidade de Leicester: "Sentimo-nos tremendamente contentes porque, afinal de contas, um Bispo teve a coragem de levantar questões que existiam na mente de muitos clérigos ou leigos"...

E assim continua a história. O seu desenvolvimento e, sobretudo, fim, tornam-se de difícil previsão. Sabemos apenas que a Igreja

Anglicana estuda os meios de expulsar o Bispo de Birmingham de seu seio. Mas, ao mesmo tempo, a medida poderá provocar uma certa repulsa na massa de fieis, pois tal decisão seria incoerente com a mentalidade democrática do povo britânico. Expulso, o dr. Barnes teria aumentadas as suas simpatias. O melhor talvez seja conseguir adormecer a questão. E' o que estão tentando os responsáveis pela direção religiosa da Inglaterra. Enquanto isso, porém, a imprensa se ocupa largamente do caso, e os cidadãos continuam a escrever cartas, expondo suas opiniões...

Muro das lamentações

sente com melhores olhos. E espere, Cósima. Espere, que a vida traz surpresas maravilhosas — surpresas que em grande parte dependem de nós mesmos. Se você salvar desse naufrágio a beleza de sua alma idealista, e conseguir tirá-la definitivamente do lodaçal por onde andou, mais tarde, talvez muito em breve, alguém será contagiado por ela, e um amor verdadeiro virá apagar para sempre esses momentos de infelicidade por que você passou. Coragem, Cósima. Conte com o nosso apoio e com a nossa admiração pelas suas esplêndidas qualidades de inteligência e de sensibilidade. Escreva-nos sempre que se sentir muito sozinha.

CONFIDENTE

SABOTAGEM AO BANCO DE SANGUE DA..

(Cont. da pág. 10)

A LINGUAGEM DOS ALGARISMOS

Para se avaliar quanto o Banco tem feito de auxílio, na sua especialização, aos hospitais do Rio, auxílio que vai diretamente aos pobres e necessitados, pois esta é a grande maioria que se encontra internada nos hospitais da Prefeitura, daremos aqui um resumo do aumento que vem conseguindo na obtenção de maiores estoques de sangue e plasma. Os hospitais da Prefeitura consumiam, antes da fundação do Banco, quinhentos litros de sangue por ano, e isso era o máximo que podiam conseguir dos seus depauperados doadores. No fim do primeiro ano de funcionamento o Banco conseguiu recolher seiscentos litros de sangue e plasma, cientificamente preparados. Em 1946, segundo ano de vida, conseguiu recolher mil quatrocentos e vinte litros de sangue e plasma, quase três vezes mais do que se consumia dois anos antes. Este ano os números deverão alcançar a mesma cifra. Mas isto ainda é pouco, o necessário será pelo menos o dobro disso, ou sejam uns três mil litros de sangue por ano.

APELO AO LEITOR

Você que nos lê, se vive no Rio de Janeiro, já é um herói por natureza. Come mal, dorme sem conforto e viaja arriscando a vida diariamente, pendurado nos trens, nos bondes ou espremido nos ônibus. Mas se, apesar de tudo isso, seu coração ainda lhe permite mais um ato de bondade humana, se quiser fazer bem ao cidadão pobre do Rio, que hoje ou amanhã estará batendo às portas do Pronto Socorro, da Cruz Vermelha ou de outros hospitais, gravemente acidentado, você pode hoje mesmo realizar isso. Perca uma hora no Banco de Sangue e deixe lá um pouco do "capital" que lhe sobra. Você estará fazendo caridade sem saber a quem. Poderá acontecer que amanhã seu próprio irmão receba o sangue que você deixou lá armazenado. Poderá ser um seu amigo, seu patrão e até seu inimigo. Mas, se for, isto não importa. Essa não é a verdadeira caridade?

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

lativamente pequeno quando se sabe que o brasileiro nunca soube comer, mesmo quando os alimentos era fáceis e baratos. Atualmente maior necessidade existe desses técnicos, pois é necessária muita especialização para descobrir-se como comer bem e por pouco dinheiro. Acreditamos que noventa e nove por cento dos cozinheiros dos restaurantes do Rio não sabem o valor nutritivo exato dos alimentos que preparam. Como nós lucraríamos mais se eles conhecessem bem esse ponto!...

O S.A.P.S. VAI ALCANÇAR TODO O BRASIL

A má alimentação é um fenômeno que atinge o Brasil do Olapoque ao Chui e leste a oeste. Por essa razão o Serviço de Alimentação da Previdência Social tem a obrigação de socorrer ao maior número de cidades possível. E é isto que o seu atual diretor pretende fazer.

Já existe um restaurante do S.A.P.S. funcionando no Ceará. No mês de janeiro corrente inaugurar-se-á outro no bairro do Barreto, em Niterói. Em Juiz de Fora existe um em vias de conclusão. Cada um desses dois últimos citados tem capacidade para cinco mil pessoas. Dentro de um ano, isto é, até o fim de 1948, deverão estar em funcionamento mais os seguintes restaurantes do Serviço de Alimentação da Previdência Social: em Nova Lima, Minas Gerais, para atender aos mineiros de Morro Velho; na cidade de Santos, junto às docas; no bairro do Braz, em São Paulo, em colaboração com o Instituto dos Comerciantes; outro em São Paulo, no viaduto Jacareí, em colaboração com a Prefeitura; outro na cidade de Taubaté, também em São Paulo; outro em Campos, Estado do Rio; outro no Salvador, Bahia, e outro em São Luís, no Maranhão.

O ABASTECIMENTO PRÓPRIO

Já que estamos falando de projetos para o ano que se inicia, não podemos esquecer o plano que talvez venha a ser o maior de todos. A direção do S.A.P.S. firmou um convênio com o Ministério da Agricultura no sentido de assumir a responsabilidade da alimentação da Universidade Rural, ficando sob sua responsabilidade, inclusive, açougue, a padaria, a subsistência de gêneros. Por esse convênio organizará, também, uma granja modelo, sob a assistência técnica da própria Universidade Rural. Com isso espera a direção do S.A.P.S. produzir em larga escala muito do que consome nos seus serviços, não só de frutas, legumes e verduras, como também de animais de pequeno porte, ovos, etc. Enfim, de tudo que seja necessário para preparar os cardápios organizados pelo departamento técnico. Se o S.A.P.S. realizou tanta coisa até hoje,

por que não acreditar que ele irá realizar mais este grande plano? Já que o preço não irá subir, como nos garantiu categoricamente o seu diretor, só podemos ficar entusiasmados com estes empreendimentos verdadeiramente úteis.

PARA CABELOS BRANCOS
LOÇÃO
LEBLON
Centro Caxa, Sabonéis e Quada dos Cabeles

MANIPULADO COM AS ÁGUAS
PAD. CATIVAS DE SERRA NEGRA

FABRILARIA LEBLON S.A.
SERRA NEGRA

NA COVA DAS SERPENTES

Um folhetim-sintético-ilustrado de
"REVISTA DA SEMANA"

Por MARY JANE WARD
Ilustrações de Frank Godwin



— Lá estava, no envelope...



Quando Robert lhe dera o regalo.



— Acho que há qualquer coisa com a minha cabeça.

Virginia agora sabia. Tinha de admitir que sabia onde estava. E pensava: «Robert deve pedir divórcio; talvez ou viva até os oitenta». Grace já se fôra... alegre e feliz por voltar ao trabalho. Seria possível que ela também pudesse ficar boa? Naquela noite ficou acordada na cama, ouvindo o ressonar das companheiras. Sabia que estava entre mulheres insanas e que era uma delas. «Sr. Robert P. Cunningham Hospital Juniper Hill» estava nos envelopes, com a letra de Robert. Bastava olhar.

Virginia estava horrorizada e envergonhada, como se tivesse alguma culpa daquilo. Tentou escavar na memória, mas justamente a parte que a interessava estava per-

dida em brumas. Mas era fácil recordar uma época anterior... quando moraram no subúrbio, no meio de tanta gente. Nunca se podia ficar sozinho, lá... No aniversário de casamento, Robert lhe dera o regalo... 20 de janeiro. «Você veio em fevereiro», dissera Grace. Tinham o apartamento mobilado com peças avulsas para economizar dinheiro. Então dedicou-se ao livro e começou a trabalhar oito horas diárias. As vezes essas oito horas eram feitas à noite, quando Robert estava trabalhando. E' que ele o fazia uma semana à noite, outra de dia. Mas as coisas não corriam bem. Ela nunca fôra capaz de dormir de dia. E logo começou a não poder dormir nem



— Devolva esse escovão à Virginia.



— Não são os meus!



— Bem que a estou reconhecendo...

Virginia estava sentada numa cadeira de braços, no salão de repouso diurno de Juniper Hill. Estava, como sempre, cansada. Mas a srta. Hart perguntava: — Gostaria de manejar um pouco o escovão? — E a resposta devia ser sempre afirmativa. O escovão era muito pesado, e devia ser passado vagarosamente pelo linóleo. Isto era considerado um privilégio. Sempre que alguém lhe tomava o escovão, Virginia ficava satisfeita. Mas logo vinha a srta. Hart, gritando que lhe devolvessem o instrumento... Quantas vezes, lá fora, ela desejara ter a mente vazia, esquecer todos os pequenos aborrecimentos da vida. Mas em Juniper Hill aprendeu que esquecer tudo é uma terrível provação. Ficava sentada na sala diurna, de manhã, e de repente já era hora de dormir. Não conseguia

lembrar-se do que acontecera no meio tempo... Mas lembrava-se de que lhe haviam prometido os óculos. Falou com a srta. Hart: — Será que já posso apanhar meus óculos? — A enfermeira disse-lhe que a seguisse até o escritório. Pouco depois, Virginia tinha os óculos. — Você está vendo? — disse-lhe a enfermeira. — Basta pedir para ter as coisas. Não fique acanhada. — Virginia pôs os óculos e as paredes da sala giraram. — Não são os meus! — Veja o seu nome aí — respondeu a enfermeira. E era isso mesmo. Na armação, numa tirinha de esparadrapo, estava escrito «V. Cunningham». E a enfermeira acrescentou: — Se não estão bons, você não deve usá-los. — Virginia tornou a pô-los. — Oh, estão ótimos!

— disse rapidamente. E pouco depois seus olhos responderam à velha disciplina. O chão ainda vibrava, mas já não girava. Assustador, porém, foi o efeito dos óculos no refectório, onde, pela primeira vez, pôde ver direito suas companheiras de mesa. Uma pequena nova, Margaret, que sentava à sua frente, esperou o término da refeição para perguntar, ansiosa: — Você é a minha irmã, não é? — E Virginia respondeu: — Bem, talvez sejamos irmãs de um certo modo. E, há uma espécie de parentesco entre nós. — E Margaret aproveitou: — Eu sabia. Reconheci-a imediatamente, apesar de você estar morta há tantos anos... — Nem adiantava conversar com criaturas assim; eram todas dementes. Virginia levantou-se e pouco depois estava distribuindo cigarros...



Agarraram-se com Virginia...



A srta. Hart leu os nomes...



Procuravam imitar os gestos da professora.

Naquele dia Virginia teve uma série de aborrecimentos, devidos à sua maleta negra. Uma das mulheres resolveu que ela devia ser médica. Três delas penduraram-se em seus braços, chamando-a de doutora e pedindo-lhe que lhes dissesse quando poderiam voltar para casa. Quando explicava que não era médica, apontavam para a maleta... E o incidente levou-a a recordar a época em que dissera a Gordon que pensava em estudar medicina. Gordon fôra o homem que morrera alguns anos antes de ela se casar com Robert. Quando falara em medicina, Gordon achara graça. Robert não faria aquilo. Teria logo arranjado um meio qualquer de mandá-la à Faculdade... — Tees Beefe,

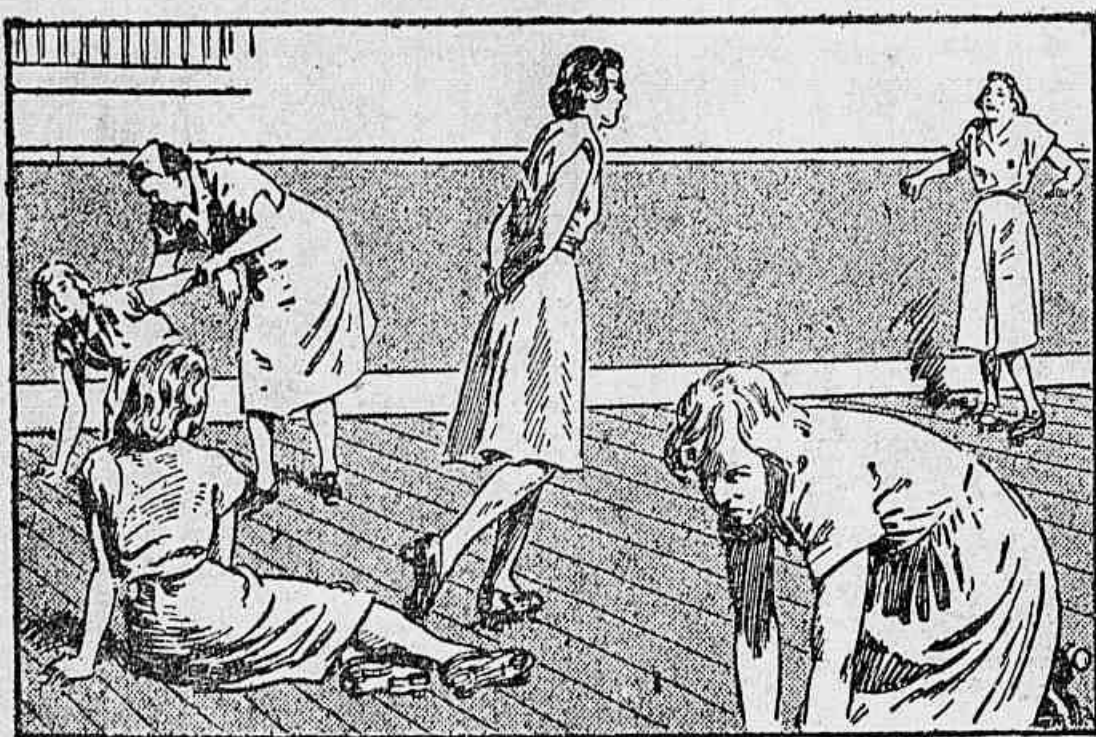
senhoras! — gritou a srta. Hart. Virginia era uma das que deviam ir ao «T.F.», que não sabia o que era. Correu para a enfermeira, já rodeada de mulheres barulhentas. — Calma, senhoras! — rugiu a enfermeira. Então leu a lista das que deviam ir. No instante em que terminou a leitura, estourou o berreiro das que tinham sido deixadas de lado. As escolhidas seguiram por um corredor; atravessaram os portões... O coração de Virginia bateu um pouco mais depressa. Estava em liberdade. Mas não houve muito tempo para admirar a paisagem. Logo entraram num outro prédio, onde foram recebidas por uma senhora de cabeça grisalha, que usava calções de ginástica. Foram levadas para um ginásio. — Entrar em forma

— gritou a mulher grisalha. Então Virginia compreendeu tudo. «T.F.» era «treinamento físico». Ela sempre evitara todo o esforço físico, tanto no colégio como na universidade. Para isso usara um médico da velha escola, que assinava os seus atestados de incapacidade. A mulher dos calções continuava a dar ordens. Virginia, começando a achar que talvez não fosse «treinamento» e sim «terapia», aquela «T», acabou não ouvindo mais as vozes de comando e sendo pessoalmente intimada a prestar atenção, pela professora. Abaixavam-se, mãos nos quadris; erguiam-se, braços para a frente; inclinavam-se para tocar o solo com as mãos, sem dobrar os joelhos, e mais ou menos procuravam imitar o que fazia a mulher dos calções...

NA COVA DAS SERPENTES

Este folhetim continuará nestas mesmas páginas na próxima semana

Direitos adquiridos com o King Features Syndicate. Tradução de JORGE A. FORTES



Virginia foi a única que não caiu

Quando acabou a ginástica, a professora disse que poderiam patinar ou jogar voleibol. Virginia preferiu os patins. E era perita. Não patinava desde os quatorze anos, mas mesmo assim não caiu. E foi a única das patinadoras que não foi ao chão. — Você patina muito bem — disse a professora, depois. Quando voltaram ao salão de repouso diurno, Virginia identificou um odor estranho como paraldeído. Não era formaldeído. Grace sabia muito, mas não soubera aquilo, pensou Virginia. «Eu descobri. Acho que já estou boa para ir para casa». Na noite seguinte foram ver uma fita, no salão lá de fora. As mulheres só ocuparam meia sala; o resto foi ocupado por homens. Virginia teve mais pena ainda deles do que das



Ria e aplaudia com os outros...

mulheres, pois não pareciam tão mal quanto elas. Era esquisito estar num salão com mil ou mais pessoas de mentes. A plateia, no entanto, era muito mais sossegada que qualquer outra de gente normal. Virginia não se preocupou em acompanhar a película; devia ser comédia, pois o pessoal ria frequentemente e às vezes até batia palmas. Mas, talvez alguma enfermeira a estivesse olhando, por isso começou a rir e aplaudir juntamente com os outros. O filme era pequeno. As luzes reacenderam-se e as enfermeiras conduziram as suas pupilas para fora da sala. Terminara o espetáculo. Os homens permaneceram sentados, enquanto as mulheres saíram. O sol desaparecera. Era noite. Virginia respirou fundo. Era a pri-



Viu que havia estrelas...

meira vez, em muitos meses, que sala à noite. Olhou para além da silhueta negra dos prédios e viu que havia estrelas. — Não foi um bom filme? — perguntou a srta. Fredericks, a enfermeira da noite, quando estavam no lavatório. Virginia concordou, mas continuou a pensar nas estrelas. A srta. Fredericks ordenou: — Medicação, senhoras! — Virginia bebeu sua porção e foi para o dormitório. Deitou-se. As outras já dormiam. Pensou: «A gente pode afogar qualquer dor no travesseiro; pode bater à vontade no colchão duro e nenhuma dessas dorminhocas paraldeídicas acordará. E mesmo que a gente chore, sabe que será só por cinco minutos, pois logo o paraldeído começará a agir...»



— Você ficou muito bem.

Quando vinha chegando a srta. Hart, Virginia tomou o escovão de Gladys. Gladys era uma das três que a julgavam médica; o que era bastante útil no caso do escovão. — Tome, doutora — respondeu Gladys, devolvendo o instrumento. Mas daquela vez a srta. Hart deixou o escovão com Gladys. E levou Virginia para uma nova sala, onde ela reconheceu certas coisas. E' claro que não se tratava de suas próprias roupas; o hospital fizera duplicatas para enganá-la. A srta. Hart ajudou-a a pôr um vestido que antes era apertado mas que agora estava anormalmente folgado. Na bolsa, Virginia viu as cartas de Robert e não pôde conter um grito. Mas a enfermeira disse logo: — E' melhor vê-lo pessoalmente do que só as cartas, não é? — Era uma coisa para a qual não estava preparada. E virou o rosto para ocultar



— Alô, — disse o rapaz parecido com Robert.

as lágrimas. A srta. Hart aplicou então um pouco de rouge nas bochechas de Virginia e recuou um passo para ver o efeito. — Você ficou bem — disse. Depois, naquela mesma tarde, Virginia olhou por uma das janelas e teve a impressão de ter visto Robert lá em baixo, na calçada. «E' melhor olhar para outra banda, senão você vai começar a imaginar coisas», pensou. — Virginia — chamou logo depois a srta. Hart. — Aqui está ele! — A porta estava aberta, e lá estava Robert. E' claro que não era Robert, mas eles sempre davam um jeitinho de imitar tudo. — Alô — disse o rapaz. — Alô — disse Virginia. E sorriu ao pensar que eles esperavam enganá-la daquela maneira tão tola. — Podem sair, os dois — disse a srta. Hart. — Sr. Cunningham, cuidado para que ela não se canse muito. — Ele respondeu: — Fique tranquila. — E



Foi uma festa. Um piquenique, como há muitos anos...

Virginia achou a voz parecida com a de Robert, também. Eram sabidíssimos! Ela ficou olhando o rapaz com admiração. A criação merecia reconhecimento. Ele a levou delicadamente para fora, para uma pequena clareira do bosque, dizendo então que o dr. Kirk a achava muito melhor. E' afinal ela descobriu que ele era Robert mesmo. Ele esticou uma toalha no gramado e tirou da cesta um frango assado. — Tomates — ele dizia — têm vitaminas. Torta de maçã e uma garrafa térmica de café. Desta vez não esqueci do sal. — Era uma festa. Como há muitos anos... Virginia perguntou: — O que é que eu tenho? — Será algum tumor no cérebro? — Deus! Não! — respondeu ele. — E' apenas uma perturbação nervosa. — Será que é muito grave? — Não. Mas leva tempo, só isso!



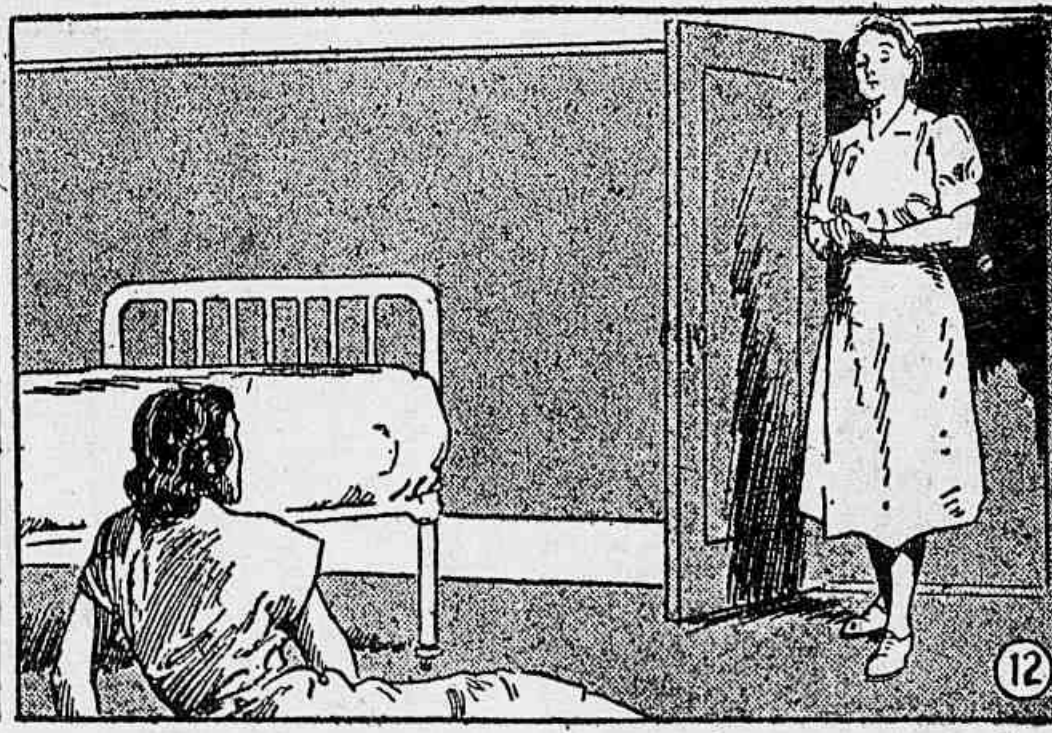
As enfermeiras não a viram...

Naquela noite, depois de ver o marido, Virginia ficou pensando se teria imaginado o piquenique. Talvez fosse um sonho... E isso levou-a a imaginar se estaria mesmo em Juniper Hill. Talvez estivesse em casa, na cama, tendo um vasto pesadelo... A enfermeira se esquecera do paraldeído de Virginia. Por isso ela estava acordada. Ou, no sonho, pensasse estar acordada. Uma prova simples seria ir até o banheiro. Desceu para o saguão; as luzes estavam baixas... Perto da porta do escritório, a srta. Fredericks conversava com outra enfermeira. Não viram Virginia. Ela entrou no banheiro, bebeu um gole d'água e voltou ao dormitório. Pouco depois a srta. Hart dava «Bom dia, senhoras!»... Tanto podia ter sido no dia seguinte como uma semana depois; talvez tivesse havido até entre piquenique com Robert, no intervalo. Ela nunca



— V. Cunningham, da terceira?

saberia. Mas lá chegou um dia especial, em que a srta. Hart lhe comunicou que fora transferida para a «Primeira Enfermaria». Virginia começou a tremer. — Oh, e meu marido sabe disso? Como é que ele me vai encontrar, depois? — Não se preocupe, — respondeu a enfermeira, — o dr. Kirk disse a ele. Estamos contentes com você. — Então é uma promoção? — E das boas. Não é sempre que vemos alguém pular uma enfermaria, assim como você. — Mas não estou preparada — Virginia ouviu-se dizer. E a srta. Hart explicou: — Siga as ordens da srta. Davis, que nada acontecerá. Logo que ouviu aquele nome Virginia soube o que a assustava na Primeira Enfermaria. «Srta. Davis». E pouco depois estava diante dela... uma enfermeira toda de branco, mulher muito bonita, que perguntou: — V. Cunningham, da Terceira? — Exata-



— Na Primeira Enfermaria, ninguém se delta no chão.

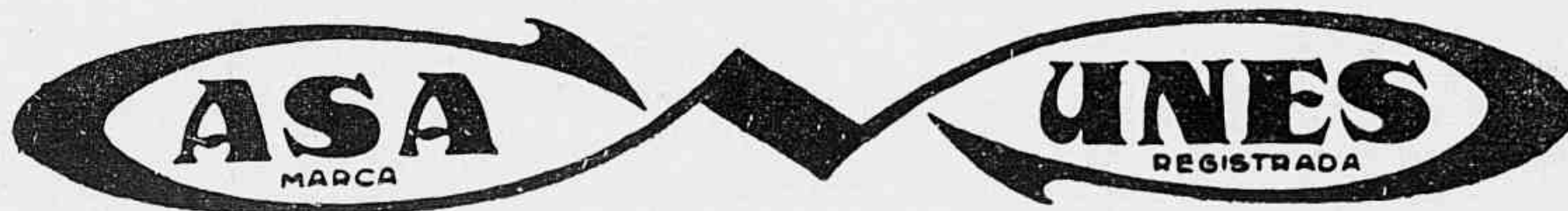
mente, srta. Davis — respondeu a estudante que a acompanhava. Virginia foi levada para um quarto. A cama estava arrumada com toda a perfeição. Não tinha uma ruga. Enquanto esperava a srta. Davis, ela sentou-se no chão. Depois, deitou-se. Quando acordou, a srta. Davis estava parada na porta, dizendo-lhe que se levantasse. — Na Primeira Enfermaria, — dizia ela, — ninguém se delta no chão. — Fiquei com receio de desarrumar a cama — disse Virginia. Ela transferira umas coisinhas para uma caixa de bombons, para a qual olhava a srta. Davis. — E' minha carteira... minha bolsa — e Virginia sorriu. Mas viu logo que não devia ter sorrido, pois a expressão da srta. Davis se acentuou um pouco. Os olhos dela tinham uma expressão dessas que a gente não se incomoda de ver nos olhos de um gato...



E difícil a escolha... no meio de tanta variedade de desenhos, qualidades e estilos. Macios, silenciosos e coloridos, os tapetes e passadeiras dão uma inefável sensação de conforto, beleza e bem-estar. Aproveite este Natal para escolher o tapete que lhe agrada e de que a sua casa está precisando.

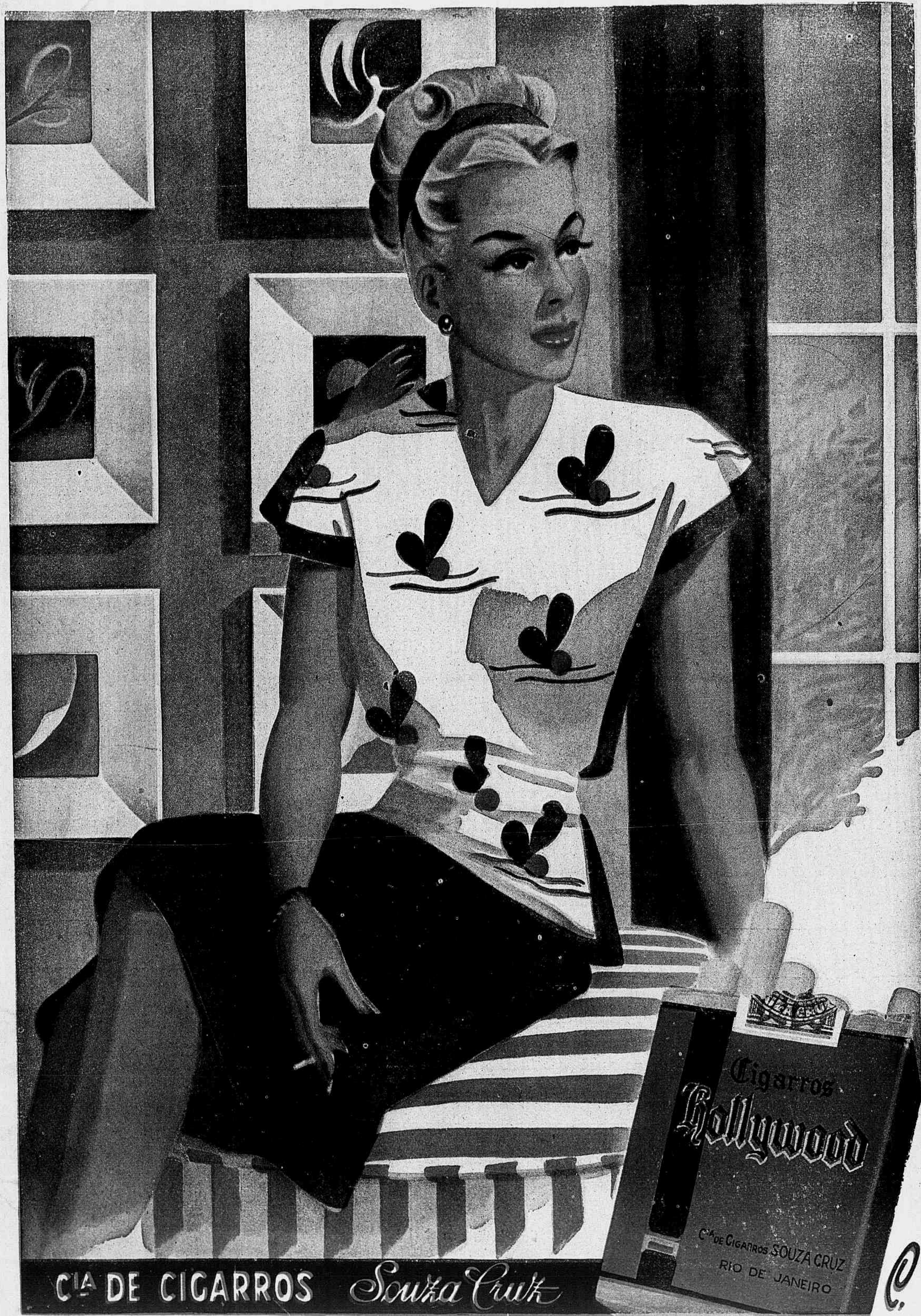
MOBILIÁRIOS — DECORAÇÕES

Grande sortimento de passadeiras e tapetes **ORIENTAIS** (legítimos), ingleses, franceses, portugueses (Arraiolos) e nacionais, em todos os tamanhos.



Fundada em 1912

65 - RUA DA CARIOCA. - 67 - RIO



CIA DE CIGARROS

Souza Cruz

Cigarros
Hollywood

CIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ
RIO DE JANEIRO

©